

Allan Kardec

Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas

**Exposição completa das condições necessárias
à comunicação com os Espíritos e os meios de
desenvolver nos médiuns a faculdade mediúnica**

Título do original francês:

Instruction Pratique sur les Manifestations Spirites



Aurora Boreal



Conteúdo resumido

Esta é, possivelmente, a obra menos conhecida de Kardec: um manual dedicado aos médiuns.

Lançada em 1858 (“O Livro dos Espíritos” data de 1857), esta é, em ordem cronológica, a segunda obra espírita publicada pelo Codificador; um livro esquecido, depois da publicação de “O Livro dos Médiuns”, que o substituíra, segundo as palavras de Kardec.

Todavia, Jean Meyer, sucessor de Allan Kardec na direção da Revista Espírita, redescobriu e publicou estas *Instruções* em 1923. E no mesmo ano Cairbar Schutel traduziu-as para o leitor brasileiro.

Ambos, Meyer e Cairbar, perceberam não só o grande valor histórico deste pequeno livro, mas também a importância do seu compacto e precioso vocabulário espírita – cerca de 160 verbetes –, que foi, nos parece, a primeira tentativa nesse sentido, realizada pelo próprio Codificador.

Instruções Práticas revela-se, portanto, um dos importantes documentos históricos que marcaram o início do Movimento Espírita, além de ser de grande utilidade o seu vocabulário espírita como fonte de consulta.

Prefácio da Editora

Esta obra é, por ordem cronológica, a segunda da Codificação Espírita. *O Livro dos Espíritos* foi apresentado ao mundo em 1857. *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* veio a lume no ano de 1858, o mesmo ano em que foi criada a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* e a *Revista Espírita*.

Em agosto de 1860, referindo-se a estas *Instruções Práticas*, Kardec fazia seus leitores saberem que: “Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Substituí-la-á novo trabalho, ora no prelo, que será muito mais completo e diversamente planificado.”

Esse “novo trabalho” era nada menos do que *O Livro dos Médiuns*, um perfeito tratado de parapsicologia editado com 100 anos de antecipação aos trabalhos do famoso Dr. Joseph B. Rhine.

Em sua biografia de Allan Kardec, Henri Sausse menciona essa refusão ao escrever: “*O Livro dos Médiuns* fora precedido por uma obra menos extensa: *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*. Quando a edição desse livro se esgotou, Allan Kardec substituiu-o por *O Livro dos Médiuns*, que é o “*vade-mécum*” de todos quantos desejam se entregar, com resultado, ao estudo do Espiritismo experimental.”

Assim sendo, o livro conheceu um único lançamento sob a supervisão direta de Kardec.

Anos decorridos, todavia, encontrando-se à frente da “Casa dos Espíritos”, o dinâmico e inesquecível Jean Meyer julgou de bom alvitre relançar o pequeno livro. Uma “segunda edição” foi impressa em 1923, isto é, 63 anos após a sua publicação inicial. Lendo-o, Cairbar Schutel teve seu interesse despertado. *Instruções Práticas* revelava-se um livro singelo, porém dotado de extraordinário poder de síntese. Não apenas um simples valor histórico motivava a sua reedição, porém bem mais do que isto: Schutel, como Meyer, homem de olhar agudo, capaz de devassar o futuro, antevia o momento dos “Dicionários”, das “Enciclopédias” de doutrina espírita. O pequeno volume continha a primeira

tentativa nesse sentido e era o Codificador, com sua própria mão, quem redigia o primeiro “Vocabulário Espírita”. Isso justificava plenamente a edição das *Instruções Práticas*.

A esse respeito, Schutel cartou-se com Jean Meyer e deste veio-lhe não apenas o estímulo, mas a autorização especial para a tradução da obra em língua portuguesa. E no mesmo ano em que as *Instruções* ocupavam as vitrinas livrarias de Paris, Cairbar Schutel entregava-as ao leitor brasileiro.

O lançamento das obras da Codificação no Brasil deve-se ao trabalho de dignos pioneiros e de respeitáveis casas editoras; julgamos oportuno e justo oferecer de novo este livro já considerado “raridade”. E isto o fazemos com o simples e único cuidado de atualizar-lhe a ortografia e burilar-lhe o texto.

Wallace Leal V. Rodrigues

Matão, maio de 1978.

Introdução

Muitas pessoas nos têm pedido que lhes indiquemos as condições que devem preencher e a maneira como devem proceder para se tornarem médiuns.

A solução deste problema é mais complexa do que parece à primeira vista, uma vez que depende de conhecimentos preliminares necessariamente extensos. Para realizar experiências de física e de química faz-se necessário, em primeiro lugar, conhecer a física e a química. As respostas que temos dado a essas pessoas não podem comportar explicações incompatíveis com os limites de uma correspondência epistolar; por outro lado o tempo material não nos permite satisfazer a todos os consulentes; tudo isso determinou a publicação destas instruções, necessariamente mais completas do que tudo quanto poderíamos escrever diretamente.

Será um contra-senso pensar que se encontre nesta obra uma receita universal e infalível para a formação de médiuns. Embora cada pessoa tenha em si o germe das qualidades necessárias para se tornar médium, estas qualidades se apresentam em graus muito diferentes e seu desenvolvimento depende de fatores que a ninguém é dado fazer nascer à vontade.

As regras da poesia, da pintura e da música não fazem poetas, nem pintores, nem músicos daqueles que não possuem vocação; elas guiam no emprego das faculdades naturais. O mesmo se dá relativamente ao nosso trabalho. Seu objetivo é indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica tanto quanto o permitam as disposições de cada pessoa e, sobretudo, quando essa faculdade existe, orientar o seu emprego de maneira útil.

Não é este, entretanto, o único fim que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, existe a multidão, que aumenta a cada dia, dos que se interessam pelas manifestações espíritas. Guiar essas pessoas em suas pesquisas, assinalar-lhes os tropeços que podem e devem necessariamente encontrar em um terreno tão novo, iniciá-las na maneira de se corresponderem com os espíritos, indicar-lhes o meio de obterem boas

comunicações, tal é a área que devemos abranger sob pena de realizarmos obra incompleta.

Não deverá, portanto, causar estranheza ao leitor encontrar neste trabalho matérias que, à primeira vista, possam parecer deslocadas de seu cômputo geral. A experiência provará sua utilidade. Depois de estudados com cuidado, melhor se compreenderão os fatos verificados na prática mediúnica, e a linguagem de certos espíritos parecerá menos estranha. Como um compêndio de instruções práticas, este livro não se dirige exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estão em condições de ver e observar os fenômenos espíritas.

A ciência espírita se baseia, necessariamente, sobre a existência dos espíritos e sua intervenção no mundo corporal. Este fato é hoje admitido por um número tão grande de pessoas, que seria supérfluo demonstrá-lo. Sendo nosso objetivo guiar as pessoas que desejam se ocupar com as manifestações, supomo-las suficientemente informadas tanto sobre esta questão quanto relativamente às verdades fundamentais que delas decorrem. Por esse motivo julgamos inútil entrar em explicações a tal respeito. Eis por que não as abordaremos e não procuraremos discutir as controvérsias, nem refutar as objeções. Dirigimo-nos tão-somente às pessoas convencidas ou dispostas a pesquisar com honestidade e boa fé. Quanto às que nada conhecem do assunto, estas não encontrarão aqui certas explicações que poderiam talvez desejar, visto que consideramos como demonstrado o ponto de partida. Aos que contestam esse ponto de partida diremos: vede e observai quando se apresentar a ocasião. Se, apesar dos fatos e do raciocínio persistirdes em vossa incredulidade, consideraremos como perdido o tempo que gastaríamos em querer tirar-vos de um erro no qual, sem dúvida, vos comprazeis. Respeitamos vossa opinião, respeitai a nossa. Eis tudo quanto vos pedimos.

Começaremos estas instruções pela exposição dos princípios gerais da doutrina.

Embora possa parecer mais racional começar pela prática, julgamos que, aqui, esse não é o caso: há uma convicção moral que só o raciocínio pode dar. Aqueles, pois, que tiverem adquiri-

do as primeiras noções pelo estudo da teoria compreenderão melhor a necessidade de certos preceitos recomendados na prática e mostrarão, em relação a eles, disposições mais favoráveis. Conduzindo os indecisos para o terreno da realidade, esperamos destruir os preconceitos que podem prejudicar o resultado que se intenta alcançar; poupar os ensaios infrutíferos, porque mal dirigidos ou dirigidos no sentido de obter o impossível; e, enfim, combater as idéias supersticiosas que têm sempre sua origem na noção falsa ou incompleta dos fenômenos.

As manifestações espíritas são origem de uma multidão de idéias novas que não puderam encontrar representação na linguagem usual; elas têm sido expressas por analogia, como acontece no início de toda ciência. Daí a ambigüidade dos vocábulos, origem de intermináveis discussões. Com palavras claramente definidas e um vocábulo para cada coisa, torna-se mais fácil a mútua compreensão; se se discute, é, então, a respeito do fundo, não mais a respeito de forma.

Foi para atingir tal objetivo e pôr em ordem essas idéias novas e ainda confusas, que nos dispusemos, em primeiro lugar, a inventariar todas as palavras que se referem, direta ou indiretamente, à doutrina espírita, oferecendo, a respeito delas, explicações sucintas, porém suficientes para fixar as idéias. A ciência espírita deve ter seu vocabulário como todas as outras ciências. Para compreender uma ciência é preciso, em primeiro lugar, compreender-lhe a terminologia; eis a primeira coisa que recomendamos àqueles que desejam realizar um estudo sério do Espiritismo. Seja qual for sua opinião anterior e pessoal sobre os diversos pontos da doutrina, poderão, com conhecimento de causa, discuti-los. A organização em ordem alfabética permitirá, por outro lado, recorrer mais facilmente às definições e às informações que são a chave da abóbada do edifício e que servirão para refutar, em poucas palavras, certas críticas e evitar uma catadupa de perguntas.

A especialidade do objetivo que nos propusemos indica os limites naturais desta obra. Tocando a ciência espírita todos os pontos da metafísica e da moral e – por que não dizer! – a maior parte dos conhecimentos humanos, não seria em um quadro tão

restrito que poderíamos ventilar todas as questões ou discutir todas as objeções.

Para os estudos complementares, indicamos *O Livro dos Espíritos* e a *Revista Espírita*.¹ No primeiro se encontrará a exposição completa e metódica da doutrina, tal qual a ditaram os próprios espíritos, e na segunda, além da relação e apreciação dos fatos, uma variedade de assuntos que só uma publicação periódica comporta. A coleção desta revista constituirá o repertório mais completo sobre a matéria, em seu tríplice aspecto, histórico, dogmático e crítico.

Vocabulário Espírita

Agênere (do gr. *a*, privativo e *géine*, *geinomai*, engendrar; o que não foi engendrado) – variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos que podem revestir, momentaneamente, as formas de uma pessoa viva a ponto de iludir completamente os observadores.

Alma (do lat. *anima*, gr. *anemos*, sopro, emanção, ar) – segundo uns, é o princípio da vida material; segundo outros, é o princípio da inteligência, sem individualidade depois da morte. Conforme as diversas doutrinas religiosas, é um ser imaterial, distinto, do qual o corpo não é senão o invólucro. Sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade depois da morte.

Esta diversidade de acepções dadas a uma mesma palavra é uma fonte perpétua de controvérsias, o que não se daria se cada idéia tivesse sua representação nitidamente definida. Para evitar qualquer mal-entendido sobre o sentido que damos a esta palavra, chamaremos:

Alma espírita, ou simplesmente *alma* – o ser imaterial, distinto e individual, unido ao corpo que lhe serve de invólucro temporário, isto é, o espírito em estado de encarnação, e que somente pertence à espécie humana;

Princípio vital – o princípio geral da vida material, comum a todos os seres orgânicos, homens, animais e plantas; e *alma vital* – o princípio vital individualizado em um ser qualquer;

Princípio intelectual – o princípio geral da inteligência comum aos homens e animais; e *alma intelectual* – este mesmo princípio individualizado.

Alma universal – nome que certos filósofos dão ao princípio geral da vida e da inteligência (v. *Todo universal*).

Alucinação (do lat. *hallucinatio*, – *onis*, erro, engano, alucinação) – aparente percepção de objetos externos, não presentes no momento; ilusão; devaneio. Os fenômenos espíritas, que provêm da emancipação da alma, provam que o que se qualifica

de alucinação é, muitas vezes, uma percepção real análoga à da dupla-vista, do sonambulismo ou êxtase, provocada por um estado anormal, um efeito das faculdades da alma desprendida dos laços corpóreos. Sem dúvida ocorre, em certas circunstâncias, uma verdadeira alucinação no sentido correlato ao termo. Mas a ignorância e a pouca atenção que se tem dado, até o presente, a essas espécies de fenômenos fizeram considerar como uma ilusão o que é, freqüentemente, uma visão real. Quando não se sabe explicar um fato psicológico, acha-se mais simples classificá-lo de alucinação.

Anjo (do lat. *angelus*, gr. *aggelos*, mensageiro) – segundo a idéia vulgar, os anjos são seres intermediários entre o homem e a divindade, por sua natureza e poder, e que podem manifestar-se, quer por avisos ocultos, quer de um modo visível. Eles não foram criados perfeitos, pois a perfeição supõe a infalibilidade e alguns dentre eles se revoltaram contra Deus. Diz-se: os bons e maus anjos, o anjo das trevas. Entretanto a idéia mais geral, ligada a esta palavra, é a da bondade e da suprema virtude.

Segundo a doutrina espírita, os anjos não são seres à parte e de uma natureza especial: são os Espíritos da primeira ordem, isto é, os que chegaram ao estado de puros Espíritos depois de terem sofrido todas as provas.

Nosso mundo não é de toda a eternidade e, muito tempo antes que ele existisse, já Espíritos haviam atingido esse grau supremo; os homens então acreditaram que eles sempre foram assim.

Aparição – fenômeno pelo qual os seres do mundo incorpóreo se manifestam à vista.

Aparição vaporosa ou *etérea* – a que é impalpável e inatingível, e não oferece nenhuma resistência ao toque;

Aparição tangível ou *estereológica* – a que é palpável e apresenta a consistência de um corpo sólido.

A *aparição* difere da *visão* por ocorrer no estado de vigília, através dos órgãos visuais e enquanto o homem tem a plena consciência de suas relações com o mundo exterior. A *visão* dá-se no estado de sono ou de êxtase. Ocorre igualmente no estado de vigília, por efeito da segunda-vista. A *aparição* é registrada

pelos olhos do corpo; produz-se no próprio lugar em que nos encontramos; a *visão* tem por objeto coisas ausentes ou distantes, percebidas pela alma em seu estado de emancipação e quando as faculdades sensitivas estão mais ou menos suspensas (v. *Lucidez, Clarividência*).

Arcanjo – anjo de uma ordem superior (v. *Anjo*). A palavra *anjo* é um termo genérico que se aplica a todos os Espíritos puros. Se admitirmos, relativamente aos anjos, diferentes graus de elevação, poderemos, para empregar termos conhecidos, designá-los pelas palavras *arcanjos* e *serafins*.

Ateu, Ateísmo (do gr. *atheos*, composto de *a*, privativo, e de *theos*, Deus: sem Deus; que não crê em Deus) – o Ateísmo é a negação absoluta da divindade. Todo aquele que crê na existência de um ser supremo, quaisquer que sejam os atributos que lhe suponha e o culto que lhe renda, não é ateu. Toda religião repousa necessariamente na crença em uma divindade. Esta crença pode ser mais ou menos esclarecida, mais ou menos conforme à verdade; todavia uma religião atéia é um contra-senso.

O Ateísmo absoluto tem poucos prosélitos, porque o sentimento da divindade existe no coração do homem independentemente de qualquer ensino. O ateísmo e o Espiritismo são incompatíveis.

Batedor (v. *Espírito*).

Céu, no sentido de morada dos bem-aventurados (v. *Paraíso*).

Clarividência – propriedade inerente à alma e que dá a certas pessoas a faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão (v. *Lucidez*).

Classificação dos Espíritos (v. *Escala espírita*).

Comunicação espírita – manifestação inteligente dos Espíritos tendo por objeto uma troca contínua de pensamento entre eles e os homens. Distinguem-se em:

Comunicações frívolas – as que se referem a assuntos fúteis e sem importância;

Comunicações grosseiras – as que se traduzem por expressões que ofendem a decência;

Comunicações sérias – as que excluem a frivolidade, qualquer que seja o assunto de que tratem;

Comunicações instrutivas – as que têm por objeto principal um ensinamento dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc..

(Quanto às modalidades de comunicações, v. *Sematologia, Tiptologia, Pneumatofonia, Pneumatografia, Psicofonia, Psicografia, Telegrafia humana*).

Crisíaco – aquele que está em um estado momentâneo de crise produzida pela ação magnética. Esta circunstância se oferece mais particularmente naqueles em que esse estado é espontâneo e acompanhado de uma superexcitação nervosa. Os crisíacos gozam, em geral, de lucidez sonambúlica ou da segunda-vista.

Deísta – aquele que crê em Deus, sem admitir o culto exterior. Sem razão confunde-se às vezes *deísmo* com *ateísmo* (v. *Ateu*).

Demônio (do lat. *Daemo*, feito do gr. *Daimon*, gênio, sorte, destino, manes) – *Daemones*, tanto em grego como em latim, se diz de todos os seres incorpóreos, bons ou maus, e que se supõe terem conhecimentos e poder superiores aos dos homens. Nas línguas modernas esta palavra é geralmente tomada em má acepção, que se restringe aos gênios malfazejos. Segundo a crença vulgar os demônios são seres essencialmente maus por sua natureza. Os Espíritos nos ensinam que Deus, sendo soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres voltados ao mal e desgraçados por toda a eternidade. Segundo eles não há *demônios* na acepção absoluta e restrita desta palavra; há apenas Espíritos imperfeitos, que podem, todos, aperfeiçoarem-se por seus esforços e por sua vontade. Os Espíritos da nona classe seriam os verdadeiros *demônios*, se esta palavra não implicasse a idéia de uma natureza perpetuamente má.

Demônio familiar (v. *Espírito familiar*).

Demonologia, demonografia – tratado da natureza e da influência dos demônios.

Demonomancia (do gr. *daimon* e *manteia*, adivinhação) – pretenso conhecimento do futuro pela inspiração dos demônios.

Demonomania – variedade de alienação mental que consiste em crer-se possuído pelo demônio.

Diabo (do gr. *Diabolos*, delator, acusador, maldizente, caluniador) – segundo a crença vulgar, é um ser real, um anjo rebelde, chefe de todos os demônios, e que tem um poder bastante grande para lutar contra o próprio Deus. Ele conhece nossos pensamentos mais secretos, insufla todas as más paixões e toma todas as formas para nos induzir ao mal. Conforme a doutrina dos espíritos sobre os demônios, o diabo é a personificação do mal; é um ser alegórico, resumindo em si todas as paixões más dos Espíritos imperfeitos. Da mesma forma que os povos da antigüidade davam às suas divindades alegóricas atributos especiais – ao *tempo* uma foice de segar, uma ampulheta, asas e a figura de um ancião; à *fortuna* uma venda sobre os olhos e uma roda sob um pé, etc. –, igualmente o diabo teve que ser representado sob os traços característicos da baixaza de inclinações. Os chifres e a cauda são os emblemas da bestialidade, isto é, da brutalidade, das paixões animais.

Deus – inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom, e infinito em todas as suas perfeições.

Dríades (v. *Hamadríades*).

Duendes – espíritos travessos, espécies de trasgos, mais traquinas do que maus, que pertencem à classe dos Espíritos levianos (v. *Trasgos*).

Emancipação da alma – estado particular da vida humana durante o qual a alma, desprendendo-se de seus laços materiais, recupera algumas das suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos. Este estado se manifesta principalmente pelo fenômeno dos sonhos,

da soniloquia, da dupla-vista, do sonambulismo natural ou magnético e do êxtase (v. estas palavras).

Encarnação – estado dos Espíritos que revestem um invólucro corporal. Diz-se: *Espírito encarnado*, em oposição a *Espírito errante*. Os Espíritos são errantes no intervalo de suas diferentes encarnações. A encarnação pode ocorrer na Terra ou em outro mundo.

Erraticidade – estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas diversas existências corpóreas. A erraticidade não é um sinal absoluto de inferioridade para os Espíritos. Há Espíritos errantes de todas as classes, salvo os da primeira ordem ou puros espíritos, que não tendo mais que sofrer encarnação, não podem ser considerados como errantes. Os Espíritos errantes são felizes ou desgraçados segundo o grau de sua purificação. É nesse estado que o Espírito, tendo despido o véu material do corpo, reconhece suas existências anteriores e os erros que o afastam da perfeição e da felicidade infinita. É então, igualmente, que ele escolhe novas provas, a fim de avançar mais depressa.²

Escala espírita – quadro das diferentes ordens de Espíritos, indicando os graus que eles têm de percorrer para chegar à perfeição. Ela compreende três ordens principais: os Espíritos imperfeitos, os bons Espíritos, os puros Espíritos, subdivididos em nove classes caracterizadas pela progressão dos sentimentos morais e das idéias intelectuais.

Os próprios Espíritos nos ensinam que eles pertencem a diferentes categorias, segundo o grau de sua purificação, mas nos dizem também que essas categorias não constituem espécies distintas e que todos os Espíritos são chamados a percorrê-las sucessivamente (v. as explicações relativas ao caráter de cada classe de Espíritos no capítulo especial).

Esfera – palavra pela qual certos Espíritos designam os diferentes graus da escala espírita. Eles dizem que se chegou à quinta ou à sexta esfera, como outros dizem do quinto ou sexto céu. Pela maneira como se exprimem, poder-se-ia supor que a Terra é

um ponto central, cercado de esferas concêntricas nas quais se realizam sucessivamente os diferentes graus de perfeição. Alguns falam ainda da esfera do fogo, da esfera das estrelas, etc.. Como as mais simples noções astronômicas bastam para mostrar o absurdo de semelhante teoria, ela não pode provir senão, ou de uma falsa interpretação dos termos, ou de Espíritos ainda muito atrasados, imbuídos dos sistemas de Ptolomeu e Tycho-Brahe. Se um homem que julgais sábio sustenta uma teoria evidentemente absurda, duvidais do seu saber; o mesmo deve ocorrer em relação aos Espíritos. É pela experiência que aprendemos a conhecê-los. Estas expressões são viciosas, mesmo tomadas em sentido figurado, porque podem induzir em erro sobre o sentido verdadeiro pelo qual se deve entender a progressão dos Espíritos (v. *Reencarnação*).

Espírita – o que se refere ao Espiritismo.³

Espiritismo – doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em sua comunicação com os homens.

Espiritista – aquele que adota a doutrina espírita.

Espírito / Espíritos (do lat. *spíritus*, feito de *spirare*, soprar) – no sentido especial da doutrina espírita, *os Espíritos são seres inteligentes da criação e povoam o Universo fora do mundo corpóreo*.⁴

A natureza íntima dos Espíritos nos é desconhecida; eles mesmos não a podem definir, seja por ignorância, seja pela insuficiência da nossa linguagem. Somos, a este respeito, como cegos de nascença em face da luz. Segundo o que eles nos dizem, o Espírito não é material no sentido vulgar da palavra, não é tampouco imaterial em sentido absoluto, porque o Espírito é *alguma coisa* e a imaterialidade absoluta seria o nada. O Espírito é, pois, formado de uma substância, mas da qual a matéria grosseira que impressiona nossos sentidos não pode dar-nos uma idéia. Pode-se compará-lo a uma chama ou centelha cujo brilho varia segundo o grau de sua purificação. Pode tomar todas as espécies de formas por meio do *perispírito* de que está envolvido (v. *Perispírito*).

Espírito batedor – é o que revela sua presença batendo pancadas. Pertence às classes inferiores.

Espírito elementar – Espírito considerado em si mesmo e feita abstração de seu perispírito ou invólucro semimaterial.⁵

Espírito familiar – Espírito que se liga a uma pessoa ou a uma família, quer para protegê-la, se é bom, quer para prejudicá-la, se é mau. O Espírito familiar não precisa ser evocado; está sempre presente e responde instantaneamente ao apelo que se lhe faz. Muitas vezes manifesta sua presença por sinais sensíveis.

Espiritualismo – crença na existência de uma alma espiritual, imaterial, que conserva a sua individualidade depois da morte, abstração feita da crença nos Espíritos; é o oposto do *materialismo* (v. *Materialismo, Espiritismo*). Todo aquele que crê que tudo em nós não é matéria é *espiritualista*, mas não se segue daí que admita a doutrina dos Espíritos. Todo *espiritista* é necessariamente espiritualista, mas pode-se ser *espiritualista* sem ser *espiritista*; o materialista não é uma nem outra coisa. Como são duas idéias essencialmente distintas, era necessário distingui-las por palavras diferentes, a fim de evitar qualquer equívoco. Mesmo para aqueles que consideram o Espiritismo como uma idéia quimérica, faz-se ainda mister designar essa idéia por uma palavra especial. Esta medida é imprescindível, tanto no que diz respeito às idéias falsas quanto às verdadeiras, a fim de nos entendermos.⁶

Estereológicas (do gr. *stéreas*, sólido) – aparições que adquirem as propriedades da matéria resistente e tangível. Diz-se por oposição às aparições vaporosas ou etéreas, que são impalpáveis. A aparição estereológica apresenta, *temporariamente* à vista e ao toque as propriedades de um corpo vivo.

Evocação (v. *Invocação*).

Expição – pena que sofrem os Espíritos como punição das faltas cometidas durante a vida corporal. A expiação, sofrimento moral, ocorre no estado de erraticidade como o sofrimento físico ocorre no estado corporal. As vicissitudes e os tormentos da vida

corporal são, ao mesmo tempo, provas para o futuro e expiação do passado.

Êxtase (do gr. *ekstasis*, arrebatamento, arroubo de espírito; feito de *existêmi*, tomar de espanto) – paroxismo da emancipação da alma durante a vida corporal, de que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. Nesse estado a alma não se prende mais ao corpo senão por laços fracos, que ela procura romper; pertence mais ao mundo dos Espíritos, que ela entrevê, do que ao mundo material. O êxtase é, algumas vezes, natural e espontâneo; pode também ser provocado pela ação magnética e, neste caso, é um grau superior de sonambulismo.

Fadas (do lat. *fata*) – segundo a crença vulgar, as fadas são seres semimateriais, dotados de um poder sobre-humano. São boas ou más, protetoras ou malfazejas; podem tornar-se, à vontade, visíveis ou invisíveis e assumir todas as espécies de formas. As fadas sucederam, na Idade Média e entre os povos modernos, as divindades subalternas dos antigos. Se separarmos suas histórias do maravilhoso com que lhes veste a imaginação dos poetas e a credulidade popular, encontraremos nelas todas as manifestações espíritas de que somos testemunhas e que se produziram em todas as épocas; é incontestavelmente aos fatos deste gênero que esta crença deve sua origem. Nas fadas que se diz presidirem ao nascimento de uma criança e segui-la no curso de sua vida, se reconhecem sem esforço os Espíritos ou gênios familiares. Suas inclinações mais ou menos boas e que são sempre o reflexo das paixões humanas colocam-nas, naturalmente, na categoria dos Espíritos inferiores ou pouco adiantados (v. *Politeísmo*).

Feiticeiros (em francês *sorcier*, do lat. *sors*, *sortis*, sorte, destino, fado) – se dizia, primitivamente, dos indivíduos que se julgavam capazes de deitar sortes a alguém e, por extensão, de todos aqueles aos quais se atribuía um poder sobrenatural. Os fenômenos estranhos que se produzem sob a influência de certos médiuns provam que o poder atribuído aos feiticeiros repousa em uma realidade, mas da qual o charlatanismo tem abusado como abusa de tudo. Se em nosso século esclarecido há ainda

peessoas que atribuem esses fenômenos aos demônios, com maior razão tal se suporia nos tempos da ignorância. Disso resultou que os indivíduos que possuíam, *mesmo sem o saber*, algumas das faculdades de nossos médiuns, eram condenados ao fogo.

Fluídico – oposto a sólido. Qualificação dada aos Espíritos por alguns escritores para caracterizar-lhes a natureza etérea. Diz-se os *Espíritos fluídicos*. Julgamos imprópria esta expressão, que apresenta, além disso, uma espécie de pleonasma, pouco mais ou menos como se disséssemos: *ar gasoso*. A palavra *Espírito* diz tudo. Ela encerra em si mesma sua própria definição, desperta necessariamente a idéia de uma coisa incorpórea. Um *Espírito* que não fosse fluídico não seria um Espírito. Esta palavra tem outro inconveniente, que é o de assemelhar a natureza dos Espíritos aos nossos fluidos materiais. Lembra demasiadamente a idéia de laboratório.

Fogo eterno – a idéia do fogo eterno, como um castigo, remonta à mais alta antigüidade e se origina na crença dos povos que colocavam os infernos nas entranhas da Terra, cujo fogo central lhes era revelado pelos fenômenos geológicos. Quando o homem adquiriu noções mais elevadas quanto à natureza da alma, compreendeu que um ser *imaterial* não podia sofrer os danos de um fogo *material*; mas o fogo nem por isso deixou de permanecer como a configuração do mais cruel suplício, e não se pode encontrar figura mais enérgica para pintar os sofrimentos morais da alma. É neste sentido que o entende hoje a alta teologia, é nesse sentido, igualmente, que se diz: arder de amor, ser consumido pelo ciúme, pela ambição, etc..

Gênio (do lat. *genius*, formado do grego *gênô*, engendrar, produzir) – neste sentido se diz que um homem capaz de criar ou de inventar coisas extraordinárias é um homem de gênio. Na linguagem espírita *gênio* é um sinônimo de *Espírito*. Diz-se indiferentemente: Espírito familiar e gênio familiar, bom e mau espírito, bom e mau gênio. A palavra Espírito encerra um sentido mais vago e menos circunscrito; o gênio é uma espécie de personificação de Espírito. Imaginamo-lo sob uma forma determinada, mais ou menos semelhante à forma humana, porém vaporosa e

impalpável, ora visível, ora invisível. Os gênios são os Espíritos em suas relações com os homens, atuando sobre eles por um poder oculto e superior.

Gênio familiar (v. *Espírito familiar*).

Gnomos (do gr. *gónon*, conhecedor, hábil, formado de *gnosko*, conhecer) – gênios inteligentes que se supõe habitarem o interior da Terra. Pelas qualidades que lhes são atribuídas, pertencem à ordem dos Espíritos imperfeitos e à classe dos Espíritos levianos.

Hamadriade (do gr. *ama*, junto, e *drüs*, carvalho; *Dríade*, de *drüs*, carvalho) – ninfa dos bosques, segundo a mitologia pagã. As dríades eram ninfas imortais que presidiam às árvores em geral e que podiam vagar em liberdade em redor daquelas que lhes eram particularmente consagradas. A *hamadriade* não era imortal, nascia e morria com a árvore, cuja guarda lhe era confiada e que ela nunca podia abandonar. Não é duvidoso hoje que a idéia das dríades e hamadriades tenha sua origem em manifestações análogas às de que somos testemunhas. Os antigos, que profetizavam tudo, divinizaram as inteligências ocultas que se manifestavam na própria substância dos corpos. Para nós, as hamadriades não passam de espíritos batedores.

Iluminado – qualificação dada a certos indivíduos que se pretendem esclarecidos por Deus, de maneira particular, e que são considerados geralmente como visionários ou doentes mentais. Diz-se: a seita dos iluminados. Sob esta denominação foram confundidos todos os que recebem comunicações inteligentes e *espontâneas* da parte dos Espíritos. Se neste número houve homens superexcitados por uma imaginação exaltada, conhece-se hoje a parte que se deve atribuir à realidade.

Instinto – espécie de inteligência rudimentar que dirige os seres vivos em suas ações, à revelia de sua vontade e no interesse de sua conservação. O instinto torna-se inteligência quando surge a deliberação. Pelo instinto age-se sem raciocinar; pela inteligência raciocina-se antes de agir. No homem confundem-se freqüentemente as idéias instintivas com as idéias *intuitivas*.

Estas últimas são as que ele hauriu, quer no estado de espírito, quer nas existências anteriores e das quais conserva uma vaga lembrança.

Inteligência – faculdade de conceber, de compreender e raciocinar. Seria injusto recusar aos animais uma espécie de inteligência e acreditar que eles apenas seguem maquinalmente o impulso cego do instinto. A observação demonstra que, em muitos casos, eles agem de propósito deliberado e conforme as circunstâncias; todavia essa inteligência, por admirável que seja, é sempre limitada à satisfação das necessidades materiais, ao passo que a do homem lhe permite elevar-se acima da condição de Humanidade. A linha de demarcação entre os animais e o homem é traçada pelo conhecimento que a este é dado ter, do Ser Supremo (v. *Instinto*).

Intuição (v. *Instinto, Tendências inatas*).

Invisível – nome com que algumas pessoas designam os Espíritos em suas manifestações. Esta denominação não nos parece feliz, em primeiro lugar porque se invisibilidade é para nós o estado normal dos Espíritos, sabe-se que ela não é absoluta, visto que eles podem aparecer-nos; em segundo lugar, esta qualificação nada tem que caracterize essencialmente os Espíritos. Ela se aplica, igualmente, a todos os corpos inertes que não impressionam o sentido da visão. A palavra *Espírito* tem, por si mesma, uma significação que desperta a idéia de um ser inteligente e incorpóreo. Notemos ainda que falando de um determinado Espírito, o de Fénelon, por exemplo, dir-se-á: foi o Espírito de Fénelon que disse tal coisa, e não que foi o Invisível de Fénelon. É sempre prejudicial à clareza e à pureza da linguagem desviar as palavras de sua acepção própria.

Invocação (do lat. *in*, em, e *vocare*, chamar) e **evocação** (do lat. *vocare* e *e* ou *ex*, de, fora de) – estas duas palavras não são sinônimos perfeitos, embora tenham a mesma raiz, *vocare*: chamar. É um erro empregá-las uma pela outra. *Evocar* é chamar, fazer vir a si, fazer aparecer por cerimônias mágicas, por encantamentos. Evocar almas, Espíritos, sombras. Os necromantes pretendiam evocar as almas dos mortos (acad.). Entre os

antigos, *evocar* era fazer saírem as almas dos infernos para fazê-las vir aos visos. *Invocar* é chamar a si ou em seu socorro um poder superior ou sobrenatural. Invoca-se Deus pela prece. Na religião católica invocam-se os Santos. Toda prece é uma invocação. A invocação está no pensamento; a evocação é um ato. Na invocação o ser ao qual nos dirigimos nos ouve; na evocação ele sai do lugar em que estava para vir a nós e manifestar sua presença. A invocação não é dirigida senão aos seres que supomos bastante elevados para nos assistir. Evocam-se tanto os Espíritos inferiores como os superiores. “Moisés proibiu, sob pena de morte, evocar as almas dos mortos, prática sacrílega em uso entre os cananeus. O 22º capítulo do II Livro dos Reis fala da *evocação* da sombra de Samuel pela pitonisa”.

A arte das evocações, como se vê, remonta à mais alta antigüidade. É encontrada em todas as épocas e em todos os povos. Outrora a evocação era acompanhada de práticas místicas, ou porque os evocadores as julgassem necessárias ou, o que é mais provável, para se atribuírem o prestígio de um poder superior. Hoje se sabe que o poder de evocar não é um privilégio, que ele pertence a toda gente e que as cerimônias mágicas, em geral, não passavam de um vão aparato.

Segundo os povos antigos, todas as almas evocadas ou eram errantes ou vinham dos infernos, que compreendiam, como se sabe, tanto os Campos Elíseos como o Tártaro; a essa idéia não se ligava nenhuma interpretação má. Na linguagem moderna, tendo-se restringido a significação da palavra *inferno* à morada dos réprobos, disso resultou que a idéia da invocação se ligou, para certas pessoas, à de maus Espíritos ou de demônios. Entretanto essa crença cai à medida que se adquire um conhecimento mais aprofundado dos fatos; também é ela a menos espalhada entre todos os que crêem na realidade das manifestações espíritas: ela não poderia prevalecer diante da experiência e de um raciocínio isento de preconceitos.

Lares (v. *Manes*, *Penates*).

Livre arbítrio – liberdade moral do homem; faculdade que ele tem de se guiar pela sua vontade na realização de seus atos.

Os Espíritos nos ensinam que a alteração das faculdades mentais, por uma causa acidental ou natural, é o único caso em que o homem fica privado de seu livre arbítrio. Fora disto é sempre senhor de fazer ou de não fazer. Ele goza desta liberdade no estado de Espírito, e é em virtude desta faculdade que escolhe livremente a existência e as provas que julga próprias para seu progresso; ele a conserva no estado corporal, a fim de poder lutar contra essas mesmas provas. Os Espíritos que ensinam esta doutrina não podem ser maus Espíritos (v. *Fatalidade*).

Lucidez, clarividência – faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão. É uma faculdade inerente à própria natureza da alma ou do Espírito, e que reside em todo o seu ser; eis por que em todos os casos em que há emancipação da alma, o homem tem percepções independentes dos sentidos. No estado corporal normal, a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais; desprendida desse obstáculo, ela não é mais circunscrita, estende-se por toda parte onde a alma exerce sua ação; tal é a causa da visão à distância de que gozam certos sonâmbulos. Eles se vêem no próprio local que observam e descrevem, ainda que este se situe mil léguas à distância, visto que, se o corpo não se acha acolá, a alma, em realidade, ali se encontra. Pode-se, pois, dizer que o sonâmbulo vê pelos olhos da alma.

A palavra *clarividência* é mais geral; lucidez diz-se mais particularmente da clarividência sonambúlica. Um sonâmbulo é mais ou menos lúcido, conforme a emancipação da alma é mais ou menos completa.

Magia, mago (do gr. *magos*, judicioso-sábio, formado de *mageia*, conhecimento profundo da natureza, de que se fez *mago*, sacerdote, sábio e filósofo entre os antigos persas) – a magia, em sua origem, era a ciência dos sábios; todos os que conheciam a astrologia, que se gabavam de predizer o futuro, que faziam coisas extraordinárias e incompreensíveis para o vulgo, eram apelidados *magos*. O abuso e o charlatanismo descreditaram a magia; entretanto os fenômenos que hoje reproduzimos pelo magnetismo, pelo sonambulismo e pelo Espiritismo provam que a magia não era uma arte puramente quimérica e que

entre muitos absurdos nela havia, seguramente, fenômenos bem reais. A vulgarização desses fenômenos teve como efeito destruir o prestígio daqueles que os operavam outrora, sob o véu do segredo, e abusavam da credulidade atribuindo-se um pretense poder sobrenatural. Graças a essa vulgarização, sabemos hoje que nada existe de sobrenatural neste mundo e que certas coisas parecem derrogar as leis da natureza apenas porque não lhes conhecemos as causas.

Magnetismo animal (do gr. e do lat. *magnes*, ímã) – assim chamado por analogia com o magnetismo mineral. Tendo a experiência demonstrado que esta analogia não existe, ou é apenas aparente, esta denominação deixa de ser exata. Todavia, como está consagrada por um uso universal, e como, além disso, o epíteto que se lhe acrescenta não permite equívoco, haveria mais inconveniência do que utilidade em mudar este nome. Algumas pessoas substituem-na pela palavra *Mesmerismo*; entretanto esta expressão até agora não prevaleceu.

O magnetismo animal pode ser assim definido: ação recíproca de dois seres vivos por intermédio de um agente especial chamado *fluido magnético*.

Magnetizador, magnetista – esta última palavra é empregada por algumas pessoas para designar os adeptos do magnetismo, os que crêem em seus efeitos. O magnetizador é o prático, o que exerce; o magnetista é o teórico. Pode-se ser magnetista sem ser magnetizador, mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista. Esta distinção parece-nos útil e lógica.

Manes (do lat. *manere*, ficar, segundo uns; de *manes*, *manium*, feito de *manus*, bom, segundo outros) – na mitologia romana e etrusca, os manes eram as almas ou as sombras dos mortos. Os povos antigos tinham grande respeito aos manes de seus antepassados, que julgavam poder apaziguar por meio de sacrifícios. Imaginavam-nos sob sua forma humana, porém vaporosa e invisível, vagando em redor dos próprios túmulos ou das próprias habitações e visitando suas famílias. Quem não reconheceria nesses *manes* os Espíritos sob o invólucro semima-

terial do perispírito, e que eles mesmos nos dizem estarem entre nós sob a forma que tinham durante a vida? (v. *Penates*).

Manifestação – ato pelo qual um Espírito revela sua presença. As manifestações são:

Ocultas – quando não têm nada de ostensivo e o Espírito se limita a agir sobre o pensamento;

Patentes – quando são apreciáveis pelos sentidos;

Físicas – quando se traduzem por fenômenos materiais, tais como ruídos, movimento e deslocamento de objetos;

Inteligentes – quando revelam um pensamento (v. *Comunicação*);

Espontâneas – quando são independentes da vontade e ocorrem sem que nenhum Espírito seja chamado;

Provocadas – quando são efeito da vontade, do desejo ou de uma evocação determinada;

Aparentes – quando o Espírito se faz visível à vista (v. *Aparição*).

Materialismo – sistema dos que pensam que tudo é matéria no homem e que, assim, nada sobrevive nele após a destruição do corpo. Parece-nos inútil refutar este ponto de vista, que, além do mais, é opinião pessoal de certos indivíduos e em parte alguma foi erigido em doutrina.⁷ Se se pode demonstrar a existência da alma pelo raciocínio, as manifestações espíritas dela oferecem as provas mais patentes; por meio dessas manifestações assistimos de mil maneiras diferentes a todas as peripécias da vida de além-túmulo. O materialismo, que se baseia apenas na negação, não pode fazer face à evidência dos fatos; eis por que a doutrina espírita tantas vezes triunfa sobre aqueles mesmos que mais resistiram a todos os outros argumentos. Sua vulgarização é o meio mais poderoso para extirpar esta chaga das sociedades civilizadas.

Medianimidade – faculdade dos médiuns. As palavras *mediunidade* e *medianimidade* são muitas vezes empregadas indiferentemente. Se quisermos fazer uma distinção, poder-se-á dizer que *mediunidade* tem um sentido mais geral e *medianimidade*

um sentido mais restrito. Ex.: Ele possui o dom da *mediunidade*: a *medianimidade mecânica* (v. *Mediunidade*).

Médium (do lat. *médium*, meio, intermediário) – pessoa acessível à influência dos Espíritos e mais ou menos dotado da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. Para os Espíritos, o médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento mais ou menos cômodo, segundo a natureza ou o grau da faculdade mediúnica. Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial, susceptível de desenvolvimento. Distinguem-se diversas variedades de médiuns segundo sua aptidão particular para tal ou tal modo de transmissão, ou tal ou tal gênero de comunicação.

Médiuns de influência física – aqueles que têm o poder de provocar manifestações ostensivas. Compreendem as variedades seguintes:

Médiuns motores – os que provocam o movimento e o deslocamento dos objetos;

Médiuns tiptológicos – os que provocam ruídos, pancadas ou batidas;

Médiuns de aparição – os que provocam as aparições (v. *Aparição*)

Entre os médiuns de influência física distinguem-se:

Médiuns naturais – aqueles que produzem fenômenos espontaneamente e sem nenhuma participação de sua vontade;

Médiuns facultativos – aqueles que têm o poder de provocá-los por ato da vontade.

Médiuns de influências morais – os que são mais especialmente aptos a receber e transmitir comunicações inteligentes; distinguem-se, segundo sua aptidão especial, em:

Médiuns escreventes ou *psicógrafos* – os que têm a faculdade de escrever sob influência dos Espíritos (v. *Psicografia*);

Médiuns pneumatógrafos – os que têm a faculdade de obter a escrita direta dos Espíritos (v. *Pneumatografia*);

Médiuns desenhadores – os que desenharam sob a influência dos espíritos;⁸

Médiuns falantes – os que transmitem pela palavra o que os médiuns escreventes transmitem pela escrita;

Médiuns comunicadores – pessoas que têm o poder de desenvolver nos outros, por sua vontade, a faculdade de escrever, sejam ou não, elas mesmas, médiuns escreventes;

Médiuns inspirados – pessoas que, quer em estado normal, quer em estado de êxtase, recebem, pelo pensamento, comunicações ocultas, estranhas às suas idéias preconcebidas;

Médiuns de pressentimento – pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição do que vai ocorrer no futuro;

Médiuns videntes – pessoas que têm a faculdade da segunda-vista ou a de ver os espíritos (v. *Vista*);

Médiuns sensitivos ou *impressionáveis* – pessoas susceptíveis de sentir a presença dos espíritos por uma vaga impressão que elas não podem explicar. Esta variedade não tem caráter bem delimitado; todos os médiuns são, necessariamente, impressionáveis; a impressionabilidade é, assim, antes uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras; ela difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual não se deve confundi-la.

Mediunato – missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos.

Mediunidade [do lat. *médium*, meio, intermediário, *-(i)dade*] – 1. Faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais outras menos, de sentir a influência ou ensejarem a comunicação dos Espíritos. Raros são os que não possuem rudimentos de mediunidade. 2. Em alguns, essa faculdade é ostensiva e necessita ser disciplinada, educada; em outros, permanece latente, podendo manifestar-se episódica e eventualmente (v. *Medianimidade*).

Metempsicose (do gr. *meta*, mudança, *en*, em, e *psyché*, alma) – transmigração da alma de um corpo para outro. “O dogma da metempsicose é de origem indiana. Da Índia esta crença

passou para o Egito, de onde, mais tarde, Pitágoras a importou para a Grécia. Os discípulos deste filósofo ensinavam que o Espírito, quando está liberto dos laços do corpo, segue para o império dos mortos, onde permanece à espera, em um estado intermediário, de duração mais ou menos longa. Em seguida vai animar outros corpos de homens ou de *animais*, até que transcorra o tempo de sua purificação e ele possa retornar à fonte da vida”. O dogma da metempsicose, como se vê, baseia-se na individualidade e na imortalidade da alma; encontra-se nele a doutrina dos espíritos sobre a reencarnação; o estado intermediário, de duração mais ou menos longa, entre as diferentes existências, outra coisa não é senão o estado de erraticidade no qual se encontram os Espíritos entre duas encarnações. Há, entretanto, entre a metempsicose indiana e a doutrina da reencarnação, tal qual nos é ensinada hoje em dia, uma diferença capital; em primeiro lugar, a metempsicose admite a transmigração da alma para o corpo dos animais, o que seria uma degradação; em segundo lugar, esta transmigração não se opera senão na Terra. Os Espíritos dizem-nos, ao contrário, que a reencarnação é um progresso incessante, que o homem é um ser cuja alma nada tem de comum com a alma dos animais, que as diferentes existências podem realizar-se, quer na Terra, quer, por uma lei progressiva, em um mundo de ordem superior, e isto, como diz Pitágoras, “até que haja transcorrido o tempo da purificação”.

Mitologia (do gr. *mythos*, fábula, e *logos*, discurso) – história fabulosa das divindades pagãs. Compreende-se igualmente sob este nome a história de todos os seres extra-humanos que, sob diversas denominações, sucederam aos deuses pagãos da Idade Média; é assim que temos a mitologia escandinava, teutônica, céltica, escocesa, irlandesa, etc..

Morte – aniquilamento das forças vitais do corpo pelo esgotamento dos órgãos. Ficando o corpo privado do princípio da vida orgânica, a alma se desprende dela e entra no mundo dos Espíritos.

Mundo corporal – conjunto de seres inteligentes que têm um corpo material.

Mundo espírita ou **mundo dos Espíritos** – conjunto de seres inteligentes despidos de seu invólucro corpóreo. O mundo espírita é um mundo normal, primitivo, preexistente e sobrevivente a tudo. O estado corporal é, para os Espíritos, transitório e passageiro. Eles mudam de invólucro como nós mudamos de roupas; abandonam o que se estragou como pomos de lado um traje velho ou imprestável.

Necromancia (do gr. *nekros*, morte, e *mantéia*, adivinhação) – arte de evocar as almas dos mortos para obter delas revelações. Por extensão, esta palavra foi aplicada a todos os meios de adivinhação e qualifica-se de *necromante* quem quer que faça profissão de dizer o futuro. Isto depende, sem dúvida, de ter sido a necromancia, na verdadeira acepção da palavra, um dos primeiros meios empregados para esse fim; em segundo lugar ao fato de serem as almas dos mortos, na crença vulgar, os principais agentes nos outros meios de adivinhação, tais como a *quiromancia*, adivinhação pela inspiração da mão, a cartomancia, etc.. O abuso e o charlatanismo desacreditaram a necromancia, assim como a magia.

Noctâmbulo, Noctambulismo (do lat. *nox*, *noctis*, a noite, e *ambulare*, marchar, passear) – aquele que marcha ou passeia durante a noite, dormindo; sinônimo de *sonâmbulo*. Esta última palavra é preferível, visto que *noctâmbulo* e *noctambulismo* não implicam, de modo algum, a idéia de sono.

Oráculo (do lat. *os*, *oris*, a boca) – resposta dos deuses, segundo as crenças pagãs, às questões que lhes eram dirigidas. A denominação justifica-se pelo fato de as respostas serem geralmente transmitidas pela *boca* das Pitonisas (v. esta palavra). Por extensão, oráculo se dizia ao mesmo tempo da resposta, da pessoa que a pronunciava, assim como os dos diversos meios empregados para conhecer o futuro. Todo fenômeno extraordinário, próprio para impressionar a imaginação, era julgado como a expressão da vontade dos deuses e se tornava oráculo. Os sacerdotes pagãos, que não desprezavam nenhuma ocasião de explorar a credulidade, faziam-se seus intérpretes e consagravam a este fim, com solenidades, templos onde os fiéis vinham depositar

suas ofertas na esperança ilusória de conhecer o futuro. A crença nos oráculos teve evidentemente sua origem nas comunicações espíritas que o charlatanismo, a cupidez e o amor do domínio tinham cercado de prestígio, e que vemos hoje em toda a sua simplicidade.

Paraíso (do gr. *paradeizos*, jardim, vergel) – morada dos bem-aventurados. Os antigos o colocavam na parte dos infernos chamada Campos Elíseos (v. *Inferno*). Os povos modernos situam-no nas regiões elevadas do espaço. Esta palavra é sinônimo de *Céu*, tomado na mesma acepção, com a diferença de que a palavra *Céu* se liga a uma idéia de beatitude infinita, ao passo que a palavra *paraíso* é mais circunscrita e lembra gozos um pouco mais materiais. Diz-se ainda subir ao Céu, descer ao Inferno. Estas opiniões são fundadas na crença primitiva, fruto da ignorância, de que o universo é constituído de esferas concêntricas, cujo centro é ocupado pela Terra; é nessas esferas, chamadas Céus, que se colocou a morada dos justos; daí a expressão 5º e 6º céu para designar os diversos graus de beatitude. Mas, depois disto a ciência dirigiu seu olhar investigador até as profundezas etéreas. Ela nos mostra o espaço universal sem limites, semeado de um número infinito de globos, entre os quais circula o nosso, ao qual nenhum lugar de distinção foi designado, e sem que haja, para ele, *alto* ou *baixo*. O sábio que não vê, em nenhuma parte, nem onde lhe haviam indicado, o Céu, mas tão-somente o espaço infinito e mundos inumeráveis; que não encontra nas entranhas da Terra, em lugar do Inferno, senão as camadas geológicas nas quais sua formação está inscrita em caracteres irrefragáveis, pôs-se a duvidar do Céu e do Inferno, e daí à negação absoluta havia apenas um passo. A doutrina ensinada pelos Espíritos superiores está de acordo com a ciência. Ela não tem mais nada que fira a razão e esteja em contradição com os conhecimentos exatos. Ela mostra-nos a morada dos bons, não em local fechado, ou nessas pretensas esferas de que a ignorância tinha cercado nosso globo, mas por toda parte onde há bons Espíritos, no espaço para os que são errantes, nos mundos mais perfeitos para os que estão encarnados: aí está o Paraíso Terrestre, ali estão os Campos Elíseos, cuja idéia primitiva vem do

conhecimento intuitivo que havia sido dado ao homem desse estado de coisas, e que sua ignorância e seus preconceitos reduziram a mesquinhas proporções. Ela nos mostra os maus encontrando o castigo de seus erros em sua própria imperfeição, em seus sofrimentos morais, na presença inevitável de suas vítimas, castigo mais horrível do que as torturas físicas incompatíveis com a doutrina da imaterialidade da alma; ela no-lo mostra expiando os seus erros pelas tribulações de novas existências corporais, que realizam em mundos imperfeitos, e não em um lugar de eternos suplícios de onde a esperança foi para sempre banida. Aí está o Inferno. Quantos homens nos têm dito: Se nos tivessem ensinado isto desde a nossa infância, nunca teríamos duvidado!

A experiência nos mostra que os Espíritos não são suficientemente desmaterializados, estão ainda sob o império das idéias e dos preconceitos da existência corporal: aqueles que, em suas comunicações, empregam uma linguagem de acordo com as idéias cujo erro material está demonstrado provam com isso mesmo sua ignorância e sua inferioridade.

Penas eternas – os Espíritos superiores nos ensinam que só o bem é eterno, porque é a essência de Deus, e que o mal terá um fim. Por consequência deste princípio, combatem a doutrina da eternidade das penas como contrária à idéia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade. Mas a luz não se faz para os Espíritos senão proporcionalmente à sua elevação: nas classes inferiores suas idéias são ainda obscurecidas pela matéria; o futuro para eles está coberto por um véu. Não vêem senão o presente. Estão na posição de um homem que sobe uma montanha: no fundo do vale a neblina e as voltas do caminho limitam-lhe a vista; é-lhe preciso chegar ao cimo para descortinar todo o horizonte, avaliar o caminho que fez e o que lhe resta fazer. Os Espíritos imperfeitos, não divisando o termo de seus sofrimentos, julgam sofrer sempre, e esse pensamento mesmo é um castigo para eles. Se, pois, certos Espíritos nos falam de penas eternas, é porque eles próprios crêem nelas em consequência de sua inferioridade.

Penates (do lat. *penitus*, interior, que está dentro; formado de *penus*, lugar retirado, escondido) – deuses domésticos dos antigos, assim chamados porque os colocavam no lugar mais retirado da casa. **Lares** (do nome da ninfa *Lara*, porque os julgavam filhos dessa ninfa e de Mercúrio) eram, como os *penates*, deuses ou gênios domésticos, com a diferença de que os *penates* eram, em sua origem, os *manes* dos antepassados, cujas imagens se guardavam em um lugar secreto, ao abrigo da profanação. Os *lares*, gênios benfazejos, protetores das famílias e das casas, eram considerados como hereditários, pois que, uma vez ligados a uma família, continuavam a proteger-lhe os descendentes. Não somente cada indivíduo, cada família, cada casa tinha seus lares particulares, mas os havia também para as cidades, aldeias, ruas, edifícios públicos, etc., que eram colocados sob a invocação de tais ou tais lares, como são, entre os católicos, sob a de tal ou tal santo padroeiro.

Os lares e os penates, cujo culto se pode dizer que era universal, embora sob nomes diferentes, não eram senão os Espíritos familiares cuja existência hoje nos é revelada; mas os antigos faziam deles deuses aos quais a superstição erigia altares, ao passo que, para nós, são simplesmente Espíritos que animaram homens como nós, algumas vezes nossos parentes e nossos amigos, e que se ligam a nós por simpatia (v. *Politeísmo*).

Perispírito (de *peri*, em redor, e *spiritus*, espírito) – invólucro semimaterial do Espírito depois da sua separação do corpo. O Espírito o tira do mundo em que se acha e o troca ao passar de um a outro; ele é mais ou menos sutil ou grosseiro, segundo a natureza de cada globo. O perispírito pode tomar todas as formas à vontade do Espírito; ordinariamente ele assume a imagem que este tinha em sua última existência corporal.

Embora de natureza etérea, a substância do perispírito é susceptível de certas modificações que a tornam perceptível à nossa vista. É o que se dá nas aparições. Ela pode até, por sua união com o fluido de certas pessoas, tornar-se temporariamente tangível, isto é, oferecer ao toque a resistência de um corpo sólido, como se vê nas aparições estereológicas ou palpáveis.

A natureza íntima do perispírito não é ainda conhecida; mas poder-se-ia supor que a matéria do corpo é composta de uma parte sólida e grosseira e de uma parte sutil e etérea; que só a primeira sofre a decomposição produzida pela morte, ao passo que a segunda persiste e segue o espírito. O espírito teria, assim, um duplo invólucro; a morte apenas o despojaria do mais grosseiro; o segundo, que constitui o perispírito, conservaria o tipo e a forma da primeira, da qual ele é como a sombra; mas sua natureza essencialmente vaporosa permite ao espírito modificar esta forma à sua vontade, torná-la visível ou invisível, palpável ou impalpável.

O perispírito é, para o espírito, o que o perisperma é para o germe do fruto. A amêndoa, despojada do seu invólucro lenhoso, encerra o germe sob o invólucro delicado do perisperma.

Pítia, Pitonisa – sacerdotisa de Apolo Pítio, em Delfos, assim chamada por causa da serpente Pitão que Apolo havia matado. A Pítia dava os oráculos, mas como eles nem sempre eram inteligíveis, os sacerdotes se encarregavam de interpretá-los segundo as circunstâncias (v. *Sibila*).

Pneumatofonia (de *pneuma* e de *phoné*, som ou voz) – comunicação verbal e direta dos Espíritos sem o auxílio dos órgãos da voz. Som ou voz que eles fazem ouvir no vago do ar e que parece ressoar em nossos ouvidos (v. *Psicofonia*).

Nota: Não empregamos a palavra *pneumatologia*, porque ela já tem uma acepção científica determinada e, ainda, porque esta palavra seria imprópria quando não se trata de sons vagos, não articulados.⁹

Pneumatografia (do gr. *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito, e *grafo*, eu escrevo) – escrita direta dos Espíritos sem auxílio da mão do médium (v. *Psicografia*).

Politeísmo (do gr. *polus*, vários, e *théos*, Deus) – religião que admite vários deuses. Entre os povos antigos a palavra deus revela a idéia de poder; para eles todo poder superior ao vulgar era um deus. Mesmo os homens que haviam feito grandes coisas se tornavam deuses para eles. Manifestando-se os Espíritos por

efeitos que lhes pareciam sobrenaturais, eram a seus olhos outras tantas divindades, entre as quais é impossível deixar de reconhecer os Espíritos de todos os graus, desde os Espíritos batedores até os Espíritos superiores. Nos deuses de forma humana, que se transportavam através do espaço, mudavam de forma e se tornavam visíveis ou invisíveis à vontade, reconhecem-se todas as propriedades do perispírito. Pelas paixões que lhes emprestavam, reconhecemos os Espíritos ainda não desmaterializados. Nos manes, lares e penates, reconhecemos nossos Espíritos familiares, nossos gênios tutelares. O conhecimento das manifestações espíritas é, pois, a fonte do politeísmo. Todavia, desde a mais alta antigüidade os homens esclarecidos deram a esses pretensos deuses seu devido valor e neles reconheceram criaturas de um Deus supremo, soberano e senhor do mundo. Confirmando a doutrina da unidade de Deus e iluminando os homens com a sublime moral do Evangelho, assinalou o Cristianismo uma nova era na marcha progressiva da Humanidade. Entretanto, como os Espíritos não cessavam de manifestar-se, em lugar de deuses, os homens fizeram deles gênios e fadas.

Possesso – segundo a idéia ligada a essa palavra, o *possesso* é aquele no qual um demônio veio alojar-se. O *demônio o possui*; isso significa que o *demônio apoderou-se-lhe do corpo* (v. *Demônio*). Tomando o demônio não em sua acepção vulgar, mas no sentido de Espírito mau, Espírito impuro, Espírito malfazejo, Espírito imperfeito, tratar-se-ia de saber se um Espírito dessa natureza ou outro qualquer pode eleger domicílio no corpo de um homem conjuntamente com o que nele está encarnado, ou a ele se substituindo. Poder-se-ia perguntar que destino toma, neste último caso, a alma assim expulsa. A doutrina espírita diz que o Espírito unido ao corpo não pode dele ser separado definitivamente senão pela morte; que outro Espírito não pode colocar-se em seu lugar nem unir-se ao corpo simultaneamente com ele; mas ela diz também que um Espírito imperfeito pode ligar-se ao Espírito encarnado, assenhorear-se dele, dominar-lhe o pensamento, obrigá-lo, se ele não tem força para resistir-lhe, a fazer tal coisa, a agir em tal sentido; ele o constrange, por assim dizer, sob sua influência. Assim, não há *possessão* no sentido absoluto

da palavra, há *subjugação*; não se trata de desalojar um Espírito mau, mas, para servirmo-nos de uma comparação material, de fazê-lo largar a presa, o que sempre podemos fazer quando o desejamos seriamente; mas há pessoas que se comprazem numa dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos.

A superstição vulgar atribui à possessão do demônio certas doenças que não têm outra causa senão uma alteração dos órgãos. Esta crença era muito difundida entre os judeus. Para eles, curar essas doenças era expelir os demônios. Qualquer que seja a causa da doença, contanto que a cura se dê, isto nada tira do poder daquele que a opera. Jesus e seus discípulos podiam, pois, dizer que expeliam os demônios, para se servirem da linguagem usual. Falando de outra maneira, não teriam sido compreendidos, nem, talvez, mesmo acreditados. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido atribuído às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se considera apenas a forma.

Prece – a prece é uma invocação e, em certos casos, uma evocação, pela qual chamamos a nós tal ou tal Espírito. Quando é dirigida a Deus, ele nos envia seus mensageiros, os Bons Espíritos. A prece não pode revogar os decretos da Providência; mas por ela os bons Espíritos podem vir em nosso auxílio, quer para dar-nos a força moral que nos falta, quer para sugerir-nos os pensamentos necessários; daí vem o alívio que experimentamos quando oramos com fervor. Daí vem também o alívio que experimentam os Espíritos sofredores quando oramos por eles; eles mesmos pedem essas preces sob a forma que lhes é familiar e que está mais em relação com as idéias que conservaram de sua existência corporal; mas a razão, de acordo nisto com os Espíritos, nos diz que a prece dos lábios é uma fórmula vã quando dela o coração não toma parte.

Provas – vicissitudes da vida corporal pelas quais os Espíritos se purificam segundo a maneira pela qual as suportam. Segundo a doutrina espírita, o Espírito desprendido do corpo, reconhecendo sua imperfeição, escolhe ele próprio, por ato de seu livre arbítrio, o gênero de provas que julga mais próprio ao

seu adiantamento e que sofrerá em sua nova existência. Se ele escolhe uma prova acima de suas forças, sucumbe, e seu adiantamento retarda.

Psicografia (do gr. *psyché*, borboleta, alma, e *graphô*, eu escrevo) – transmissão do pensamento dos Espíritos por meio da escrita, pela mão de um médium. No médium escrevente a mão é o instrumento, mas sua *alma*, ou o espírito nele encarnado é o intermediário ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na *pneumatografia*, é o Espírito estranho mesmo quem escreve, sem intermediário (v. *Pneumatografia*).

Psicografia imediata ou *direta* – quando o próprio médium escreve pegando o lápis como para a escrita ordinária;

Psicografia mediata ou *indireta* – quando o lápis é adaptado a um objeto qualquer que serve, de certo modo, de apêndice à mão, como uma cesta, uma prancheta, etc..

Psicologia – dissertação sobre a alma; ciência que trata da natureza da alma. Esta palavra seria para o médium falante o que a psicografia é para o médium escrevente, isto é, a transmissão do pensamento dos Espíritos pela voz de um médium. Todavia, como ela já tem uma aceção consagrada e bem definida, não convém dar-lhe outra (v. *Psicofonia*).

Psicofonia (do gr. *psyché*, alma e *phonê*, som ou voz) – transmissão do pensamento dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Pureza absoluta – estado dos Espíritos da primeira ordem ou puros espíritos: os que percorreram todos os graus da escala e não têm que sofrer mais encarnação.

Purgatório (do lat. *purgatorium*, efeito de *purgare*, purgar; raiz *purus*, puro, que se deriva do gr. *pyr*, *pyrus*, fogo, antigo emblema da purificação) – lugar de expiação temporária, segundo a Igreja Católica, para as almas que têm ainda que purificar-se de algumas manchas. A Igreja não define de um modo preciso o lugar onde se acha o Purgatório. Ela o coloca em toda parte, no espaço, talvez ao nosso lado. Ela não se explica mais claramente sobre a natureza das penas ali sofridas; são sofrimentos mais

morais do que físicos. Há, entretanto, fogo, mas a alta teologia reconhece que esta palavra deve ser tomada em sentido figurado e como emblema de purificação. O ensino dos Espíritos é muito mais explícito a este respeito; eles rejeitam, e verdade, o dogma da eternidade das penas (v. *Inferno, penas eternas*), mas admitem uma expiação temporária, mais ou menos longa, que não é outra coisa, salvo o nome, senão o purgatório. Esta expiação se realiza pelos sofrimentos morais da alma no estado errante; os Espíritos errantes estão por toda parte: no espaço, ao nosso lado, como diz a Igreja. A Igreja admite no purgatório certas penas físicas; a doutrina espírita diz que o Espírito se purifica, se *purga* de suas impurezas em suas existências corporais; os sofrimentos e as tribulações da vida são as expiações e as provas pelas quais eles se elevam, de onde resulta que aqui na Terra estamos em pleno purgatório. O que a doutrina católica deixa no vago, os Espíritos precisam, fazem-nos tocar com o dedo e ver com os olhos. Os Espíritos que sofrem podem, pois, dizer que estão no purgatório, para servirem-se da nossa linguagem. Se, em razão de sua inferioridade moral, não lhes é dado ver o termo de seus sofrimentos, eles dirão que estão no Inferno (v. *Inferno*).

A Igreja admite a eficácia das preces pelas almas do purgatório. Os Espíritos dizem-nos que pela prece chamamos os bons Espíritos, que dão aos fracos a força moral que lhes falta para suportar suas provas. Os Espíritos sofredores podem pedir preces sem que haja nisto contradição com a doutrina espírita; ora, conforme o que conhecemos dos diferentes graus dos Espíritos, compreendemos que eles podem pedi-las segundo a forma que lhes era familiar durante a vida (v. *Prece*).

A Igreja não admite senão uma existência corporal, depois da qual a sorte do homem é irrevogavelmente fixada por toda a eternidade. Os Espíritos nos dizem que uma só existência, cuja duração, muitas vezes abreviada pelos acidentes, não passa de um ponto na eternidade, não basta à alma para purificar-se completamente, e que Deus, em sua justiça, não condena sem remissão aquele de quem não dependeu, muitas vezes, ser convenientemente instruído sobre o bem, para praticá-lo. Sua doutrina deixa à alma a faculdade de realizar, em uma série de

existências, o que ela não pode realizar em uma só: aí está a diferença. Mas, se se escrutassem com cuidado todos os princípios dogmáticos, e se se levasse sempre em conta a parte que deve ser tomada em sentido figurado, muitas contradições aparentes desapareceriam.

Reencarnação – volta dos Espíritos à vida corporal. A reencarnação pode dar-se imediatamente depois da morte, ou após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual o Espírito permanece errante. Pode dar-se nesta Terra ou em outras esferas, mas sempre em um corpo humano, e nunca no de um animal. A reencarnação é progressiva ou estacionária; nunca é retrógrada. Em suas novas existências corporais o Espírito pode decair em posição social, mas não como Espírito, isto é, de senhor pode nascer servidor, de príncipe, artífice, de rico, miserável, mas progredindo sempre em ciência e moralidade. Deste modo o criminoso pode tornar-se homem de bem, mas o homem de bem não pode tornar-se um criminoso.

Os Espíritos imperfeitos, que estão ainda sob a influência da matéria, nem sempre têm sobre a reencarnação idéias perfeitas. A explicação que oferecem se ressentem de sua ignorância e dos preconceitos terrestres, pouco mais ou menos como se daria relativamente a um camponês a quem se perguntasse se é a Terra ou o Sol que gira. Eles têm apenas uma lembrança confusa de suas existências anteriores e o futuro se lhes apresenta extremamente vago (sabe-se que a lembrança das existências passadas se elucida à medida que o Espírito se purifica). Alguns falam ainda das esferas concêntricas que cercam a Terra e nas quais o Espírito, elevando-se gradativamente, chega ao sétimo céu, que é, para eles, o apogeu da perfeição. Mas no meio da diversidade das expressões e da extravagância das figuras, uma observação atenta deixa reconhecer facilmente um pensamento dominante, o das provas sucessivas que o Espírito deve sofrer e dos diversos graus que deve percorrer para chegar à perfeição e à suprema felicidade. Muitas vezes as coisas só nos parecem contraditórias porque não lhes sondamos o sentido íntimo.

Religião

– Vide Nota Especial no final deste Vocabulário Espírita.

Satã (do hebreu *chaitán*, adversário, inimigo de Deus) – o chefe dos demônios. Esta palavra é sinônimo de diabo, com a diferença de que este último vocábulo pertence mais do que o primeiro à linguagem familiar. Em segundo lugar, de acordo com a idéia ligada a esta palavra, Satã é um ser único: o gênio do mal, o rival de Deus. Diabo é um termo mais genérico, que se aplica a todos os demônios. Há somente um Satã (ou Satanás), porém há vários diabos. Segundo a doutrina espírita, Satanás não é um ser distinto, pois Deus não tem rival com quem possa medir-se, poder contra poder. Satã é a personificação alegórica do mal e de todos os maus Espíritos (v. *Diabo, Demônio*).

Segunda-vista – efeito da emancipação da alma que se manifesta no estado de vigília. Faculdade de ver as coisas ausentes como se estas estivessem presentes. Aqueles que dela são dotados não vêem pelos olhos, mas pela alma, que percebe a imagem dos objetos por toda parte onde ela se transporta, e como por uma espécie de miragem. Esta faculdade não é permanente. Certas pessoas a possuem sem saber: ela parece-lhes um efeito natural, e produz o que denominamos visões.

Sematologia (do gr. *sema*, *semato*, sinal, e *logos*, discurso) – transmissão do pensamento dos Espíritos por meio de sinais, tais como pancadas, batidas, movimentos de objetos, etc. (v. *Tiptologia*).

Serafim (v. *Anjos*).

Sibilas (do gr. *eolio sios*, empregado por *théos*, Deus, e de *léouli*, conselho; conselho divino) – eram profetisas que forneciam os oráculos e que os antigos julgavam inspiradas pela Divindade. Levando em conta a parte de charlatanismo e o prestígio com que as cercavam aqueles que as exploravam, reconhece-se nas sibilas e nas pitonisas todas as faculdades dos sonâmbulos, dos extáticos e de certos médiuns.

Silvos, Sílfides – segundo a mitologia céltica e germânica da Idade Média, os *silfos* eram os gênios do ar, como os gnomos eram os da terra e as ondinas os das águas. Eram representados

sob forma humana, semivaporosa, com traços graciosos, asas transparentes; eram o símbolo da rapidez com a qual percorrem o espaço. Atribuía-se-lhes o poder de se tornarem visíveis à vontade. Seu caráter era doce e afável. “Não duvideis da multidão de silfos ligeiros que tendes às vossas ordens. Continuamente ocupados em recolher vossos pensamentos, mal pronunciais uma palavra e eles dela se apoderam, indo repeti-la por toda parte em redor de vós. Sua ligeireza é tão grande que eles percorrem mil passos em um segundo São os silfos de Paracelso e de Gabbalis.” (A. Martin).

Sonambulismo (do lat. *somnus*, sono, e *ambulare*, marchar, passear) – estado de emancipação da alma mais completo do que no sonho (v. *Sonho*).

O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo a lucidez da alma, isto é, a faculdade de ver, que é um dos atributos de sua natureza, é mais desenvolvida, Ela vê as coisas com mais precisão e nitidez, o corpo pode agir sob o impulso da vontade da alma.

O esquecimento absoluto no momento do despertar é um dos sinais característicos do verdadeiro sonambulismo, visto que a independência da alma e do corpo é mais completa do que no sonho.

Sonambulismo natural – o que é espontâneo e se produz sem provocação e sem influência de nenhum agente exterior.

Sonambulismo magnético ou **artificial** – o que é provocado pela ação que uma pessoa exerce sobre outra, por meio do fluido magnético que esta derrama sobre aquela.

Sonho – efeito da emancipação da alma durante o sono. Quando os sentidos ficam entorpecidos, os laços que unem o corpo e a alma se afrouxam. Esta, tornando-se mais livre, recupera, em parte, suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres do mundo incorpóreo. A recordação que ela conserva ao despertar, do que viu em outros lugares e em outros mundos, ou em suas existências passadas, constitui o sonho propriamente dito. Sendo esta recordação

apenas parcial, quase sempre incompleta e entremeada com recordações da vigília, resultam daí, na seqüência dos fatos, soluções de continuidade que lhes rompem a concatenação e produzem esses conjuntos estranhos que parecem sem sentido, pouco mais ou menos como seria a narração à qual se houvessem truncado, aqui e ali, fragmentos de linhas ou de frases.

Soniloquia (do lat. *somnus*, sono, e *loqui*, falar) – estado de emancipação da alma intermediário ao sono e ao sonambulismo natural. Aqueles que falam sonhando são soníloquos.

Sono natural – suspensão momentânea da vida de relação. Entorpecimento dos sentidos durante o qual são interrompidas as relações da alma com o mundo exterior por meio dos órgãos.

Sono magnético – atuando sobre o sistema nervoso, o fluido magnético produz, em certas pessoas, um efeito que se comparou ao sono natural, mas que difere dele essencialmente em muitos pontos. A principal diferença consiste em que, neste estado, o pensamento se encontra inteiramente livre, o indivíduo tem um conhecimento perfeito de si mesmo e o corpo pode agir como no estado normal, o que é devido a que a causa fisiológica do sono magnético não é a mesma que a do sono natural. Contudo o sono natural é um estado transitório que precede sempre o sono magnético, a passagem de um a outro é um verdadeiro despertar da alma. Eis por que aqueles que são postos pela primeira vez em sonambulismo magnético respondem quase sempre *não* a esta pergunta: “*dormis?*” E, com efeito, visto que vêem e pensam livremente, para eles isso não é dormir no sentido vulgar da palavra.

Superstição – por absurda que seja, uma idéia supersticiosa repousa quase sempre sobre um fato real, mas que a ignorância desnaturou, exagerou ou interpretou falsamente. Seria um erro pensar que vulgarizar o conhecimento das manifestações espíritas é propagar superstições. De duas coisas uma: ou esses fenômenos são uma quimera, ou são reais. No primeiro caso seria razoável combatê-los. Mas, se existem, como o demonstra a experiência, nada os impedirá de se produzirem. Como seria pueril opor-se a fatos positivos! O que se deve combater não são

os fatos, mas a falsa interpretação que a ignorância pode dar-lhes. Sem dúvida, nos séculos remotos, eles foram origem de uma multidão de superstições, como aliás, todos os fenômenos naturais, cuja causa era desconhecida. O progresso das ciências positivas de pouco em pouco destrói parte dessas superstições. A ciência espírita, sendo cada vez mais divulgada, fará desaparecer as restantes.

Os adversários do Espiritismo apóiam-se no perigo que esses fenômenos representam para a razão. Todas as causas capazes de abalar as imaginações fracas podem produzir a loucura. O que nos compete, antes de tudo, é eliminar essa doença à qual chamamos medo. Ora, o meio de conseguir isto não é exagerar o perigo fazendo crer que todas essas manifestações são obra do diabo. Aqueles que propagam esta crença com o intuito de desacreditá-la erram completamente o alvo, pois que atribuir uma causa qualquer aos fenômenos espíritas é reconhecer-lhes a existência. Em segundo lugar, querendo persuadir que o diabo é o único agente deles, afeta-se perigosamente o moral de certos indivíduos. Como não se impedirá que as manifestações se produzam, mesmo entre aqueles que não se quiserem ocupar com elas, essas pessoas só verão por toda parte, em redor de si, diabos e demônios até nos fatos mais simples, que tomarão por manifestações. E isso não deixará de lhes perturbar o cérebro. Tornar crível essa crença é propagar o mal do medo, em lugar de curá-lo. Nisto está o verdadeiro perigo, nisto a superstição.

Taumaturgo (do gr. *thauma*, *thaumatos*, maravilha, e *ergon*, obra) – fazedor de milagres: São Gregório Taumaturgo. Diz-se, às vezes, por ironia, daqueles que, com ou sem razão, se gabam de ter o poder de produzir fenômenos fora das leis da natureza. É neste sentido que certas pessoas qualificam Swedenborg de taumaturgo.

Telegrafia humana – comunicação à distância entre duas pessoas vivas, que se evocam reciprocamente. Esta evocação provoca a emancipação da alma, ou do Espírito encarnado, que vem se manifestar e pode comunicar seu pensamento pela escrita ou por outro qualquer meio. Os Espíritos dizem-nos que a tele-

grafia humana será um dia um meio usual de comunicação, quando os homens forem mais moralizados, menos egoístas e menos presos às coisas materiais. Até que esse estado seja alcançado, a telegrafia humana será um privilégio de almas de escol.

Tendências inatas – tendências, idéias ou conhecimentos não adquiridos que, parece, trazemos ao nascer. Há muito tempo discutem-se as tendências inatas, cuja realidade é combatida por certos filósofos que pretendem sejam todas adquiridas. Se assim fosse, como explicar certas disposições naturais que se revelam muitas vezes desde a mais tenra idade e independentemente de qualquer educação? Os fenômenos espíritas lançam uma grande luz sobre esta questão. A experiência não deixa dúvida alguma, hoje em dia, sobre estas espécies de tendências que encontram sua explicação na sucessão das existências. Os conhecimentos adquiridos pelo Espírito nas existências anteriores se refletem nas existências posteriores através do que denominamos tendências inatas.

Todo universal, ou grande todo – segundo a opinião de certos filósofos, há uma alma universal, da qual cada um de nós possui uma parcela. Com a nossa morte, todas essas almas particulares voltam à fonte geral, sem conservar sua individualidade, como as gotas da chuva se confundem nas águas do oceano. Esta fonte comum é, para eles, o grande todo, o todo universal. Esta doutrina é tão desalentadora quanto o materialismo, uma vez que, sem a individualidade depois da morte, é, sem dúvida, como se não existíssemos. O Espiritismo é a prova patente do contrário. Mas a idéia do grande todo não implica, necessariamente, a da fusão dos seres em um só. Um soldado que volta ao seu regimento entra no todo coletivo, mas não deixa, por isso, de conservar sua individualidade. O mesmo se dá com as almas que entram no mundo dos Espíritos, que para elas é, igualmente, um todo coletivo: o todo universal. É neste sentido que deve ser entendida esta expressão na linguagem de certos Espíritos.

Transmigração (v. *Reencarnação, Metempsicose*).

Vidente – aquele ou aquela que é dotado de segunda-vista. Algumas pessoas designam sob este nome os sonâmbulos magnéticos para melhor lhes caracterizar a lucidez. Esta palavra, nesta última acepção, pouco mais vale do que o adjetivo invisível aplicado aos Espíritos. Tem o inconveniente de não ser especial ao estado sonambúlico. Quando se tem um termo para exprimir uma idéia, é supérfluo criar outro. É preciso, sobretudo, evitar desviar as palavras de sua acepção consagrada.

* * *

Nota especial (do Tradutor desta edição em português):

Religião

Os estudiosos procuram em vão, na obra de Kardec, uma acepção para a Religião dos Espíritos. Também neste “Pequeno Vocabulário” Kardec foge a este vocábulo, de conotação cediça. Escrevendo na *Revista Espírita* de dezembro de 1868 (lembramo-nos de que a presente obra foi redigida em 1858, portanto dez anos antes), Kardec assim se expressa:

“O Espiritismo é, então, uma religião?”

– Perfeitamente! Sem dúvida; no sentido filosófico é uma religião, e nós nos ufanamos disso, porque ele é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão, mas sobre as mais sólidas bases: As leis da própria Natureza.

“Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião?”

– Porque só temos uma idéia para exprimir duas idéias diferentes e porque, na opinião geral, a palavra é inseparável de “culto”; revela exclusivamente uma idéia de práticas exteriores. E o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante, por assim dizer, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios. O público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos, contra os quais sua opinião tem-se manifestado tantas vezes.

Não possuindo nenhum dos caracteres de uma religião na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia e nem deveria ornar-se com o título sobre o valor do qual, inevitavelmente, se estabeleceria a incompreensão. Eis por que ele se diz simplesmente: “doutrina filosófica e moral”.

Comentando estas palavras de Allan Kardec, pronunciadas na Sociedade Espírita de Paris, a 1º de novembro de 1868, o professor J. Herculano Pires, reconhecido em todo o Brasil como um dos grandes exegetas da obra de Allan Kardec, com precisão assim se expressa:

“A religião espiritual se define pela superação do social. Pestalozzi, mestre de Kardec, considerava a existência de três tipos de religião: a animal, ou primitiva; a social, ou positiva; e a espiritual, ou moral. A esta última preferia chamar simplesmente moralidade, a fim de não confundi-la com as duas formas anteriores.

Kardec recebeu dos Espíritos a confirmação dessa teoria pestalozziana. Todo *O Livro dos Espíritos* a confirma, ensinando uma religião pura, desprovida de exigências para o culto de investidas sacerdotais e, conseqüentemente, de organização social em forma de Igreja. As comunicações particulares que Kardec recebia, e que figuram posteriormente em *Obras Póstumas*, acentuam a importância espiritual da nova doutrina, como restabelecimento do Cristianismo em espírito e verdade.

O conceito de religião espiritual, atualmente, já não mais requer a diferenciação que Pestalozzi adotou. No tempo de Kardec era ainda necessária, principalmente numa obra de divulgação, como *O Livro dos Espíritos*, evitar a palavra “religião”. Hoje a definição filosófica de religião superou as confusões anteriormente reinantes. O trabalho de Bergson sobre as fontes da moral e da religião colocou o problema em termos claros. A “religião estática” de Bergson é a religião social de pestalozzi, como a “religião dinâmica” é a “religião espiritual, ou moralidade”.

Citando textualmente as palavras de Kardec ante a Sociedade Espírita de Paris, o professor J. Herculano Pires conclui:

“Essas palavras de Kardec, ao mesmo tempo afirmam a natureza religiosa do Espiritismo, já implícita na própria Codificação, e negam a possibilidade de sua transformação em seita formalista. A religião-espírita reafirma, assim, pelas declarações do próprio Codificador, o seu sentido e sua natureza espirituais, já evidentes no contexto doutrinário.”

Por sua vez argüido quanto ao Espiritismo como Ciência-Filosofia-Religião, o Espírito Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, assim se exprime em *O Consolador*:

“Religião é o sentimento Divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos.

As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da Espiritualidade.”

Quadro sinótico da nomenclatura espírita especial

**Ver a explicação e a definição de cada uma
destas palavras no VOCABULÁRIO ESPÍRITA**

» **DOCTRINA**

– Espiritismo; Espírita; Espiritista; Espiritualismo;
Espiritualista.

» **ESPÍRITOS**

- *Natureza íntima dos Espíritos*
 - Espírito elementar; Perispírito.
- *Estado dos Espíritos*
 - Encarnação; Erraticidade; Pureza absoluta.
- *Escala espírita ou diferentes ordens de Espíritos*

1ª ordem	1ª classe – Espíritos puros
2ª ordem Bons Espíritos	2ª classe – Espíritos superiores 3ª classe – Espíritos sensatos 4ª classe – Espíritos sábios 5ª classe – Espíritos benfazejos
3ª ordem ¹⁰ Espíritos imperfeitos	6ª classe – Espíritos neutros 7ª classe – Espíritos pseudo-sábios 8ª classe – Espíritos levianos 9ª classe – Espíritos impuros

» **EMANCIPAÇÃO DA ALMA OU DO ESPÍRITO ENCARNADO**

– Sonho; Soniloquia; Sonambulismo natural;
Sonambulismo artificial ou magnético; Êxtase; Segunda-
vista.

» **MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

- *Aparentes*: Vaporosas ou etéreas; Tangíveis ou estereológicas.
- Ocultas; Patentes; Físicas; Inteligentes.
- Espontâneas; Provocadas.

» **COMUNICAÇÕES**

- Frívolas; Grosseiras; Sérias; Instrutivas.

» **MODOS DE COMUNICAÇÃO**

- Sematologia.
- *Tiptologia*: Alfabética; Íntima; Por movimento.
- *Psicografia*: Direta; Indireta.
- Pneumatofonia; Pneumatografia; Psicofonia; Telegrafia humana.

» **MÉDIUNS OU AGENTES DAS MANIFESTAÇÕES**

- *Médiuns*: Naturais; Facultativos.
- *Médiuns de influências físicas*: Motores; Tiptológicos; De aparições.
- *Médiuns de influências morais*: Escreventes ou psicógrafos; Pneumatógrafos; Desenhadores; Músicos; Falantes; Comunicadores; Inspirados; De pressentimentos; Videntes; Sensitivos ou impressionáveis.

* * *

Nota especial (do Tradutor desta edição em português)

Escala Espírita

Na Escala Espírita publicada na versão definitiva de *O Livro dos Espíritos* foi incluída a classe dos Espíritos batedores e perturbadores (6ª classe), no início da 3ª ordem. Com isto, a Escala Espírita passou a abranger 10 classes ao invés das nove descritas acima, no item “*Escala espírita ou diferentes ordens de Espíritos*”. (Vide *O Livro dos Espíritos*, 2ª Parte, Capítulo I - Dos Espíritos, itens 102 a 106.)

Desta forma, conforme a classificação descrita na referida obra, a Escala Espírita ficou assim constituída:

1ª ordem	1ª classe – Espíritos puros
2ª ordem Bons Espíritos	2ª classe – Espíritos superiores 3ª classe – Espíritos sensatos 4ª classe – Espíritos sábios 5ª classe – Espíritos benfazejos
3ª ordem Espíritos imperfei- tos	6ª classe – Espíritos batedores e perturbado- res 7ª classe – Espíritos neutros 8ª classe – Espíritos pseudo-sábios 9ª classe – Espíritos levianos 10ª classe – Espíritos impuros

I

Escala espírita

De todos os princípios fundamentais da doutrina espírita, um dos mais importantes é, sem contradição, o que estabelece as diferentes ordens de Espíritos. No princípio das manifestações imaginou-se que um ente, pelo fato mesmo de ser um Espírito, devia possuir a ciência infusa¹¹ e a suprema sabedoria. Em vista disso muitas pessoas se julgaram de posse de um meio infalível de adivinhação. E este erro deu lugar a muitas desilusões. Em pouco tempo a experiência fez conhecer que o mundo invisível está longe de comportar somente Espíritos superiores. Eles próprios nos fazem saber que não são iguais nem em saber, nem em moralidade, e que sua elevação depende do grau de perfeição a que chegaram. Traçaram os caracteres distintivos desses diferentes graus que constituem aquilo a que denominamos *Escala Espírita*. Desde então ficaram explicadas a diversidade e as contradições da sua linguagem e compreendeu-se que entre os Espíritos, como entre os homens, para tomar-se uma informação segura não basta dirigir-se ao primeiro que se encontra.

Essa escala nos dá, assim, a chave de uma multidão de fenômenos e de anomalias aparentes, para as quais, sem isto, seria difícil, senão impossível, encontrar explicação. Ela nos interessa, além disso, pessoalmente, uma vez que pertencemos, por nossa alma, ao mundo espiritual, ao qual voltamos ao deixar a vida corpórea, e nos mostra, assim, o caminho a seguir para chegarmos à perfeição e ao bem supremo.

Do ponto de vista da ciência prática, ela nos oferece a maneira de julgar os Espíritos que se apresentam nas manifestações e ainda de apreciar o grau de confiança que sua linguagem deve inspirar. Esse estudo exige uma observação atenta e constante. É preciso tempo e experiência para aprender a conhecer os homens: não se exige menos para aprender a conhecer os Espíritos.

A escala espírita compreende três ordens principais, indicadas pelos Espíritos e perfeitamente caracterizadas. Como essas

ordens apresentam, cada uma, diferentes gradações, nós a subdividimos em várias classes qualificadas pelo caráter dominante dos Espíritos que delas fazem parte. Esta classificação, de resto, nada tem de absoluto. Cada categoria só oferece um caráter delimitado em seu conjunto, mas de um grau a outro o matiz se atenua, como nos reinos da natureza as cores do arco-íris, ou, ainda, os diferentes períodos da vida. De vinte a quarenta anos o homem sofre uma mudança notável; aos vinte anos é um rapaz; aos quarenta é um homem feito; mas entre essas duas fases da vida seria impossível estabelecer uma linha precisa de demarcação e dizer onde acaba uma e onde começa a outra. O mesmo se dá entre os graus da escala espírita. Faremos observar, além disso, que os espíritos não pertencem sempre exclusivamente a tal ou tal classe. Seu progresso realiza-se gradualmente e, muitas vezes, mais em um sentido do que em outro. Assim, eles podem reunir os caracteres de várias categorias, o que é fácil de reconhecer pela sua linguagem e pelos seus atos.

Começamos a escala pelas ordens inferiores, pois que este é o ponto de partida dos Espíritos que se elevam gradativamente das últimas às primeiras classes.

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

Caracteres gerais – predominância da matéria sobre o espírito; propensão para o mal; ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que são as conseqüências disso.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas só pelo fato de não fazerem o bem, denotam sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Os seus conhecimentos acerca do mundo espiritual são limitados e o pouco que dele sabem se confunde com as idéias e os preconceitos da vida material. Por esse motivo só podem forne-

cer noções falsas e incompletas da vida nos planos do espírito. Todavia o observador atilado quase sempre pode colher, em suas comunicações, ainda que imperfeitamente, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Pela linguagem se lhes revela o caráter. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser colocado na terceira ordem; por conseguinte, todo mau pensamento que nos é intuído nos vem de um Espírito desta ordem.

Eles assistem à felicidade dos bons e isso constitui para eles um tormento incessante, pois que experimentam todas as agonias que a inveja e o ciúme podem produzir.

Conservam a lembrança e a percepção nos sofrimentos da vida corporal e esta impressão é, não raro, mais penosa do que a realidade. Desta forma sofrem, efetivamente, tanto por seus males antigos e pessoais quanto por aqueles que fizeram aos outros padecer. E como esse sofrimento é duradouro, eles o supõem eterno. Deus, para puni-los, quer que assim o creiam.

Podem ser divididos em quatro classes principais:¹²

- *Nona classe*: ESPÍRITOS IMPUROS – são inclinados ao mal e dele fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, insuflam a discórdia e a desconfiança e lançam mão de todas as máscaras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões a fim de impeli-los à perdição, satisfeitos com lhes poderem retardar o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.

Nas manifestações dão-se a conhecer pela sua linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos como nos homens, é sempre um indício de inferioridade moral, quando não intelectual. Suas comunicações revelam a baixeza de suas inclinações, e se querem enganar falando de um modo sensato, não podem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por trair sua origem.

Certos povos fizeram deles divindades malfazejas, outros os designam sob os nomes de demônios maus, Espíritos do mal.

Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem são inclinados a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a trapaça, a hipocrisia, a cupidez, a inveja, a avareza sórdida. Entregam-se ao mal pelo simples prazer de praticá-lo, as mais das vezes sem motivo; e, por ódio ao bem, escolhem quase sempre suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, seja qual for a classe social a que pertençam; e o verniz da civilização não os isenta do opróbrio e da ignomínia.

• *Oitava classe*: ESPÍRITOS LEVIANOS – são ignorantes, malignos, inconstantes e motejadores. Intrometem-se com tudo, a tudo respondem, sem consideração à verdade. Comprazem-se em ocasionar pequenos sofrimentos e pequenas alegrias, em fazer intrigas, em induzir maliciosamente ao erro por mistificações e travessuras. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de *duendes*, *gnomos*, *trasgos*. Estão sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os utilizam como fazemos com os serviçais e operários.

Mais do que outros, parecem ligados à matéria e surgem como os agentes principais das comoções dos elementos do globo, quer habitem o ar, a água, o fogo, os corpos duros ou as entranhas da Terra. Manifestam sua presença por efeitos sensíveis, tais como pancadas, movimento e deslocamento anormal dos corpos sólidos, agitação do ar, etc., o que fez dar-se-lhes o nome de Espíritos batedores ou perturbadores. Reconhece-se que esses fenômenos não são devidos a uma causa fortuita e natural, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, à atribuição dos Espíritos inferiores, mais aptos para as realizações no campo material do que no campo da inteligência.

Nas comunicações com os homens, a linguagem deles é, ocasionalmente, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade; apreendem as extravagâncias e os ridículos,

que exprimem em ditos mordazes e satíricos. Se tomam nomes falsos, é mais por malícia do que por maldade.

- *Sétima classe*: ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS – seus conhecimentos são bastante extensos, mas julgam saber mais do que em realidade sabem. Tendo feito algum progresso em vários ramos do conhecimento, sua linguagem tem um caráter sério que pode enganar quanto à sua capacidade real e elevação. Todavia, o mais das vezes, tudo isso não passa de um reflexo dos preconceitos e das idéias sistemáticas da vida terrena, uma associação de umas poucas verdades com os erros mais absurdos em meio aos quais se revelam a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação de que não se puderam despir.

- *Sexta classe*: ESPÍRITOS NEUTROS – não são nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para praticarem o mal. Inclina-se tanto para um como para o outro e não se elevam acima da condição vulgar da Humanidade, tanto em relação ao moral quanto em relação à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, cujas grosseiras alegrias lhes causam saudades.

Segunda ordem – Bons Espíritos

Caracteres gerais – predominância do Espírito sobre a matéria; desejo de praticar o bem. Sua qualificação e poder para realizar o bem estão em proporção ao grau a que chegaram: uns têm a sabedoria e a bondade; os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não sendo ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua classe, os vestígios da existência corporal, quer na linguagem, quer em seus hábitos, nos quais se encontram mesmo algumas de suas manias, sem o que seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que praticam e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, a fonte de sua felicidade infável, a qual não alteram nem a inveja, nem os pesares, nem os remorsos, nem nenhuma das paixões más que atormentam os

Espíritos imperfeitos. Entretanto todos têm ainda que passar pelas provações até que tenham atingido a perfeição absoluta.

Como Espíritos suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida os que disto se fazem dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos nas pessoas que não se comprazem em sofrê-la.

Quando encarnados, são bons e benevolentes para com os seus semelhantes. Não são movidos pelo orgulho, o egoísmo, a ambição; não experimentam o ódio nem o rancor, nem a inveja, nem o ciúme, e praticam o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de *bons gênios*, *Espíritos protetores*, *anjos da guarda*, *Espíritos do bem*. Nos tempos de superstição e ignorância fizeram-se deles divindades benfazejas.

Pode-se igualmente dividi-los em quatro grupos principais:

- *Quinta classe*: ESPÍRITOS BENFAZEJOS – sua qualidade dominante é a bondade. Comprazem-se em prestar serviços aos homens e em protegê-los, porém seu saber é limitado; seu progresso se fez mais no sentido moral do que no intelectual.

- *Quarta classe*: ESPÍRITOS SÁBIOS – o que os distingue especialmente é a extensão dos seus conhecimentos. Preocupam-se menos com questões morais do que com questões científicas, para as quais têm maior aptidão. Mas não encaram a ciência senão do ponto de vista da utilidade, e não a desvirtuam com nenhuma das paixões que são o característico dos Espíritos imperfeitos.

- *Terceira classe*: ESPÍRITOS SENSATOS – as qualidades de ordem mais elevada constituem seu caráter distintivo. Sem possuírem conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite um julgamento sadio dos homens e das coisas.

- *Segunda classe*: ESPÍRITOS SUPERIORES – reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem só respira benevolência; é, via de regra, digna, elevada, freqüentemente

sublime. Sua superioridade os torna, mais do que os outros, aptos para nos darem as noções mais exatas sobre as questões do mundo incorpóreo, nos limites do que é permitido ao homem conhecer. Comunicam-se de boa vontade com aqueles que procuram a verdade de boa fé, e cuja alma está suficientemente desprendida dos laços terrenos para compreendê-la. Todavia afastam-se dos que são unicamente movidos pela curiosidade ou daqueles que a influência da matéria desvia da prática do bem.

Quando, por exceção, se encarnam na Terra, é para realizar aqui uma missão de progresso. Oferecem-nos, então, o protótipo da perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem – Puros Espíritos

Caracteres gerais – nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens.

- *Primeira classe*: CLASSE ÚNICA – percorreram todos os graus da escala e se despiram de todas as impurezas da matéria. Tendo atingido a soma de perfeição de que é susceptível a criatura, não mais têm que sofrer nem provações nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos mortais, encontram-se na vida eterna, no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, pois que não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, entretanto, não é uma *ociosidade monótona passada em uma contemplação perpétua*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Orientam todos os espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e designam-lhes as missões. Assistir os homens na adversidade, incitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os afastam da felicidade suprema é para eles uma doce ocu-

pação. São designados, algumas vezes, pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas bem presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

É sem razão que certas pessoas os designam por *Espíritos incriados*. Espíritos incriados seriam de toda a eternidade, como Deus; ou se no Universo pudessem existir seres independentemente da vontade de Deus. Deus não teria a onipotência. Espíritos se serviram desta expressão, mas não neste sentido. Referiam-se deste modo a Espíritos que não mais se encarnarão e que, deste ponto de vista, não serão mais criados como homens. O termo é impróprio, pois dá lugar a uma falsa interpretação. Este é o inconveniente de nos aferrarmos à letra sem investigar o pensamento (v. *Anjo*).

II

Manifestações espíritas

Ação oculta

Os Espíritos atuam freqüentes vezes, à nossa revelia, sobre o nosso pensamento. Solicitam-nos a fazermos tal ou tal coisa. Cremos agir espontaneamente e não fazemos mais do que ceder a uma sugestão estranha.

Disto não se deve inferir que não somos dotados de iniciativa; longe disto: o Espírito encarnado tem sempre o seu livre arbítrio. Ele não faz, em definitivo, senão o que quer e, as mais das vezes, segue seu impulso pessoal. Para que se tenha uma idéia da maneira como se passam as coisas, é preciso representarmos nossa alma desprendida dos seus laços pela emancipação, o que sempre se dá durante o sono, haja ou não sonho, e todas as vezes que há entorpecimento dos sentidos, ocasionalmente durante a vigília. Ela entra então em comunicação com os outros Espíritos, como uma pessoa que sai de sua casa para a de um vizinho (permitam-nos a comparação familiar). Estabelece-se então entre eles uma espécie de conversação, ou, para falar mais exatamente, uma troca de pensamentos. A influência do Espírito estranho não é um constrangimento, mas uma espécie de conselho que ele dá a nossa alma, conselho que pode ser mais ou menos sensato, segundo a natureza do Espírito, e que a alma tem a liberdade de seguir ou rejeitar, mas que ela pode melhor apreciar quando não está mais sob o império das idéias que a vida de relação suscita. É por isso que se diz que a noite é boa conselheira.

Não é sempre fácil distinguir o pensamento sugerido do pensamento pessoal, pois que, habitualmente, eles se confundem. Entretanto presume-se que ele nos vem de uma fonte estranha quando é espontâneo, quando surge em nós como uma inspiração e está em oposição com a nossa maneira de ver. Nosso julgamento e nossa consciência nos fazem conhecer se ele é bom ou mau.

Manifestações ostensivas

As manifestações ostensivas diferem das manifestações ocultas por serem apreciáveis pelos nossos sentidos. Elas constituem, propriamente falando, todos os fenômenos espíritos que se nos apresentam sob as mais variadas formas.

Manifestações físicas

Assim se denominam as manifestações que se limitam a fenômenos materiais, tais como ruídos, movimento e deslocamento de objetos. Elas não comportam, as mais das vezes, nenhuma intenção direta: seu objetivo é chamar nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Para muitas pessoas estas espécies de manifestações são apenas um objeto de curiosidade. Para o observador cuidadoso são, quando menos, a revelação de um poder desconhecido, digno, em todo caso, de um estudo sério.

Os mais simples efeitos desse gênero são as pancadas vibradas sem causa ostensiva conhecida, e o movimento circular de uma mesa ou de um objeto qualquer, com ou sem imposição das mãos. Entretanto podem adquirir proporções muito mais estranhas: as pancadas se dão, eventualmente, por todos os lados e com uma intensidade que degenera em verdadeiro alvoroço; os móveis são movimentados, virados de pernas para o ar, elevados do solo; os objetos transportados de um lugar para o outro à vista de todos; as cortinas puxadas; as cobertas dos leitos arrancadas; as campainhas postas em funcionamento. Compreende-se que, quando se produzem tais fenômenos, certas pessoas lhes tenham atribuído uma origem diabólica. Um estudo atento deu cabo dessa crença supersticiosa. Voltaremos a ela mais tarde.

Manifestações inteligentes

Se os fenômenos de que acabamos de falar se tivessem limitado a efeitos materiais, não há dúvida que se poderia tê-los atribuído a uma causa puramente física, à ação de algum fluido cujas propriedades nos são ainda desconhecidas. O mesmo não

se pode dizer quando eles oferecem sinais incontestáveis de inteligência. Ora, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. É fácil distinguir-se em um objeto que se agita o movimento simplesmente mecânico do movimento intencional. Se este objeto, pelo ruído ou pelo movimento, faz um sinal, é evidente que há intervenção de uma inteligência. Como a razão nos diz que o próprio objeto material não é inteligente, concluímos que ele é *movido* por uma causa inteligente estranha. Tal é o caso dos fenômenos de que nos ocupamos.

Se as manifestações puramente físicas, de que acabamos de falar, são de natureza a nos captar o interesse, com maior razão tal se daria quando elas nos revelam a presença de uma inteligência oculta, pois que, então, não é mais simplesmente um corpo inerte que temos diante de nós, porém um ser capaz de nos compreender e com o qual podemos estabelecer uma troca de pensamentos. Concebe-se então que o método de experimentação deve ser completamente diverso do que seria se se tratasse de um fenômeno essencialmente material, e que nossos processos de laboratório são impotentes para explicar fatos que pertencem à ordem intelectual. Não se pode cogitar aqui de análises nem de cálculos matemáticos de forças. Ora, é precisamente esse o erro em que caiu a maior parte dos cientistas. Julgaram-se em presença de um desses fenômenos que a ciência reproduz à vontade e sobre o qual pode-se operar como sobre um sal ou um gás. Não que isso lhes diminua o saber e a capacidade. Mencionamos apenas que se enganaram crendo poder colocar os Espíritos em uma retorta, como o espírito do vinho.¹³ Os fenômenos espíritas, tanto quanto as questões da teologia e da metafísica, não são da alçada das ciências exatas.

Manifestações aparentes

As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, através dos sonhos: são as visões. Os sonhos nunca foram explicados pela ciência. Ela supõe ter dito tudo atribuindo-os a um efeito da imaginação. Mas não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas, que

nos aparecem às vezes. Isso, parece-nos, é querer explicar uma coisa que não é conhecida por outra que não o é mais. A questão persiste, pois, inteiramente.

O sonho é, diz-se, uma lembrança das preocupações da véspera. Entretanto, mesmo admitindo esta explicação, que não é uma explicação, restaria ainda saber no que consiste esse espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas. Como explicar, sobretudo, essas visões de elementos reais, que nunca vimos no estado de vigília e nos quais nunca pensamos? Só o Espiritismo podia fornecer-nos a chave desse fenômeno extravagante, que passa despercebido pela causa mesma de sua vulgaridade, como todas as maravilhas da natureza que calcamos aos pés.¹⁴ Não pode entrar em nosso programa examinar todas as particularidades que os sonhos apresentam. Resumimos dizendo que eles podem ser: uma visão atual, de coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado; e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. São também, outras vezes, quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar diante de nossos olhos para nos dar advertências úteis e conselhos salutares, se são bons Espíritos, ou para nos induzir ao erro e nos lisonjarem as paixões, se são Espíritos imperfeitos.

As pessoas que vemos em sonho são, pois, verdadeiras visões. Se sonhamos mais frequentemente com as que preocupam o nosso pensamento, é que este último é um veículo de evocação, e por ele chamamos a nós Espíritos dessas pessoas, quer estejam elas mortas, quer estejam vivas.

Pensamos que seria uma descortesia ao bom senso de nossos leitores refutar tudo quanto há de absurdo e de ridículo no que se denomina vulgarmente interpretação dos sonhos.

As aparições propriamente ditas se dão no estado de vigília e quando estamos desfrutando da plenitude e da inteira liberdade de nossas faculdades. É sem contradição o gênero de manifestação mais próprio para excitar a curiosidade, mas é também o menos fácil de ser obtido. Os Espíritos podem manifestar-se ostensivamente de diversas maneiras. Algumas vezes sob a forma de chamadas ligeiras ou de clarões mais ou menos brilhantes, que nenhuma analogia têm, quer pelo aspecto, quer pelas

circunstâncias em que se produzem, com os fogos fátuos e outros fenômenos físicos, cuja causa está perfeitamente demonstrada. Outras vezes tomam os traços de uma pessoa conhecida, ou desconhecida, sobre cuja individualidade podemos nos iludir, conforme as idéias de que estivermos imbuídos. Constituem-se então em imagens vaporosas, etéreas, que não encontram obstáculo algum nos corpos sólidos. Os fatos desse gênero são numerosos. Antes, porém, de atribuí-los à imaginação ou à superstição, é preciso levar em conta as circunstâncias em que se produziram, a posição e, sobretudo, o caráter do narrador.

Em certos casos a aparição se torna tangível, isto é, adquire momentaneamente, sob o império de certas circunstâncias, as propriedades da matéria sólida. Não é mais então pelos olhos que se verifica a realidade delas, mas pelo tato. Se se podia atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, a dúvida não é permitida quando se pode tocá-la, pegá-la, apalpá-la, quando ela mesma vos pega e vos aperta.¹⁵

Manifestações espontâneas

A maior parte dos fenômenos de que acabamos de falar, principalmente os que pertencem ao gênero das manifestações físicas e aparentes, podem produzir-se espontaneamente, isto é, sem que a vontade tenha alguma parte nisso. Em outras circunstâncias eles podem ser provocados pela vontade de pessoas chamadas médiuns, dotadas, para esse fim, de um poder especial.

As manifestações espontâneas não são raras, nem novas. Poucas são as crônicas locais que não encerram alguma história desse gênero. O medo, sem dúvida, exagerou muitas vezes os fatos, que assumiram proporções gigantescamente ridículas, passando de boca em boca. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles se passaram ganharam a reputação de assombradas pelo diabo. E, daí, todos os contos maravilhosos ou terríveis de almas do outro mundo. De seu lado a velhacaria não deixou escapar tão bela ocasião de explorar a credulidade, e isso muitas vezes em proveito de interesses pessoais. Pode-se imaginar, de resto, a forte impressão que fatos desse gênero, mesmo reduzidos

à realidade, podem produzir em caracteres fracos e predispostos, pela educação, às idéias supersticiosas. O meio mais seguro de evitar os inconvenientes que eles poderiam ter, visto que não os podemos impedir, é fazer conhecer a verdade. As coisas mais simples tornam-se terrificantes quando sua causa é desconhecida. Quando nos tivermos familiarizado com os Espíritos e aquelas a quem eles se manifestam não acreditaremos mais ter uma legião de demônios engarupados em suas costas, o medo estará definitivamente banido.

As manifestações espontâneas se produzem muito raramente em locais isolados. É quase sempre em casas habitadas que elas se dão e motivadas pela presença de certas pessoas que exercem uma especial influência sem o perceberem. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, embora não o saibam, e por essa razão denominá-las-emos *médiuns naturais*. Elas são, em relação aos outros médiuns, o que os sonâmbulos naturais são para os sonâmbulos magnéticos e igualmente dignas de observar-se. Por essa razão concitamos as pessoas que se ocupam com os fenômenos espíritas a recolherem todos os fatos que lhes vierem ao conhecimento, mas, sobretudo, a lhes verificarem, cuidadosamente, a realidade, para evitar tornarem-se vítimas da ilusão ou do embuste, o que só se pode alcançar por uma observação consciente.

Devemo-nos precaver não somente contra narrações que podem estar eivadas mesmo de mínimos exageros, mas também contra nossas próprias impressões, e não atribuímos a uma origem oculta tudo quanto não compreendemos. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais podem produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar louças, suscitar, enfim, mil e uma perturbações domésticas que, mais racionalmente, devem ser levadas à conta do desmazelo.

O que se deve fazer em tal caso é procurar a causa, e pode-se apostar cem contra um, que se descobrirá uma bem simples onde se julgava estar às voltas com um Espírito perturbador. Quando se produz um fenômeno inexplicado, o primeiro pensamento que devemos ter é que ele é devido a uma causa material, pois que é

a mais provável, e não admitir a intervenção dos Espíritos senão com perfeito conhecimento. Aquele que, por exemplo, sem que ninguém se lhe aproxime, recebe uma bofetada ou bengalada nas costas, como é evidente, não pode duvidar da presença de um ser invisível.

De todas as manifestações espíritas, as mais freqüentes e mais simples são os ruídos e as pancadas. É aqui, sobretudo, que se deve temer a ilusão, pois que uma multidão de causas naturais podem produzi-las: o vento que assobia ou agita um objeto, um corpo que nós mesmos movemos sem o perceber, um efeito acústico, um animal oculto, um inseto, etc., até mesmo as artimanhas de um caçador inoportuno. Os ruídos espíritas têm, aliás, um caráter particular, tomando embora um timbre e uma intensidade muito variadas, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permite confundi-los com o estalo da madeira que se movimenta, o crepitar do fogo ou o tique-taque monótono de um relógio de parede. São pancadas deliberadamente desferidas, ora surdas, fracas e ligeiras, ora claras, distintas, algumas vezes ruidosas, que mudam de lugar e se repetem sem ter uma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida sobre a origem das manifestações, é a sua obediência ao comando do experimentador. Se as pancadas se fazem ouvir no local designado; se elas respondem ao pensamento através de seqüências estabelecidas ou por sua intensidade, não se pode negar-lhes uma causa inteligente. Entretanto, a não obediência não é sempre uma prova em contrário.

Admitamos agora que, por uma investigação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos ou quaisquer efeitos são manifestações reais! É racional atemorizar-se? Não, certamente, pois que não pode haver neles, em caso algum, o menor perigo e tão-somente as pessoas adrede impressionadas com a idéia de que é o diabo que os motiva podem impressionar-se de um modo pernicioso, como as crianças às quais se faz medo com o lobisomem ou o bicho papão.

Essas manifestações adquirem, em certas circunstâncias, é preciso convir, proporções e persistência desagradáveis, desper-

tando o desejo, muito natural, de nos livrarmos delas. Torna-se necessária uma explicação a esse respeito.

Dissemos que as manifestações físicas têm por fim despertar nossa atenção e convencer-nos da presença de um poder superior ao do homem. Dissemos também que os Espíritos elevados não se ocupam com esta espécie de manifestações. Eles se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nós nos servimos de nossos serviçais para os trabalhos mais pesados, e isto com a finalidade que acabamos de mencionar. Uma vez atingido esse fim, cessa a manifestação material, já que não é mais necessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender o processo. No princípio de meus estudos sobre o Espiritismo, estando ocupado, certa noite, com um trabalho relacionado a esta matéria, fizeram-se ouvir pancadas em redor de mim no decorrer de quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Verifiquei que elas não tinham nenhuma causa accidental, mas, no momento, não pude saber mais nada. Nessa época eu tinha a oportunidade de encontrar, constantemente, um excelente médium psicógrafo. Logo no dia seguinte, interroguei o Espírito que se comunicava por seu intermédio a respeito da causa das pancadas.

– Era – foi-me respondido – teu Espírito familiar que queria falar-te.

– E que desejava ele dizer-me?

– Tu mesmo podes perguntar-lhe, pois ele se encontra aqui.

Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube depois, por outros Espíritos, que fora o de um ilustre filósofo da antigüidade). Ele assinalou-me erros em meu trabalho, indicando as *linhas* onde se encontravam. Deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu apelo todas as vezes que eu necessitasse interrogá-lo. Desde então, com efeito, esse Espírito nunca mais me abandonou. Deu-me inúmeras provas de uma grande superioridade e sua intervenção *benfazeja e eficaz* se manifestou em meu favor tanto no tocante aos negócios da vida material quanto relativamente às questões espirituais. Mas, desde

a nossa primeira conversa, cessaram as pancadas. Que desejava ele com efeito? Entrar em comunicação regular comigo? Para isso era necessário avisar-me. Sem dúvida, não foi ele quem veio, em pessoa, bater em minha casa. Provavelmente disso teria encarregado um emissário às suas ordens. Dado o aviso, oferecida sua explicação, estabelecidas as relações regulares, tornavam-se inúteis as pancadas, motivo pelo qual cessaram. Não se rufa mais o tambor para despertar os soldados uma vez que eles estão de pé.

Aconteceu a um dos nossos amigos um fato mais ou menos semelhante. Havia algum tempo seu quarto ressoava com ruídos diversos que se tornavam muito fatigantes. Tendo-se apresentado ocasião para interrogar o Espírito de seu pai, através de um médium escrevente, ele soube o que se desejava dele, fez o que lhe foi recomendado e desde então nada mais ouviu. Deve-se notar que as pessoas que não têm com os Espíritos um meio regular e fácil de comunicação assistem muito mais raramente a manifestações desse gênero, e isto por motivos óbvios.

Os Espíritos que assim se manifestam podem, igualmente, atuar por sua própria conta. São, muitas vezes, Espíritos sofredores que pedem assistência moral (v. *Prece*, no Vocabulário Espírita). Quando podem traduzir seu pensamento de um modo mais inteligível, pedem essa assistência da maneira que lhes era familiar em vida, ou que está nas idéias e nos hábitos daqueles a quem eles se dirigem, pois pouco importa essa forma, contanto que a intenção parta do coração.

Em resumo, o meio de fazer cessar manifestações importunas é procurar entrar em comunicação inteligente com o Espírito que vem nos perturbar, a fim de saber quem é ele e o que quer. Satisfeito o seu desejo, ele nos deixa em sossego. É como alguém que bate em uma porta até que lha tenham aberto. Mas que fazer, dirão, se não se dispõe de um médium?

Que faz um doente que não dispõe de um médico? Passa sem ele!

Neste caso, entretanto, dispomos de outro recurso. O doente não pode fazer-se médico, mas entre dez pessoas nove há que

podem ser médiuns escreventes. Na impossibilidade de dispor do concurso de um médium, a solução é o interessado tornar-se um deles. Na falta de um médium escrevente pode-se interrogar diretamente o Espírito que bate e que pode responder fazendo uso do mesmo meio, isto é, por pancadas convencionadas. Voltaremos a este assunto nos capítulos seguintes.

III

Comunicações espíritas

Toda manifestação que revela uma intenção ou uma vontade é, por isso mesmo, como dissemos, inteligente em maior ou menor grau. É esta, pois, uma qualificação genérica que distingue estas espécies de comunicações das que são puramente materiais. Quando o aperfeiçoamento dessa inteligência permite uma troca recíproca e contínua de pensamentos, obtêm-se *comunicações* regulares, cujo caráter permite julgar o Espírito que se manifesta. Elas serão, conforme a forma como são vazadas e seu conteúdo: *frívolas, grosseiras, sérias* ou *instrutivas* (v. *Comunicações*, no Vocabulário Espírita). Esta distinção é, aqui, de uma grande importância, pois que nos permite avaliar a superioridade ou a inferioridade que os Espíritos sempre revelam. Conhecem-se os homens pela linguagem. O mesmo se dá relativamente aos Espíritos. Ora, quem quer que esteja bem inteirado das qualidades distintivas de cada uma das classes da Escala Espírita, poderá, sem dificuldade, classificar todo e qualquer Espírito que se apresente na ordem que lhe cabe, assim como o grau de estima e confiança que deve merecer. Se a experiência não viesse apoiar este princípio, bastaria o bom senso para demonstrá-lo. Estabelecemos, pois, como regra invariável e sem exceção, que *a linguagem dos Espíritos está sempre na razão do grau de sua elevação*. A dos Espíritos realmente superiores é constantemente grave, digna, nobre. Faz-se sublime quando o assunto o exige. Essas entidades não apenas exprimem pensamentos da mais alta elevação, mas, igualmente, empregam uma linguagem que exclui, da maneira mais absoluta, toda trivialidade. Por mais expressiva que seja a mensagem, se estiver comprometida por uma única expressão que indique baixeza, é isto um sinal indubitável de inferioridade; com maior razão assim se julgará se o conjunto da manifestação ofender às conveniências por sua grosseria. A linguagem revela sempre aquele que a expressa, quer pelo pensamento que traduz, quer pela forma, e mesmo que um Espírito queira nos enganar quanto à sua pretensa superioridade.

dade, basta conversar com ele por algum tempo para surpreender-lhe a ponta da orelha.¹⁶ O fato seguinte reproduziu-se muitas vezes no decorrer dos nossos longos e numerosos estudos. Conversávamos com um Espírito cujo caráter e linguagem nos são bem conhecidos. Outro Espírito, mais ou menos elevado, se achava presente e, inesperadamente, *sem que se lhe dirigíssemos*, tomou parte na conversação. Ora, antes que tivesse enunciado o seu nome, a diferença de estilo era tão patente que cada um dos presentes disse de imediato: “Não é mais fulano que fala”. Entre os homens não se julgaria de outro modo. Basta, para isto, ouvi-los, mesmo sem os ver. Suponde que em um cômodo contíguo àquele em que estais encontram-se indivíduos que não conheceis e que não podeis ver. Pela sua conversação julgareis imediatamente se são rústicos ou pessoas de boa sociedade, ignorantes ou sábios, malfeitores ou pessoas honestas.

A bondade e a benevolência são ainda atributos essenciais dos Espíritos purificados. Eles não têm ódio nem aos homens nem aos outros Espíritos. Lastimam-lhes as fraquezas, criticam-lhes os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade; isto quanto ao moral. Podemos julgá-los igualmente pela natureza de sua inteligência. Um Espírito pode ser bom, benevolente, só ensinar o bem e possuir conhecimentos limitados, pois que, nele, a evolução ainda é incompleta. Não falamos de espíritos notoriamente inferiores. A esses seria perder tempo pedir explicações sobre certas coisas. Isto equivaleria a perguntar a um menino de escola o que pensa de Aristóteles ou do cosmos. Mas há Espíritos que em certos assuntos parecem esclarecidos, ao passo que em outros acusam a mais absoluta ignorância, não hesitando em defender as heresias científicas mais absurdas. Um Espírito desse tipo raciocinará muito sensatamente sobre uma questão e com desassiso sobre outra. Dá-se ainda como entre nós: um astrônomo é sábio no que concerne aos astros e pode ser muito ignorante em arquitetura, em música, em pintura, em agricultura, etc.. Tudo isso denota, evidentemente, uma evolução imperfeita, o que não quer significar que a entidade em apreço possa ser qualificada de má.

Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, em primeiro lugar, sabermos julgar a nós mesmos. Há, infelizmente, muitas pessoas que tomam sua opinião pessoal como medida exclusiva do bom e do mau, do falso e do verdadeiro. Tudo quanto lhes contradiz a maneira de ver, as idéias, as teorias que conceberam ou adotaram, é mau a seus olhos. A tais pessoas falta, evidentemente, a primeira qualidade para uma sã apreciação: a retidão de julgamento. Elas, entretanto, não o percebem. É o defeito a respeito do qual mais nos iludimos.

Acredita-se geralmente que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio em uma certa especialização, quando na Terra, mais seguramente se obterá a verdade. Isto é lógico e, todavia, nem sempre é verdadeiro. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os homens, sobretudo aqueles que deixaram a Terra há pouco tempo, estão ainda sob o império dos preconceitos da vida corporal. Eles não se libertaram imediatamente da sistematização. Pode, pois, acontecer que, sob a influência das idéias que acariciaram em vida e das quais fizeram um título de glória, vejam menos claro do que nós. Não temos este princípio como regra, absolutamente. Dizemos apenas que isto se observa e que, por conseguinte, a ciência humana de que estão dotados não é sempre uma garantia de sua infalibilidade como Espíritos.

Aqueles que, como acontece muitas vezes, condenam no estado de Espírito as doutrinas que haviam sustentado como homens, dão sempre, com isto, uma prova de elevação. Regra geral: *O Espírito é tanto menos perfeito quanto menos desprendido da matéria*. Todas as vezes, pois, que se reconhece nele a persistência das idéias falsas que o preocuparam durante a vida, pertençam elas à ordem física ou à ordem moral, é isto um sinal infalível de que não está completamente desmaterializado.

A obstinação nas idéias terrestres é tanto maior quanto mais recente é a morte. No momento da morte a alma está *sempre* em um estado de perturbação durante o qual mal se reconhece: *é um despertar que não é completo*. “Não sei onde estou, tudo é confuso para mim!”, tal é a resposta constante. Alguns Espíritos se queixam por ter sido perturbados tão cedo, outros cruamente

pedem que os deixem em paz; e, conforme o seu caráter, exprimem este pensamento em termos por vezes pouco corteses. Muitos não acreditam estar mortos, principalmente os suplicia-dos, os suicidas e, em geral, os que morreram de morte violenta. Eles vêem o próprio corpo, sabem que esse corpo lhes pertence e não compreendem por que estão separados dele. Isso deixa-os cheios de espanto; é-lhes preciso algum tempo para se capacitarem de sua nova situação. A invocação não pode ser feita nesse momento senão com o objetivo de estudos psicológicos, mas não adianta pedir-lhes informações.

Esse estado de confusão, que se pode comparar ao estado transitório do sono à vigília, persiste por um tempo mais ou menos longo. Vimos Espíritos que se haviam completamente desprendido ao fim de três ou quatro dias; outros não o estavam ainda depois de vários meses. Segue-se-lhes com interesse a marcha progressiva, assiste-se de certo modo ao despertar da alma; as perguntas que lhes são dirigidas, se são feitas com medida, prudência, circunspeção e benevolência, os ajudam mesmo a se desvencilharem. Se sofrem e temos a comiseração de sua dor, isto os alivia. Quando a morte é natural, isto é, quando ela se dá pela extinção gradual das forças vitais, a alma está já em parte desligada antes da cessação completa da vida orgânica, e se reconhece mais prontamente. O mesmo se dá com os homens que, durante a vida, se elevaram pelo pensamento acima das coisas materiais. Já neste mundo, eles pertencem, de certo modo, ao mundo dos Espíritos. A passagem de um a outro plano se faz rapidamente e a perturbação é de curta duração.

Uma vez desprendida *dos restos de suas vestes corporais*, a alma se acha em seu estado normal de Espírito. É somente então que se pode julgá-la, porque se revela verdadeiramente como é. Suas qualidades e seus defeitos, suas imperfeições, seus preconceitos, suas prevenções, suas idéias falsas, mesquinhas ou ridículas, persistem sem modificação durante toda a duração de sua vida errante, ainda que esta fosse de mil anos. É-lhe preciso passar de novo pelo crivo da vida corporal, para nele deixar algumas de suas impurezas e elevar-se mais alguns degraus. Temos visto algumas que, depois de 200 anos de vida errante,

têm ainda as manias e mesquinhas que as caracterizavam em vida, enquanto outras desenvolvem quase que imediatamente uma grande superioridade.

A propósito do estado de transição que acabamos de descrever, nos referimos apenas aos Espíritos sofredores. Naturalmente perguntar-se-á se esse momento é doloroso. Não entra em nosso escopo tratar do sofrimento dos Espíritos. Esta questão terá seu lugar na *Revista*. Limitar-nos-emos, pois, a dizer que, para o homem de bem, para o que adormece na paz de uma consciência pura e não teme nenhum olhar perscrutador, o despertar é sempre calmo, doce e plácido. Para aquele cuja consciência está carregada de malefícios, para o homem materializado, que pôs todas as suas alegrias na satisfação do corpo, para o que malbaratou os favores que a Providência lhe havia outorgado, ele é terrível. Sim, esses Espíritos sofrem no instante em que deixam a vida. Sofrem muito e tal padecimento pode durar tanto quanto sua vida errante. Essa dor, mesmo sendo apenas moral, é tanto mais pungente, porque não lhes é dado ver-lhes o término; sofrem até que um raio de esperança venha luzir-lhes aos olhos, e esta esperança nós podemos fazer nascer conversando com eles. Boas palavras, testemunhos de simpatia são para eles um alívio para o qual podem concorrer os bons Espíritos, que chamamos em nosso auxílio para secundarem nossas intenções. Um suicida evocado pouco tempo depois da morte nos pintava suas torturas.

– Quanto tempo durará isto? – perguntou-se-lhe.

– Nada sei a esse respeito, e é o que me desespera.

Um Espírito superior que estava presente elucidou então espontaneamente:

– Isto durará até o termo natural da vida que ele voluntariamente interrompeu.

– Muito obrigado! – disse o outro – pelo que *este que aí está* acaba de me informar.

Terminaremos este capítulo com uma observação essencial. O quadro que acabamos de traçar não é o resultado de uma teoria, nem de um sistema filosófico mais ou menos engenhoso. Tudo o que dissemos foi recebido dos próprios Espíritos; a eles é que

interrogamos e eles é que nos responderam, muitas vezes de uma maneira contrária às nossas convicções primitivas.

Fizemos com os Espíritos o que os anatomistas fazem com o corpo humano: levamos o escalpelo da investigação a inúmeros indivíduos; não nos contentamos com fazê-los falar, sondamos-lhes todos os refolhos da existência, ao menos tanto quanto nos foi possível fazê-lo; seguimo-los desde o instante em que exalaram o último suspiro da vida corporal até o momento em que tornaram a nela entrar. Estudamos-lhes a linguagem, os hábitos, os costumes, os sentimentos, os pensamentos, como o médico escuta as pulsações de um doente, e nesta clínica moral, em que todas as fases da vida espírita passaram sob nossos olhos, observamos e comparamos. Vimos, de um lado, chagas medonhas, mas, do outro, grandes motivos de consolação. Ainda uma vez não fomos nós que imaginamos tudo quanto aqui vai escrito. Foram os Espíritos que a si mesmos se pintaram. Para quem quer que deseje entrar em relação com eles, importa conhecê-los bem, a fim de ficar em condições de apreciar-lhes a situação e melhor compreender-lhes a linguagem, que, sem isto, poderia algumas vezes parecer contraditória. Eis por que nos estendemos um tanto longamente sobre este capítulo.

IV

Diferentes modos de comunicação

Os Espíritos podem comunicar-se conosco por diferentes meios. Nós os definimos no Vocabulário Espírita. Daremos aqui, sobre cada um, comentários necessários à prática.

Sematologia e tiptologia

Utilizou-se, primitivamente, a mesa para este meio de comunicação, unicamente porque é um móvel cômodo, dada a facilidade que oferece de se colocarem as pessoas em redor dele e porque foi o primeiro sobre o qual se produziram os movimentos que deram lugar à expressão burlesca de *dança das mesas*. Mas importa saber que uma mesa não exerce maior influência sobre o processo do que um outro móvel ou objeto qualquer. Vamos tratar do fenômeno em seu aspecto mais simples.

Se uma pessoa coloca a extremidade dos dedos na borda de um objeto circular, móvel, como uma taça, um prato, um pires, um chapéu, um copo, e nesta situação concentra a vontade sobre esse objeto para fazê-lo mover-se, pode acontecer que ele se agite com um movimento rotatório, a princípio lento, depois cada vez mais rápido, a ponto de ter-se dificuldade em segui-lo. O objeto girará, quer para a direita, quer para a esquerda, segundo a direção indicada pela pessoa, verbal ou mentalmente. Uma vez estabelecida a comunicação fluídica entre a pessoa e o objeto, este pode produzir o movimento sem contato, atuando apenas pelo pensamento. Nós dissemos que isto pode acontecer porque, de fato, não há certeza absoluta de bom êxito. Certas pessoas são dotadas, a esse respeito, de um poder tal que o movimento se produz no fim de alguns segundos; outras só o obtêm depois de cinco ou dez minutos; outras, enfim, nada obtêm. Afora a experiência, não há diagnóstico que possa fazer reconhecer a aptidão para produzir este fenômeno. A força física nenhuma influência exerce nisto. As pessoas frágeis e delicadas obtêm, freqüentemente, mais do que homens vigorosos. É um

ensaio que cada qual pode fazer sem perigo algum, embora daí resulte, ocasionalmente, uma fadiga muscular assaz intensa e uma espécie de agitação febril.

Se a pessoa é dotada de poder suficiente conseguirá, por si só, fazer girar uma mesa leve. Algumas vezes poderá, igualmente, atuar sobre uma mesa pesada e maciça. Todavia é preciso, para isso, um poder especial.

Para operar mais facilmente sobre uma mesa de certo peso, diversas pessoas se colocam em redor dela. O número é indiferente. Também não é necessário alternar o sexo, nem estabelecer contato entre os dedos dos assistentes. Basta colocar as extremidades dos dedos sobre a mesa, quer em cheio, quer levemente, como sobre as teclas de um piano. Nada disso tem grande importância. Há, ao contrário, outras condições essenciais mais difíceis de preencher, isto é, a concentração do pensamento de todas as pessoas no sentido de obter movimento em um sentido ou em outro, um recolhimento e um silêncio absolutos e, sobretudo, uma grande paciência. O movimento se produz, por vezes, em cinco ou dez minutos, mas freqüentemente é preciso resignar-se a esperar meia hora ou mais. Se, depois de uma hora, não se obteve nada, é inútil continuar.

Devemos acrescentar que várias pessoas são antipáticas a esses fenômenos e que sua influência negativa pode fazer-se sentir pela sua simples presença; outras são completamente neutras. Em geral, quanto menos numerosos são os expectadores, melhor é o resultado, seja porque haja menos probabilidade de encontrar antipatias, seja porque o silêncio e o recolhimento se tornam mais fáceis.

O fenômeno é sempre provocado por efeito da aptidão especial de algumas das pessoas atuantes, cujo poder se multiplica pelo número. Quando o poder é bastante grande, a mesa não se limita a girar: agita-se, levanta-se, ergue-se sobre um pé, balança-se como um navio e acaba até por afastar-se do solo sem ponto de apoio.

Uma coisa notável é que, qualquer que seja a inclinação da mesa, os objetos que estão sobre ela aí se mantêm e mesmo um

lâmpião nenhum perigo corre. Um fato não menos singular é que, estando inclinada e sustentada sobre um único pé, ela pode oferecer tal resistência que o peso de uma pessoa não basta para abaixá-la.

Quando se conseguir produzir um fenômeno enérgico, o contato das mãos não é mais necessário. Podemos afastar-nos da mesa, e ela se dirige à direita, à esquerda, para adiante, para trás, para tal pessoa designada, levanta-se sobre um ou outro pé, segundo a ordem que lhe é dirigida.

Até aí esses fenômenos não têm nenhum caráter essencialmente inteligente. Todavia nem por isso deixam de ser curiosos de se observar, como resultado de uma força desconhecida. Eles são, aliás, de molde a convencer certas pessoas que não admitiriam apenas raciocínios filosóficos. É o primeiro passo na ciência espírita que nos conduz, muito naturalmente, aos meios de comunicação.

O mais simples de todos esses meios é, como o homem privado da palavra ou da escrita, a linguagem dos sinais. Um Espírito pode comunicar seu pensamento pelo movimento de um objeto qualquer. Conhecemos certa pessoa que se entretém com seu Espírito familiar, o de uma pessoa por quem nutriu muita afeição, por meio do primeiro objeto que se lhe depara: uma régua, uma faca de cortar papel, etc., colocados sobre sua escrivaninha. Ela põe-lhe os dedos em cima e, depois de ter invocado esse Espírito, a régua se move para a direita ou para a esquerda, respondendo sim ou não, conforme o convencionado, indica números, etc.. O mesmo resultado se obtém com uma mesa ou um velador. Colocados os dedos sobre a borda, presentes uma ou várias pessoas, e evocado o Espírito, se ele se encontra presente a julga conveniente revelar-se, a mesa se ergue ou se abaixa, movimenta-se e, por esses movimentos de vai-e-vem para a direita ou para a esquerda, ou em oscilação de pêndula, responde afirmativa ou negativamente. Batendo com os pés, ela exprime alegria, impaciência e até mesmo cólera. Algumas vezes vira-se de pernas para o ar ou se precipita sobre um dos assistentes, como se tivesse sido impelida por mão invisível. E nesses mo-

vimentos se reconhece a expressão de sentimentos, de afeição ou de antipatia.

Um dos nossos amigos encontrava-se uma noite em seu salão, ocupado com manifestações desse gênero. Recebe uma carta; enquanto a lê, o velador se adianta para ele, se aproxima da carta, e isto espontaneamente, sem influência de ninguém. Terminada a leitura, ele vai colocar a carta sobre uma mesa na outra extremidade do salão. O velador o segue e lança-se sobre a carta. Ele deduziu disto a presença de um Espírito recém-vindo, simpático ao autor da carta e que queria comunicar-se com este. Tendo-o interrogado por meio do velador, teve a confirmação de suas intuições. É a isto que chamamos *sematologia* ou linguagem por sinais.

A *tiptolotia*, ou linguagem por pancadas, oferece mais precisão. Pode-se obtê-la por dois processos diferentes. O primeiro, a que chamamos *tiptologia por movimento*, consiste em pancadas vibradas pela própria mesa com um dos pés. Essas pancadas podem responder sim ou não conforme o número de batidas convencionadas para exprimir um ou outro. As respostas são, como se concebe, muito incompletas, sujeitas a enganos e pouco convincentes para os noviços, porque se pode sempre atribuí-las ao acaso.

A *tiptologia íntima* é produzida de uma maneira completamente diversa. Não é mais a mesa que bate; ela fica completamente imóvel, mas as pancadas ressoam na própria substância da madeira, da pedra ou de qualquer outro corpo, e muitas vezes com força bastante para se fazerem audíveis em um cômodo vizinho. Se se aplica o ouvido ou a mão contra uma parte qualquer da mesa, sente-se que ela vibra dos pés à superfície. Esse fenômeno se obtém procedendo do mesmo modo como para fazê-la mover-se, com a diferença que o movimento puro e simples pode ocorrer sem evocação, ao passo que para se obterem as pancadas é preciso, quase sempre, fazer-se apelo a um Espírito.

Reconhece-se nessas pancadas a intervenção de uma inteligência por obedecerem a um pensamento. Assim, de conformidade com o desejo expresso verbal ou mentalmente, elas mudam

de lugar, fazem-se ouvir em direção a tal ou tal pessoa designada, dão voltas ao redor da mesa, são desferidas de maneira leve ou acentuada, imitam o eco, o ruído de uma serra, o do martelo, o do tambor, das descargas de um pelotão de artilharia, marcam o compasso de uma ária musical determinada, indicam a hora, o número das pessoas presentes, etc., ou então se distanciam da mesa e vão se fazer ouvir junto de uma janela, de uma porta, em locais convencionados. Enfim, respondem sim ou não às perguntas que lhes são dirigidas. Essas experiências constituem antes um objeto de curiosidade e raramente possibilitam comunicações sérias. Os Espíritos que assim se comunicam são, em geral, de ordem inferior. Os Espíritos sérios não se prestam às exhibições, do mesmo modo que, entre nós, os homens de respeito não se prestam aos malabarismos dos saltimbancos. Quando os interrogamos a esse respeito, eles respondem com esta pergunta: “Entre vós são os homens superiores que fazem os ursos dançarem?”

A tiptologia alfabética nos oferece um meio de correspondência mais fácil e mais completo. Ela consiste na designação das letras do alfabeto por um número de pancadas correspondente à ordem de cada letra, e desta maneira se formam palavras e frases. Todavia, esse meio, por sua lentidão, tem o grande inconveniente de não se prestar a assuntos de certa extensão. Pode-se, todavia, abreviá-lo em inúmeros casos. Basta, muitas vezes, conhecer as primeiras letras de uma palavra para adivinhar-lhe o fim, e então não se deixa acabar. Na dúvida, pergunta-se se a palavra é a que se supõe, e o Espírito responde sim ou não pelo sinal convencionado.

A tiptologia alfabética pode ser obtida pelos dois meios que acabamos de indicar: as pancadas batidas pela mesa e as que se fazem ouvir na substância de um corpo duro. Para as comunicações de caráter mais sério, preferimos o primeiro, por duas razões: uma porque é, de certo modo, mais manejável e ao alcance da aptidão de um número maior de pessoas; a outra concerne à natureza dos Espíritos. Na tiptologia íntima os espíritos que se manifestam são, geralmente, os que denominamos batedores. Espíritos levianos, às vezes muito divertidos, mas ignorantes. Eles podem ser agentes de Espíritos sérios, segundo

as circunstâncias, mas atuam as mais das vezes espontaneamente e por sua própria conta. A experiência prova que os Espíritos das outras ordens se comunicam de preferência pelo movimento.

Em todo caso a tiptologia alfabética é um modo de comunicação de que os Espíritos superiores se servem a contragosto e somente à falta de melhor recurso. Eles apreciam tudo que se presta à rapidez de seus pensamentos e, por causa da lentidão do processo, que os impacienta, *abreviam suas respostas*. De comum, já acham nossa linguagem demasiado lenta e com maior razão rejeitam os meios de comunicação que aumentam essa lentidão.

Psicografia

A ciência espírita progrediu como todas as outras ou mais rapidamente que as outras, pois alguns anos apenas nos separam das atividades iniciais em que esses meios primitivos e incompletos, denominados trivialmente mesas falantes, eram empregados e já nos podemos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens o fazem entre si, e isto pelos mesmos meios, isto é, a escrita e a palavra. A escrita tem, sobretudo, a vantagem de acusar mais materialmente a intervenção de um poder invisível e registrar traços que se podem conservar, como fazemos com nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas ou das cestas munidas de um lápis. Os próprios Espíritos os sugeriram. Eis a maneira de proceder.

Dissemos, no começo deste capítulo, que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a um objeto qualquer. Tomemos, por exemplo, uma cestinha de 15 a 20 centímetros de diâmetro (pouco importa que seja de madeira ou de junco, a substância é indiferente). Se, então, através do fundo dessa cesta se faz passar um lápis fixado solidamente, com a ponta para fora e para baixo, e se se mantém o todo em equilíbrio sobre a ponta do lápis colocado sobre uma folha de papel, colocando-se os dedos sobre a cesta, esta se moverá. Mas, em vez de girar como um pião, ela passeará o lápis

em diversos sentidos sobre o papel, de maneira a formar, quer traços insignificantes, quer caracteres de escrita. Se é evocado um Espírito e quiser comunicar-se, responderá, não mais por sim ou não, mas por palavras e frases completas. Nesta disposição o lápis, chegando à extremidade da linha, não volta sobre si mesmo para começar outra. Continua circularmente, de tal modo que a linha da escrita forma uma espiral e é preciso girar várias vezes o papel para ler o que está grafado. A escrita assim obtida nem sempre é legível, não estando as palavras separadas; mas o médium, por uma espécie de intuição, a decifra facilmente. Por economia pode-se substituir o papel e o lápis por uma ardósia e um lápis apropriado. Designaremos esta cesta sob o nome de *cesta pião (corbeille-toupile)*.

Várias outras disposições foram imaginadas para atingir o mesmo fim. A mais cômoda é a que denominaremos *cesta de bico (corbeille à bec)*, e que consiste em adaptar sobre a cesta uma haste de madeira inclinada, fazendo saliência de 10 a 15 centímetros de lado, na posição do mastro de gurupés¹⁷ de um navio. Por um orifício praticado na extremidade dessa haste, ou do bico, faz-se passar um lápis bastante comprido para que a ponta repouse sobre o papel. Pondo o médium os dedos sobre a cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve como no caso descrito anteriormente, com a diferença que a escrita é, em geral, mais legível, as palavras separadas, e as linhas não são mais em espiral, mas se seguem como na escrita comum, pois o lápis se transporta, por si mesmo, de uma linha para outra. Obtêm-se assim dissertações de várias páginas tão rapidamente como se se escrevesse com a mão.

A inteligência que atua se manifesta freqüentemente por outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página o lápis faz espontaneamente um movimento para virá-la. Se deseja reportar-se a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra, procura-a, com a ponta do lápis – como uma pessoa faria empregando os olhos –, e depois a sublinha. Se, por fim, o Espírito quer dirigir-se a um dos assistentes, a ponta da haste de madeira aponta em sua direção. Para abreviar ele exprime com facilidade as palavras *sim* e *não*, empregando os sinais de afirmação e de

negação que nós fazemos com a cabeça. De todos os processos empregados é este o que dá à escrita maior gama de variações, de acordo com o Espírito que se manifesta, e, não poucas vezes, em uma caligrafia semelhante à que tinha em vida, sobretudo se deixou a Terra há pouco tempo.

Em lugar da cesta, algumas pessoas se servem de uma espécie de mesinha, feita de propósito, de 12 ou 15 centímetros de comprimento por 5 a 6 de altura, com três pés, num dos quais prende o lápis. Outras se servem simplesmente de uma tabuinha sem pés. Em uma das bordas há um buraco para pôr o lápis. Colocada para escrever, ela se acha inclinada e se apóia por um de seus lados sobre o papel. Concebe-se, de resto, que todas as disposições nada têm de absoluto. A mais cômoda é a melhor.

Com todos esses aparelhos é preciso, quase sempre, que estejam presentes duas pessoas; mas não é necessário que a segunda pessoa seja dotada de faculdade mediúnica; ela serve unicamente para manter o equilíbrio e para diminuir a fadiga do médium.

Chamamos psicografia indireta à escrita assim obtida, em oposição à psicografia direta ou escrita obtida pela própria mão do médium. Para compreender este último processo é preciso inteirar-se do que se passa nessa operação. O Espírito estranho que se comunica atua sobre o médium; este, sob essa influência, dirige *maquinalmente* o braço e a mão para escrever, sem ter (é, ao menos, o caso mais comum) a menor consciência do que escreve. A mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente*, ela é um instrumento dirigido por uma inteligência, não é mais, na realidade, do que uma espécie de porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário inerte entre a mão e o lápis. Suprima-se esse intermediário e coloque-se o lápis na mão. Ter-se-á o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, visto que o médium escreve como o faz nas condições normais. Assim, qualquer pessoa que escreve com o auxílio da cesta, prancheta ou outro objeto pode escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, é este, sem nenhuma dúvida, o mais simples, o mais fácil e o mais cômodo, pois que não exige nenhuma preparação e se presta,

como a escrita corrente, aos assuntos mais extensos. Voltaremos a ele quando tratarmos dos médiuns.

A pneumatografia é a escrita direta dos Espíritos. Quando esse fenômeno ocorreu pela primeira vez (ao menos em nosso tempo, pois nada prova que não fosse conhecido na antigüidade e na Idade-Média, como todos os outros gêneros de manifestações) excitou dúvidas muito naturais. Hoje, entretanto, é um fato indiscutível. Alguém muito digno de fé nos afirmou que um cônego amigo de seus pais, de combinação com o abade Faria, obtinha esse gênero de escrita em Paris desde o ano de 1804. O Sr. Barão Guldenstubbé¹⁸ acaba de publicar, sobre esse assunto, uma obra muito interessante, acompanhada de numerosos autógrafos nesta escrita. Foi ele, até certo ponto, quem a pôs em evidência e muitas outras pessoas, segundo afirma, obtiveram idênticos resultados. Colocava-se a princípio uma folha de papel e um lápis sobre um túmulo, junto à estátua ou ao retrato de um personagem qualquer, e no dia seguinte, algumas horas depois, achava-se inscrito sobre o papel um nome, uma sentença, algumas vezes sinais ininteligíveis. É evidente que nem o túmulo, a estátua, ou o retrato exerciam qualquer influência por si mesmos; eram, simplesmente, um meio de evocação pelo pensamento. Agora, limitamo-nos a pôr o papel, com ou sem lápis, em uma gaveta ou em uma caixa que se pode fechar a chave, tomando todas as precauções necessárias para evitar qualquer fraude, e obtêm-se o mesmo resultado evocando o Espírito.

Este fenômeno é, sem contradição, um dos mais extraordinários entre os apresentados pelas manifestações espíritas, e um dos que atestam de maneira peremptória a intervenção de uma inteligência oculta; mas não pode substituir a psicografia (até agora pelo menos) para as explanações que certos assuntos comportam. Obtém-se em verdade, assim, a expressão de um pensamento espontâneo, mas o processo parece prestar-se dificilmente às conversações e à troca de idéias que a outra maneira comporta. Este meio é, aliás, de obtenção mais rara, ao passo que os médiuns escreventes são muito numerosos.

À primeira vista parece difícil encontrar explicação para um fato tão anormal. Não está em nossos planos explicá-lo aqui, pois

que, para isso, preciso remontar à fonte de outros fenômenos de que ele é conseqüência. Achar-se-ão explicações completas na *Revista Espírita* e, por deduções lógicas, verificar-se-á como a ele se chega como a um resultado natural.

Finalmente, os Espíritos nos transmitem o seu pensamento pela voz de certos médiuns dotados para esse fim de uma faculdade especial. É o que denominamos *psicofonia*. Esse meio tem todas as vantagens da psicografia pela rapidez que possibilita o tratamento de assuntos extensos. É muito do agrado dos Espíritos Superiores, mas tem, talvez, para as pessoas que duvidam o inconveniente de não acusar, de maneira bastante evidente, a intervenção de uma inteligência estranha. Convém, sobretudo, àqueles que, já suficientemente edificados sobre a realidade dos fatos espíritas, deles se servem para a complementação de seus estudos e não têm necessidade de mais acrescentar à sua convicção.

Acabamos de esboçar os diferentes meios de comunicação direta com os Espíritos. Designamo-los empregando uma nomenclatura própria, abrangendo todas as variedades e mesmo todas as gradações, que permitem, assim, melhor nos entendermos do que com perífrases que nada têm de definitivo ou de metódico. No início das manifestações, quando as idéias neste campo eram menos precisas, publicaram-se várias obras com esta explicação: “Comunicações escritas por uma cesta, por uma prancheta; obtidas pelas mesas falantes, etc.”. Hoje compreende-se tudo que essas expressões têm de insuficiente ou de errôneo, fazendo abstração de seu caráter pouco sério. Com efeito, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas são apenas instrumentos inertes que nada podem comunicar por si mesmos. Tal não compreender é tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio atuante; equivaleria a pôr um autor no título de sua obra, que ele a escreveu com uma pena metálica ou com uma pena de ganso.

Os instrumentos mencionados não são, aliás, os únicos a ser empregados. Conhecemos uma pessoa que, em lugar da *cesta-piã*, já descrita, servia-se de um funil, no gargalo do qual passava o lápis. Poderíamos, pois, obter comunicações de um funil

e, igualmente, de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas são transmitidas por meio de pancadas e essas pancadas são batidas por uma cadeira ou por um bastão, não se trata de uma mesa falante, mas de uma cadeira ou de um bastão falante. O que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas o modo de obtenção. Se a comunicação se dá pela escrita, seja qual for o porta-lápis, para nós se trata de psicografia; se através de pancadas, trata-se de tiptologia. Tomando o Espiritismo as proporções de uma ciência, torna-se-lhe necessária uma linguagem científica.

V

Dos médiuns

Toda pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo. Por essa razão raros são os indivíduos nos quais não se encontram ainda que simples rudimentos de mediunidade. Pode-se, pois, dizer que todas ou quase todas as pessoas são médiuns. Todavia, no uso corrente, esta qualificação não se aplica senão àquelas nas quais a faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende, então, de uma organização mais ou menos sensitiva. É preciso notar, além disso, que esta faculdade não se revela em todas as pessoas da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, uma aptidão especial para tal ou tal ordem de fenômenos, o que dá origem a tantas variedades de mediunidade quantas são as espécies de manifestações (v. *Médiuns* no Vocabulário Espírita). Vamos entrar em algumas minúcias a respeito das que podem prestar-se a considerações essenciais.

Médiuns de influência física

Os médiuns de influência física são aqueles que têm uma aptidão especial para a produção de fenômenos materiais.

Médiuns naturais

Na classe dos médiuns de influência física é que se encontram principalmente os *Médiuns naturais*, aqueles cuja influência se exerce sem que eles o saibam. Eles não têm nenhuma consciência do seu próprio dom e, freqüentemente, o que se passa de anormal em seu redor não lhes parece, de modo algum, extraordinário. A faculdade faz parte deles mesmos, exatamente como as pessoas dotadas da segunda-vista e que não o suspeitam. Esses casos são muito dignos de observação e é sempre útil

registrar-se e estudar os fatos desse gênero que chegam ao nosso conhecimento. A situação se apresenta em pessoa de qualquer idade e, muitas vezes, em crianças ainda muito novas.

Esta faculdade não é, por si mesma, indício de um estado patológico, pois que não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui é doente, isto se deve a uma outra causa; por isso os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la cessar. Ela pode, em certos casos, ser consecutiva a uma fraqueza orgânica, porém jamais é causa particular e, assim sendo, não deve ocasionar nenhuma inquietação do ponto de vista da saúde física e mental. A mediunidade só poderá ser inconveniente se o indivíduo, tornando-se médium facultativo, fizer uso abusivo dela, pois que, então, haverá, por parte dele, emissão demasiadamente abundante de fluido vital e, como conseqüência, enfraquecimento dos órgãos.

É preciso precaver-se sobretudo contra *qualquer experimentação física*, sempre nociva às organizações sensitivas, pois nisto está o perigo.

Daí podem resultar graves desordens na economia orgânica. Por esse motivo a razão se revolta com a idéia das torturas morais e corporais às quais têm sido submetidos, tantas vezes, seres fracos e delicados, nas tentativas de se certificar de que não cometiam fraudes nas experimentações. Fazer tais provas é brincar com a vida. O investigador de bom critério não tem necessidade do emprego desses meios. Aquele que está familiarizado com essas espécies de fenômenos sabe, aliás, que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física e que em vão se procuraria a solução deles em nossas ciências exatas.

Por isto mesmo, se esses fenômenos dependem da ordem moral, deve-se evitar com cuidado não menos escrupuloso tudo quanto pode superexcitar a imaginação. Conhecem-se os acidentes que o medo pode ocasionar e seríamos menos imprudentes se conhecêssemos todos os casos de loucura e epilepsia que têm origem nos contos do lobisomem e das assombrações. Que não se dará, pois, se as pessoas se persuadirem de que se trata do diabo! Os que abonam tais idéias não compreendem a responsabilidade que assumem. Elas podem matar! Ora, o perigo não

ameaça só o indivíduo, ameaça também aqueles que o cercam e que podem ficar aterrorizados com o pensamento de que sua casa é um covil de demônios. Foi esta crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos anos de ignorância. Entretanto, com um pouco mais de discernimento ter-se-ia concluído que, queimando o corpo que se julgava possuído pelo diabo, não se queimava o diabo. Visto que o que se queria era livrar-se do diabo, a ele é que se devia matar; a doutrina espírita, esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, deu à superstição o golpe de misericórdia. Longe, pois, de fazer nascer esse pensamento, deve-se, e é este um dever de moralidade e de humanidade, combatê-lo, se ele existe.

O que se deve fazer quando semelhante faculdade se desenvolve espontaneamente num indivíduo é deixar o fenômeno seguir sua marcha natural: a natureza é mais prudente do que os homens. A Providência, de outro lado, tem suas intenções, e o mais humilde dos seres pode se fazer o instrumento dos mais altos desígnios. Mas, é preciso concordar, este fenômeno adquire algumas vezes proporções fatigantes e importunas; ora, eis aqui, em todos os casos o que se deve fazer.¹⁹

Partindo do princípio de que as manifestações físicas espontâneas têm por fim despertar nossa atenção para alguma coisa, é preciso procurar conhecer esse objetivo, e para isso faz-se mister interrogar o Ser invisível que deseja comunicar-se. Oferecemos a esse respeito uma explicação no capítulo das manifestações. Ele pode estar desejando algo para si mesmo ou para a pessoa através da qual se manifesta. Num e noutro caso é provável que, como já dissemos, se é atendido, cessará suas visitas. Eis de resto outro meio baseado, como o precedente, na observação dos fatos.

Os seres invisíveis, que revelam sua presença por efeitos sensíveis, são em geral Espíritos de uma ordem inferior e que podemos influenciar por nosso ascendente moral. É este ascendente que é preciso adquirir. Longe, pois, de nos mostrarmos submissos a seus caprichos, é preciso opor-lhes a vontade e constrangê-los a obedecer, o que não impede que se condescenda com todos os pedidos justos e legítimos que fizerem. Tudo depende, aliás,

da natureza do Espírito que se comunica. Pode ser inferior, mas benevolente, e vir com boa intenção. Disto é que nos devemos certificar, o que se reconhecerá facilmente pela natureza das comunicações. Mas não se vá perguntar se é um bom Espírito. Qualquer que seja, a resposta é sempre afirmativa. Seria como perguntar a um ladrão se é um homem honesto.

Para obter esse ascendente é preciso fazer o indivíduo passar do estado de *médium natural* para o de *médium facultativo*. Produz-se então um efeito análogo ao que se dá no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa, geralmente, quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se detém a faculdade emancipadora da alma, dá-se-lhe outro rumo. O mesmo ocorre com a faculdade mediúnica. Para este fim, em lugar de embaraçar os fenômenos, o que raramente se consegue e nem sempre sem perigo, é preciso incitar o médium a reproduzi-los à vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio ele consegue controlá-lo e, de um dominador algumas vezes tirânico, faz um ser subordinado e até mesmo dócil. Um fato digno de nota, e justificado pela experiência, é que, em semelhante caso, uma criança tem tanta autoridade e por vezes mais autoridade do que um adulto, prova esta concludente em apoio de uma questão capital da doutrina, a de que o Espírito não é criança senão pelo corpo e que ele possui, como aquisição pessoal, um progresso necessariamente anterior à sua encarnação atual, evolução que lhe pode dar um ascendente sobre Espíritos que lhe são inferiores.

Médiuns facultativos

Os médiuns facultativos são aqueles que têm consciência de seu poder e produzem fenômenos espíritas por ação da vontade. Esta faculdade, se bem que inerente à espécie humana, como já dissemos, está longe de existir em todos no mesmo grau. Mas, se poucas são as pessoas em que ela é praticamente nula, as que são capazes de produzir os grandes efeitos, tais como a levitação de corpos no espaço, os transportes e sobretudo as aparições, são ainda mais raras. Os efeitos mais simples são os da movimentação dos objetos, pancadas vibradas pelo levantamento desses

objetos ou em sua própria substância. Sem ligar importância capital a esses fenômenos, concitamos a não desprezá-los: eles podem dar lugar a observações interessantes e auxiliar a comprovação.²⁰ Mas é preciso notar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe naqueles que têm meios mais perfeitos de comunicação, tais como, por exemplo, a escrita ou a palavra. Geralmente ela diminui em um sentido, à medida que se desenvolve no outro.

Médiuns escreventes ou psicógrafos

De todos os meios de comunicação, a escrita é o mais simples, o mais cômodo e, sobretudo, o mais completo. Para este é que devem convergir todos os esforços, pois ele permite estabelecer com os Espíritos relações tão contínuas e tão regulares quanto as que existem entre nós, e aquele através do qual os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de sua perfeição ou de sua inferioridade. Pela facilidade que eles têm de exprimir-se, nos fazem conhecer seus pensamentos íntimos e nos põem, assim, em condições de julgá-los e de apreciar-lhes o valor.

A faculdade de escrever, para um médium, é, além disto, a mais susceptível de se desenvolver pelo exercício. No capítulo em que tratamos das diversas modalidades de comunicação explicamos as diferentes maneiras pelas quais pode-se obter a escrita. Vimos que a cesta e a prancheta apenas representam o papel de apêndice da mão: é um porta-lápis mais comprido, eis tudo! O mesmo resultado se conseguiria colocando o lápis na extremidade de um bastão. Esses aparelhos têm a vantagem de oferecer uma escrita mais característica do que a obtida com a mão, porém têm o inconveniente de exigir, quase sempre, a colaboração de uma segunda pessoa, o que pode ser incômodo. Por isso aconselhamos os interessados a que se apliquem, de preferência, à escrita direta. O processo é dos mais singelos. Consiste simplesmente em pegar papel e lápis e pôr-se, sem mais preocupação, na posição de uma pessoa que escreve. Todavia, para alcançar bom êxito, são indispensáveis várias medidas preliminares.

Como, em definitivo, é pela influência de um Espírito que se escreve, este não virá se não for chamado. É, pois, necessário invocá-lo pelo pensamento e pedir-lhe, em nome de Deus, queira se comunicar. Não é necessário o emprego de nenhuma fórmula sacramental. Quem pretenda lançar mão de tais medidas corre o risco de ser tomado por charlatão: o pensamento é tudo, a forma nada! Não deixa de ser necessário chamar por um Espírito que seja simpático, e isto por duas razões: uma é que ele virá de boa vontade, se nos é afeiçoado; outra porque, em razão dessa afeição, ele estará mais disposto a secundar nosso esforço para se comunicar conosco. Será, pois, de preferência, um parente ou um amigo; mas pode acontecer que esse parente ou esse amigo esteja em uma posição em que não pode acudir ao nosso apelo ou que não tenha bastante poder para nos fazer escrever. Eis por que é sempre útil evocar também o Espírito familiar, seja ele quem for, sem que seja preciso saber-lhe o nome, visto que este está sempre conosco; então, de duas uma, ou é ele que responde, ou então vai procurar outro e, de qualquer forma, nos presta auxílio.

Um cuidado, desprezado por quase todos os principiantes, relaciona-se à pergunta; é evidente que o Espírito evocado não pode responder se não se lhe pergunta nada. Poderia, sem dúvida, dizer espontaneamente alguma coisa, como acontece, a cada instante, com os médiuns formados; mas com o que ainda está começando o Espírito tem que vencer uma primeira dificuldade mecânica; é preciso, pois, simplificá-la tanto quanto possível e é este o efeito produzido por uma pergunta que traz uma resposta precisa.

Ter-se-á o cuidado, para começar, de formular a pergunta de tal maneira que a resposta seja simplesmente *sim* ou *não*. Mais tarde essa precaução se torna inútil. A natureza da pergunta não é fator de especial importância; não é necessário que ela tenha, por si mesma, uma importância real. Ao contrário, quanto mais simples, melhor. Não se trata, no princípio, senão de estabelecer uma comunicação. O essencial é que ela não seja fútil, que não se relacione com assuntos de interesse privado e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para com o Espírito ao qual nos dirigimos.

Elemento não menos necessário é a calma e o recolhimento, reunidos a um desejo sincero e a uma firme vontade de obter o contato espiritual. É bom notar que, por vontade, não entendemos, aqui, um sentimento efêmero que atua por intermitência e que é, a cada minuto, interrompido por outras preocupações, mas de uma deliberação paciente, perseverante, sustentada pela prece que se dirige ao Espírito evocado. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e pelo distanciamento de tudo quanto possa ocasionar distrações. Só resta então uma expectativa; a de esperar sem impaciência e renovar todos os dias as tentativas, durante dez minutos ou um quarto de hora, no máximo, de cada vez, e isto durante quinze dias, um mês, dois meses e mais, se preciso for. Por essa razão dissemos que se faz preciso uma vontade paciente e perseverante; por isso, igualmente, é que os Espíritos consultados sobre a aptidão de tal ou tal pessoa, dizem quase sempre: “com vontade conseguireis”. É, pois, possível que se consiga da primeira vez, como é possível também que se faça necessário esperar um tempo mais ou menos longo. Mas, em todos os casos, se ao fim de três meses não se obtém absolutamente nada, será quase inútil prosseguir.

Deve-se notar que quando interrogamos os Espíritos para saber se uma pessoa é ou não médium, eles respondem quase sempre afirmativamente, o que não impede que os ensaios mediúnicos sejam muitas vezes infrutíferos. Isto se explica facilmente. Faz-se ao Espírito uma pergunta de ordem geral, ele responde de uma maneira geral. Ora, como é sabido, nada é mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois pode apresentar-se sob as mais variadas formas e em graus diferentes. Pode, pois, alguém ser médium sem percebê-lo e possuir faculdade da qual nem sequer suspeita. A esta pergunta vaga: “Sou médium?”, o Espírito pode responder: “Sim”. E a esta outra mais específica: “Sou médium escrevente?”, ele pode responder: “Não”. É preciso levar também em conta o caráter do Espírito que se interroga. Há os tão levianos e tão ignorantes, que respondem a torto e a direito, como verdadeiros desassizados.

Um meio que geralmente dá bom resultado, quer para apressar o desenvolvimento, quer mesmo para fazer psicografar uma

pessoa que sem isto não o conseguiria, consiste em empregar, como auxiliar momentâneo, um bom médium escrevente ou um outro já desenvolvido. Se se põe a mão dele sobre a mão que deve escrever, é raro que esta não o faça imediatamente. Compreende-se o que se passa nesta circunstância: a mão que segura o lápis se torna, de certo modo, um apêndice da mão do médium, como o seriam uma cesta ou uma prancheta. Isso, entretanto, não impede que este exercício se revele útil quando se pode empregá-lo como uma forma de auxílio, quando é repetido freqüente e regularmente, para vencer os obstáculos materiais e provocar o desenvolvimento da faculdade.

É suficiente, algumas vezes, magnetizar fortemente o braço e a mão da pessoa que deseja escrever. Em algumas experiências basta que o magnetizador se limite a colocar a mão sobre o ombro do paciente e este põe-se prontamente a escrever sob esta influência. O mesmo efeito pode ser obtido sem contato algum e apenas pela ação da vontade. Neste caso é preciso excitar os esforços do Espírito, encorajando-o pela palavra. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador em seu próprio poder deve representar aqui um importante papel, e que um magnetizador incrédulo alcançaria pouco ou nenhum resultado.

O poder que permite desenvolver nos outros a faculdade de escrever constitui uma variedade de médiuns a que denominamos *médiuns formadores*. E o que talvez parecerá estranho é que esta faculdade existe em pessoas que não são, elas próprias, médiuns escreventes. Seu concurso é, muitas vezes, útil aos principiantes e mesmo aos que dispõem de uma aptidão natural. Há uma multidão de pequenas precauções que muito freqüentemente são desprezadas em detrimento da rapidez no processo de desenvolvimento e que um guia experimentado faz observar, quer quanto às medidas de ordem material, quer, *sobretudo*, quanto à natureza das primeiras perguntas e à maneira de fazê-las. Seu papel é o de um professor que dispensamos logo que nos julgamos habilitados.²¹

A fé no aprendiz de médium não é condição de rigor. Indiscutivelmente ela secunda os esforços, mas não é indispensável. O desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas perfeita-

mente incrédulas ficarem muito espantadas de escreverem sem o querer, ao passo que crentes sinceros podem não consegui-lo: o que prova que essa faculdade depende de uma predisposição orgânica.

Como disposição material, recomendamos evitar tudo o que pode embaraçar o livre movimento da mão. É mesmo preferível que esta não repouse completamente sobre o papel. A ponta do lápis deve apoiar-se suficientemente para escrever, mas não tanto que experimente resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis quando se tiver conseguido escrever correntemente, pois então nenhum obstáculo pode detê-la; elas são apenas as preliminares do aprendiz.

O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de estremecimento no braço e na mão: pouco a pouco a mão é arrastada por um impulso que não pode dominar. Muitas vezes ela não traça, a princípio, senão riscos insignificantes; depois os caracteres se desenhavam cada vez mais nitidamente e a grafia acaba por adquirir a rapidez da escrita corrente. Em todos os casos é preciso abandonar a mão ao seu movimento natural e não empregar nem resistência nem propulsão.

A escrita é, por vezes, muito legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas, com certos médiuns, é difícil de ser decifrada por qualquer outra pessoa a não ser a que escreve: é preciso adquirir o hábito. É, geralmente, constituída por grandes traços. Algumas palavras enchem, por vezes, uma página inteira. Os Espíritos fazem pouca economia de papel.²² Quando uma palavra ou uma frase é muito pouco legível, pede-se ao Espírito que recomece, o que ele, geralmente, faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este pode chegar a uma mais correta através de exercícios constantes e perseverantes, *empregando nisso uma firme vontade* e solicitando com empenho ao Espírito que seja mais inteligível. Se pretendemos conservar as respostas, é bom transcrevê-las imediatamente, assim como as perguntas, enquanto as temos na memória, pois mais tarde isso se tornaria, possivelmente, muito difícil. Certos Espíritos, antes de começar uma resposta, fazem a mão executar diversas evoluções e traçam uma multidão de

riscos insignificantes. Dizem que é para se porem em exercício, desembaraçarem a mão ou estabelecerem o contato. Esses riscos são, ocasionalmente, emblemas, alegorias, cuja explicação eles dão em seguida. Adotam muitas vezes sinais convencionais para exprimir certas idéias que entram em uso nas reuniões habituais. Para fazerem ver que uma pergunta lhes desagrada e que não querem respondê-la, desenharão, por exemplo, um longo traço ou qualquer coisa equivalente.

Quando o Espírito acabou o que tinha de dizer, ou não quer mais responder, a mão fica imóvel, e o médium, quaisquer que sejam seu poder e sua vontade, não pode obter mais uma palavra; é sinal de que o Espírito se retirou. Ao contrário, enquanto este não acabou, o lápis caminha sem que seja possível à mão deter-se. Se quer dizer espontaneamente alguma coisa, a mão agarra convulsivamente o lápis e se põe a escrever sem poder opor-se a isto.

Tais são as explicações mais essenciais que temos que dar no tocante ao desenvolvimento da psicografia; a experiência fará conhecer, com a prática, certas minúcias que seria inútil referir aqui e para as quais servirão de guia os princípios gerais. Se muitos experimentarem, não se achará quase família que não tenha um médium escrevente entre os seus, mesmo que seja uma criança.

Todo aquele que recebeu a faculdade de escrever com facilidade, sob a influência dos Espíritos, possui um recurso precioso, pois se torna o intérprete entre o mundo visível e o invisível; é esta, muitas vezes, uma missão que recebeu para o bem, mas da qual não deve tirar vantagem, uma vez que essa faculdade lhe pode ser retirada se faz mau emprego dela, ou mesmo voltar-se contra ele, passando a escrever palavras más e a só ter à sua disposição Espíritos maus. Aquele que, apesar de seus esforços e de sua perseverança, não consegue possuí-la, não deve disso tirar nenhuma conclusão desfavorável contra si mesmo. O fato apenas prova que sua organização física não se presta a isso, mas não fica, por essa razão, deserdado das comunicações espíritas. Se não as recebe diretamente, pode obtê-las, tão belas e tão boas, através de um intermediário. Pode, aliás, ter, em compensação,

outras faculdades não menos úteis. A privação de um sentido é, quase sempre, compensada por um outro sentido mais desenvolvido.

VI

Papel e influência do médium nas manifestações

Para se compreender o papel do médium nas manifestações é preciso inteirar-se da maneira como se opera a transmissão do pensamento dos Espíritos. Falamos aqui dos médiuns escreventes.

O Espírito tem, como dissemos, um envoltório semimaterial, que chamamos perispírito. O fluido condensado, por assim dizer, em redor do Espírito, para formar esse invólucro, é o intermediário pelo qual ele atua sobre os corpos. É o agente de seu poder material e é através dele que produz os fenômenos físicos.

Se examinarmos certos efeitos que se produzem nos movimentos das mesas, da cesta ou da prancheta que escreve, não podemos pôr em dúvida a ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita às vezes com tanta violência que escapa às mãos do médium; em outras circunstâncias ela se dirige para certas pessoas do círculo para batê-las, outras vezes seus movimentos demonstram um sentimento afetuoso. A mesma coisa se dá quando o lápis é colocado na mão do médium; muitas vezes é lançado ao longe com força, ou então a mão, como a cesta, se agita convulsivamente e bate na mesa com cólera, mesmo quando o médium se encontra perfeitamente tranqüilo, e se admira de não ser mais senhor de si. Digamos, de passagem, que esses efeitos denotam geralmente a presença de Espíritos imperfeitos. Os Espíritos realmente superiores são constantemente calmos, dignos e benevolentes. Se não são ouvidos convenientemente, se retiram, e outros lhes tomam o lugar. O Espírito pode, pois, exprimir diretamente seu pensamento pelo movimento de um objeto ao qual a mão do médium serve apenas de ponto de apoio; ele pode fazê-lo mesmo sem que esse objeto esteja em contato com o médium.

A transmissão do pensamento dá-se também por intermédio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, visto que desig-

namos sob esse nome o Espírito encarnado. O Espírito estranho, neste caso, não atua sobre a mão para fazê-la escrever, como não atua sobre a cesta. Ele não a segura, não a guia. Atua sobre a alma com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão por meio do fluido que compõe seu próprio perispírito. A mão dirige a cesta e a cesta dirige o lápis. Notamos aqui coisa importante de ser registrada: que o Espírito estranho não se substitui à alma, pois não pode desalojá-la; ele a controla à revelia dela, imprime-lhe sua vontade. Quando dizemos à revelia dela, queremos falar da alma atuando exteriormente pelos órgãos do corpo. Entretanto a alma, como Espírito, mesmo encarnado pode, perfeitamente, ter consciência da ação exercida sobre ela por um Espírito estranho. O papel da alma, nessa circunstância, é algumas vezes, inteiramente passivo e então o médium, se é de incorporação, não tem nenhuma consciência do que escreve ou do que diz. Ocasionalmente, entretanto, a passividade não é absoluta; então ele tem uma consciência mais ou menos vaga, embora a mão seja arrastada por um movimento maquinal, ao qual a vontade permanece alheia.

Se é assim, dir-se-á, nada prova que seja um Espírito estranho que escreve e não o do médium. Aqui é o lugar de analisar um erro cometido por algumas pessoas. Nós diremos, pois, que pode acontecer que a alma do médium se comunique como o faria um Espírito estranho. E isso se concebe facilmente. Visto que podemos evocar o Espírito de pessoas vivas, ausentes e presentes, e como esse Espírito se comunica pela escrita ou pela palavra do médium, por que o Espírito encarnado no médium não se comunicaria igualmente? Os fatos provam que isso ocorre em certas circunstâncias, como no sonambulismo, por exemplo. Segue-se daí que a comunicação feita pela alma do médium tenha menos valor? De modo algum. O Espírito encarnado no médium pode ser mais elevado do que certos Espíritos estranhos e, assim, dar comunicações. Neste caso ele fala como Espírito desligado da matéria, e não como homem. A questão é saber se não é sempre o Espírito do médium que emite seus próprios pensamentos, como alguns pretendem. Esta opinião *absolutista* é uma teoria que só pode ter origem em uma observação incompleta. Por esse

motivo é sempre perigoso conceber teorias sobre as coisas que não analisamos em profundidade ou das quais só pudemos ver uma face. Há, sem dúvida, casos em que a intervenção de um Espírito estranho não é incontestável, mas basta que, em alguns, ela seja manifesta para tirar-se a conclusão de que outro Espírito que não seja o do médium pode comunicar-se. Ora, essa intervenção estranha não pode ser duvidosa quando, por exemplo, uma pessoa que não sabe ler nem escrever, não obstante escreve como médium. Quando um médium fala ou escreve em uma língua que não conhece; quando, enfim, o que é mais comum, ele não tem consciência alguma do que escreve, e os pensamentos que exprime são contrários ao seu próprio modo de ver, estão além de seus conhecimentos ou fora do alcance de sua inteligência. A experiência dá, sobre este último fato, provas tão numerosas e tão incontestes que não é permitida a dúvida a quem quer que tenha observado muito e, sobretudo, *bem*.

Seja qual for, pois, o modo de ação do Espírito estranho para a produção da escrita ou para expressão do pensamento pela palavra, o médium nunca passa de um instrumento mais ou menos cômodo. Isto nos dá ocasião de fazer uma observação importante, que responderá a esta pergunta natural: por que todos os médiuns não escrevem em todas as línguas que lhes são desconhecidas?

O Espírito estranho compreende, sem dúvida, todas as línguas, pois que as línguas são a expressão do pensamento. Mas para transmitir esse pensamento é preciso um instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium, que recebe a comunicação estranha, não pode transmitir senão pelos órgãos de seu corpo; ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua desconhecida, a flexibilidade que têm para a que lhes é familiar. Um médium que sabe apenas o francês poderá acidentalmente dar uma resposta em inglês, por exemplo, se apraz ao Espírito fazê-lo; mas os Espíritos que já acham a linguagem humana demasiado lenta, em vista da rapidez do pensamento, pois que eles a abreviam tanto quanto podem, se impacientam com a resistência mecânica que experimentam; eis por que eles não o fazem sempre. É esta também a razão pela qual um médium

noviço, que escreve penosamente e com lentidão, mesmo em sua própria língua, não obtém, em geral, senão respostas breves e sem particularidades; por isso os Espíritos recomendam que não se faça, por intermédio deles, senão perguntas simples. Para as de alto alcance é preciso um médium desenvolvido, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Não tomaríamos, para nosso leitor, um menino de escola que apenas soletra. Um bom operário não gosta de servir-se de maus utensílios. Ajuntemos outra consideração de uma grande gravidade no que concerne às línguas estrangeiras. Os ensaios desse gênero são sempre feitos com um objetivo de curiosidade e de experimentação. Ora, nada é mais antipático aos Espíritos do que as provas às quais tentamos submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a isto e se retiram logo que se quer entrar nesse caminho. Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias, quanto repugnam ocupar-se de coisas fúteis e sem objetivo. Mas, dirão os incrédulos, para convencer, esse objetivo é útil, pois que pode angariar adeptos para a causa dos Espíritos. A isso os Espíritos respondem:

“Nossa causa não tem necessidade daqueles que são bastante orgulhosos para se julgarem indispensáveis. Chamamos a nós *aqueles que queremos*, e são às vezes os mais pequenos e os mais humildes. Jesus realizou os milagres que os escribas lhe pediam, mas de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quereis vos convencer, tendes outros meios que não as prestidigitações. Começai primeiro por submeter-vos. Não é razoável que o aluno imponha sua vontade ao mestre.”

Resulta daí que, com algumas exceções, o médium transmite o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão à sua disposição, e que a expressão desse pensamento pode – e deve mesmo, o mais das vezes – se ressentir da imperfeição desses meios. Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as coisas mais belas, exprimir os pensamentos mais elevados, mais filosóficos, falando como um camponês. Para os Espíritos o pensamento é tudo, a forma nada é. Isto responde à objeção de certas críticas a respeito das incorreções de estilo e de

ortografia que se lhes podem censurar e que dependem tanto do médium quanto do Espírito. É uma futilidade apegar-se a semelhantes pretextos.

Se o médium, quanto à execução, é apenas um instrumento, ele exerce, sob outro ponto de vista, uma influência muito grande. Visto que, para se comunicar, o Espírito estranho se identifica com o do médium, essa identificação não pode dar-se se não há entre eles simpatia e, por assim dizer, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito estranho uma espécie de atração ou de repulsão, segundo o grau de sua similitude ou dessemelhança; ora, os bons Espíritos têm afinidade para os bons e os maus para os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium têm uma influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se ele é vicioso, os Espíritos inferiores vêm agrupar-se em redor dele e estão sempre prontos para tomar o lugar dos bons Espíritos que foram chamados. As qualidades que atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor do próximo e o despreendimento das coisas materiais. Os defeitos que os repelem são: o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria. Um médium por excelência seria, pois, aquele que, com facilidade de execução, reunisse no mais alto grau as qualidades morais.

A influência do espírito do médium pode exercer-se de outra maneira. Se ele é hostil ao Espírito estranho que se comunica, pode lhe ser um intérprete infiel, alterar-lhe ou disfarçar-lhe o pensamento, ou transmiti-lo em termos impróprios. O mesmo se dá entre nós quando se encarrega um homem de má fé de uma missão de confiança.

A faculdade mediúnica, levada embora a alto grau de desenvolvimento, não basta, pois, para garantir boas comunicações. É necessário, antes de tudo e como uma condição expressa, um médium simpático aos bons Espíritos. A repulsão destes para com os médiuns inferiores, do ponto de vista moral, se concebe facilmente. Tomamos para confidentes de nossos pensamentos pessoas que não estimamos?

Certas pessoas são verdadeiramente mal aquinhoadas no que se refere às comunicações. Existem as que não recebem ou não transmitem, habitualmente, senão comunicações triviais ou grosseiras. Elas devem deplorar este fato como um indício certo da natureza dos Espíritos que se agrupam em redor delas, pois não são, certamente, Espíritos superiores que usam semelhante linguagem. Não serão demais todos os esforços que fizerem para se desembaraçar de acólitos tão pouco recomendáveis, a não ser que se comprazam nestas espécies de conversações. Nós as concitamos, em todos os casos, a que evitem fazer alarde dessa situação, pois que o fato pode dar uma idéia pouco lisonjeira dos laços de amizade que mantêm no mundo dos Espíritos. Completaremos o que temos a dizer sobre os médiuns à medida que a seqüência de nossas instruções o exigir.

Então é absolutamente impossível obter boas comunicações através de médiuns imperfeitos? É o que veremos no capítulo seguinte.

VII

Influência do meio sobre as manifestações

Seria um erro grave acreditar que é preciso ser médium para atrair os seres do mundo invisível. O espaço está povoado deles; temo-los sem cessar em redor de nós, a nosso lado. Eles nos vêem, nos observam, se misturam às nossas reuniões, seguem-nos ou fogem de nós conforme os atraímos ou os repelimos. A faculdade mediúnica nenhum papel desempenha nisto; ela é apenas um meio de comunicação. Segundo o que vimos quanto às causas de simpatia ou de antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade para com o nosso próprio Espírito, conforme ele é elevado ou degradado. Consideremos agora o estado moral do nosso globo e compreenderemos qual é o gênero de Espíritos que deve dominar entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos julgar, pelo caráter dominante dos habitantes, por suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos morais e *humanitários*, das ordens de Espíritos que ali iremos, de preferência, encontrar. Os Espíritos outra coisa não são senão nossas almas desprendidas de nossos corpos e que levam consigo o reflexo das nossas qualidades e das nossas imperfeições. Eles são bons ou maus segundo o que nós fomos, com exceção daqueles que, tendo deixado no fundo do alambique terrestre suas impurezas, se elevaram acima da turba dos Espíritos imperfeitos. O mundo espírita não é, pois, em realidade, senão um extrato quintessenciado do mundo corporal e que dele veicula os bons e os maus odores.

Partindo desse princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconstantes, ocupados com seus próprios prazeres: quais serão os Espíritos que nela se encontrarão, de preferência? Certamente não serão Espíritos superiores, do mesmo modo que nossos sábios e filósofos não iriam ali passar o tempo. Assim, todas as vezes que os homens se reúnem, eles têm consigo uma assembléia invisível que simpatiza com suas quali-

dades ou com seus defeitos, e isto *independentemente de toda e qualquer invocação*. Admitamos agora que eles tenham a possibilidade de se entreter com os seres do mundo invisível por meio de um intérprete, isto é, de um médium. Quais são os que vão responder-lhe ao apelo? Evidentemente os que estão ali prontos e que só esperam uma ocasião para se comunicar. Se, em uma assembléia fútil, se evoca um Espírito superior, ele poderá atender e mesmo fazer ouvir algumas palavras ponderadas, como um bom pastor vem ao meio de suas ovelhas desgarradas. Mas, no momento em que se vir nem compreendido nem ouvido, ir-se-á embora, como vós mesmos o faríeis em lugar deles, e os outros ficarão em plena liberdade.

Nem sempre basta que uma reunião seja séria para obter comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração nem por isso é mais puro. Ora, é o coração, sobretudo, que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral pode ser negligenciada nas comunicações espíritas. Entretanto, se alguém se encontra em más condições, conversa com seus semelhantes, que não têm escrúpulos em enganá-lo e, muitas vezes, lhe alimentam os preconceitos.

Por não pertencer a uma ordem superior, todavia um Espírito nem sempre é, necessariamente, mau. Frequentemente é apenas leviano. Se vos divertis com suas galhofas, ele se entregará a elas com todo o prazer e vos ultrapassará no sal dos epigramas que, raramente, serão fora de propósito; e, sob uma aparência jovial dão, não raro, mordazes lições. São os palhaços do mundo espírita, como os Espíritos superiores dele são os sábios e os filósofos.

Por aí se vê a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes. Essa influência não se exerce, entretanto, como algumas pessoas pretenderam, quando não se conhecia ainda o mundo dos Espíritos como se conhece hoje, sem esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é porque essa opinião se reflita no Espírito do médium como em um espelho: é, antes, porque tendes convosco Espíritos que são simpáticos tanto para o bem como para o mal e que largamente influenciam sobre vossa

opinião. Isso prova que, se tiverdes força para atrair a vós Espíritos diferentes dos que vos cercam, esse mesmo médium pode usar para convosco de uma linguagem completamente diferente e tratar de assuntos que se encontram distantes de vosso pensamento e de vossas convicções.

Em resumo, as condições do meio serão tanto melhores quanto mais homogeneidade, quanto mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de se instruir sem pensamento preconcebido houver para o bem.

Nessa situação três elementos podem influenciar alternada ou simultaneamente: o conjunto dos assistentes, pelos Espíritos que eles atraem, o médium, pela natureza de seu próprio Espírito, que serve de intérprete, e a pessoa que orienta os trabalhos. Esta pode, sozinha, dominar todas as outras influências e, mais do que isto, todas as condições desfavoráveis do meio; pode, por vezes, obter notáveis resultados graças ao seu ascendente, se o fim a que se propõe é útil. Os Espíritos superiores atendem ao seu apelo e em seu favor. Os outros se calam como alunos diante dos mestres.

A influência do meio faz compreender que quanto menos numerosos somos nas reuniões, tanto melhor esta decorre, pois que, assim, é mais fácil obter homogeneidade. As pequenas reuniões íntimas são sempre mais favoráveis às belas comunicações. Entretanto concebe-se que, se cem pessoas reunidas estão suficientemente recolhidas e atentas, obterão mais do que dez que fossem distraídas e ruidosas. O que é preciso haver entre os assistentes é, sobretudo, uma *comunhão de pensamento*. Se essa comunhão é para o bem, os bons Espíritos a ela vêm facilmente e de boa vontade. Toda a circunspecção é pouca na escolha dos elementos novos introduzidos nas reuniões. Há pessoas que levam a perturbação a toda parte onde se acham. Os mais prejudiciais, nesse caso, são os ignorantes na matéria, nem mesmo os que não crêem. A convicção não se adquire senão pela experiência e há pessoas que, de boa fé, desejam se esclarecer. Aqueles sobretudo contra quem devemos nos precaver são as pessoas de idéias preconcebidas, os incrédulos a todo transe, que duvidam de tudo, mesmo da evidência, os orgulhosos que pretendem ter,

somente eles, a luz infusa, que querem, em toda situação, impor sua opinião e olham com desdém todo aquele que não pensa como eles. Não vos deixeis levar pelo pretense desejo de se esclarecerem. Mais de um deles ficaria bem zangado de ser obrigado a admitir que se enganou. Acautelai-vos igualmente contra esses discutidores insípidos, que se julgam sempre no direito de dizer a última palavra. Os Espíritos não apreciam as discussões inúteis.

VIII

Das relações com os Espíritos

A maneira como nos colocamos em comunicação com os Espíritos é, neste estudo, uma das questões que se mostra de maior proeminência. Se considerarmos a distância que separa as duas extremidades da escala espírita, compreenderemos, sem esforço, a necessidade de certas cautelas, levando em conta o caráter dos Espíritos e seus hábitos. Não basta, pois, que estejamos, nós mesmos preparados; é preciso ainda conhecer o caminho mais favorável para alcançar, com segurança, o fim a que nos propu-
semos. Teremos, pois, que examinar o processo que convém seguir para as reuniões, para as evocações, a linguagem que se deve usar com os Espíritos, a natureza das perguntas que lhes podemos dirigir.

Das reuniões

Está entendido que admitimos o caráter de seriedade dessas reuniões e de seus objetivos. Quanto àquelas que são objeto de diversão e curiosidade, nós as deixamos entregues a si mesmas; plena liberdade aos assistentes de solicitarem que se lhes adivinhem o futuro, de nelas discutirem seus pequenos problemas. Eles terão, antecipadamente, a certeza de que serão satisfeitos. Faremos notar, todavia, que essas reuniões frívolas têm um grave inconveniente, a saber: certas pessoas podem tomar a sério o que, o mais das vezes, não passa de um gracejo da parte dos Espíritos levianos e que se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. Quanto às pessoas que nunca tiveram qualquer experiência, não é aí que devem receber as primeiras lições e nem tão pouco haurir convicções. Correriam o risco de conceber uma imagem distorcida dos seres que compõem o mundo espírita, pouco mais ou menos como quem julgasse toda a população de uma grande cidade pelos habitantes de seus subúrbios.

Por tudo quanto temos dito, concebe-se que o silêncio e o recolhimento são condições de primacial importância nas reuniões espíritas. Entretanto, o que também releva-se importante é a regularidade com que devem ser realizadas. A todas elas acorrem Espíritos que podemos chamar de “freqüentadores assíduos” e, como tais, não queremos nos referir aos Espíritos que se encontram por toda parte e que em tudo se intrometem. Referimo-nos aos Espíritos familiares ou àqueles com os quais costumamos tratar mais habitualmente. Não devemos supor que esses Espíritos não tenham mais o que fazer senão nos escutar. Eles têm suas ocupações e podem, por outro lado, se encontrar em condições desfavoráveis para serem invocados. Quando as reuniões se realizam em dias e horas fixos, eles dispõem convenientemente de seus horários e é raro que faltem. Alguns levam mesmo a pontualidade ao excesso: reprovam os atrasos e se marcam, eles próprios, um determinado horário, será inútil invocá-los com alguns minutos de antecedência.

Fora das horas consagradas eles podem, sem dúvida, vir e vêm mesmo de boa vontade se a finalidade é justificável. Entretanto, nada é mais nocivo às boas comunicações do que chamá-los a torto e a direito, ao sabor de nossas fantasias e, sobretudo, sem motivo sério. Como não são obrigados a se submeter aos nossos caprichos, poderiam bem não se dar ao incômodo e é então, principalmente, que outros podem tomar-lhes o lugar e usar-lhes o nome.

Não há hora cabalística para as invocações. A escolha é, pois, completamente indiferente. Os horários distanciados das ocupações cotidianas e por isso favorecidos pela tranqüilidade e a despreocupação são os preferíveis. Os Espíritos que prescrevessem, para uma reunião qualquer, as horas prediletas e consagradas, nos contos fantásticos, aos seres infernais, seriam, sem dúvida, Espíritos mistificadores. O mesmo se pode dizer com respeito aos dias que a superstição julga dotados de uma influência particular.

Nada se oporia, tampouco, a que as reuniões fossem diárias; mas haveria um inconveniente na freqüência demasiado intensa. Se os Espíritos censuram um apego exagerado às coisas deste

mundo, recomendam que não descuremos os deveres que nos impõe nossa vida em sociedade. Isto faz parte das nossas provações. Nosso próprio Espírito, por outro lado, tem necessidade, para a saúde do corpo, de não estar constantemente aplicado a um mesmo objetivo e, sobretudo, às indagações abstratas. Ele é capaz de aplicar uma atenção mais intensa quando não está fatigado. As reuniões semanais ou realizadas duas vezes por semana são suficientes. Elas se realizam com mais solenidade e recolhimento quando não são demasiado próximas. Falamos das sessões em que nos ocupamos de um trabalho regular e não das que um médium principiante consagra aos exercícios necessários para desenvolver-se. Estas não são, para bem dizer, sessões, são antes exercícios que revelarão resultados tanto mais rápidos quanto mais intensa for a aplicação. Uma vez, porém, desenvolvida a faculdade, é essencial não abusar dela, pelos motivos mesmos que acabamos de expor. A satisfação que a posse da faculdade traz a certos principiantes excita em alguns deles um entusiasmo que é muito importante moderar. Eles devem lembrar-se de que ela lhes é dada para o *bem* e não para satisfazer a curiosidade ociosa. E quando nos referimos ao *bem*, entendemos o de nossos semelhantes e não apenas o *nosso próprio*. Por esse motivo o médium que deseja entreter relações sérias com os Espíritos deve evitar prestar-se à curiosidade de amigos e conhecidos que vierem importuná-lo com perguntas ociosas; ao contrário, deve prestar um concurso solícito e desinteressado quando se trata de motivos justos. Proceder de outra forma seria agir pelo egoísmo, e o egoísmo é uma enfermidade.

Do local

Da mesma forma, não há lugares especiais e misteriosos para as reuniões espíritas. Deve-se, pelo contrário, evitar aqueles que, por sua natureza, forem próprios para impressionar a imaginação. Os bons Espíritos vão a toda parte onde um coração puro os conclama para o bem; e quanto aos maus, estes não têm predileção senão pelos locais onde encontram simpatias. Os cemitérios exercem mais influências sobre o nosso pensamento do que

sobre os Espíritos e a experiência demonstra que estes visitam tanto o quarto mais simples e destituído de aparatos diabólicos quanto os túmulos e as capelas em ruínas, em pleno dia como ao luar.

Se a escolha do local é indiferente, é conveniente mantê-lo e não fazer mudanças sem necessidade. O fluido vital de cada Espírito errante ou encarnado é, de certo modo, um foco que irradia em seu redor pelo pensamento. Concebe-se, pois, que em um local permanente deve haver um eflúvio desse fluido que forma, por assim dizer, uma atmosfera moral com a qual os Espíritos se identificam. O local realmente preferível seria aquele que, além de exclusivamente consagrado a essa prática, nunca fosse profanado por preocupações vulgares, pois que nele teríamos uma espécie de santuário de onde estariam excluídos os maus Espíritos. Aí os elementos da atmosfera moral não estariam, por outro lado, tão misturados como em um local qualquer.

A melhor disposição material é a que se revela mais cômoda e que pode ocasionar menos perturbações e distrações. Quanto aos objetos que servem à decoração, tudo quanto pode elevar o pensamento e lembrar o assunto de que nos ocupamos é útil. Mas note-se que todos os arranjos e ornamentações que cheirem à magia são absurdos, dizemos mesmo perigosos, pelas idéias supersticiosas que devem, necessariamente, alimentar. Repetimos aqui o que dissemos acima a respeito das horas: os Espíritos que recomendam decorações desse gênero, ou quaisquer práticas, são Espíritos inferiores que se divertem com a credulidade ou que se encontram, talvez, sob o império das idéias que tinham ainda em vida. Dissemos, e não é demais repeti-lo: para os Espíritos superiores o pensamento é tudo, a forma nada! É pelos bons pensamentos que os atraímos e não por fórmulas vãs. Os que ligam importância às coisas materiais provam, por isso mesmo, que ainda estão sob a influência da matéria.

Se, em outros tempos, cercava-se a evocação de mistérios e símbolos, era porque, de um lado, desejava-se mantê-la à distância do povo e, do outro, ganhar prestígio aos olhos dos ignorantes. Hoje a luz se fez para toda a gente e seria inútil querer cobri-la com um alqueire.

Tudo quanto dissemos com respeito às “reuniões” em que se trata de comunicações espíritas se aplica, naturalmente, às “comunicações individuais”. Eis por que não faremos menção especial a elas. O mesmo ocorrerá com o restante que temos a examinar. Tomamos por tipo as reuniões, pois que encerram condições mais complexas, condições de que cada pessoa pode tirar partido conveniente em casos particulares. Acrescentaremos que as reuniões, quando se realizam em boas condições, têm a vantagem de contar com muitas pessoas reunidas por um pensamento comum e, conseqüentemente, mais força para atrair os bons Espíritos, que apreciam achar-se em um meio simpático onde podem difundir a luz e o ensinamento. Há, todavia, circunstâncias em que eles preferem, e mesmo prescrevem, as comunicações em privado. O que temos de melhor a fazer, em tal situação, é nos conformarmos com o seu desejo.

Das evocações

Algumas pessoas julgam que devemos nos abster – sobretudo quando se trata de orientações de caráter geral – de evocar tal ou tal Espírito e que é preferível esperar o que quiser comunicar-se. Elas se baseiam na opinião de que chamando um determinado Espírito não podemos ter a certeza de que é ele quem se apresenta, ao passo que o que vem espontaneamente, por sua própria iniciativa, prova melhor sua identidade, pois que evidencia o desejo que o anima de se entreter conosco.

A nosso ver este ponto de vista é errôneo. Em primeiro lugar porque há sempre Espíritos em redor de nós e, o mais das vezes, de baixa condição, que não desejam outra coisa senão comunicar-se. Em segundo lugar, e por esta última razão mesma, não chamando nenhum em particular abre-se a porta a todos os que desejam entrar. Em uma assembléia, não dar a palavra a ninguém é entregá-la a todo o mundo e sabemos o que resulta disso. O apelo direto feito a um determinado Espírito é um laço entre ele e nós. Nós o chamamos pela nossa vontade e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos que podem, igualmente, induzir-nos a erros sobre sua identidade. Sem um apelo direto um Espíri-

to não teria, muitas vezes, nenhum motivo de vir a nós, se não é nosso Espírito familiar. De outro lado a experiência prova que, de qualquer modo, a evocação é preferível. Quanto à questão de identidade, dela falaremos dentro em pouco.

Esta regra, todavia, não é absoluta. Nas reuniões regulares, naquelas sobretudo em que nos ocupamos de um trabalho contínuo, há sempre, como dissemos, Espíritos assíduos freqüentadores, que se acham presentes sem serem chamados, prevenidos que estão em razão da regularidade das sessões. Eles muitas vezes tomam espontaneamente a palavra para escrever o que se deve fazer ou para desenvolver um assunto de conversa, e então é fácil reconhecê-los, seja pela forma de sua linguagem, que é sempre idêntica, quer por sua escrita, quer por certos hábitos que lhes são familiares, quer, enfim, pelos próprios nomes, que enunciam, ora no começo, ora no fim dos trabalhos.

Quanto aos Espíritos estranhos, a maneira de invocá-los é das mais simples: não há fórmula sacramental ou mística! Basta fazê-lo em nome de Deus, nos termos seguintes ou em outros equivalentes: *Eu rogo a Deus todo-poderoso que permita ao Espírito de...* (designá-lo com precisão) *comunicar-se conosco*; ou então: *Em nome de Deus todo-poderoso peço ao Espírito de... que venha se comunicar conosco*. Se ele pode vir obtém-se, geralmente, em resposta: *Sim*; ou: *Aqui estou!*; ou ainda: *Que desejas de mim?*

Fica-se às vezes surpreendido com a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo pela primeira vez: dir-se-ia que foi avisado. É, com efeito, o que se dá quando nos preocupamos, com antecedência, com a sua evocação. Esta preocupação é uma espécie de evocação antecipada, e como contamos sempre com nossos Espíritos familiares ou outros que se identificam com nosso pensamento, eles preparam os caminhos de tal maneira que, se não há nada que se oponha, o Espírito que desejamos chamar já está presente. Em caso contrário é o Espírito familiar do médium, ou de quem preside aos trabalhos, ou um dos freqüentadores habituais que vai procurá-lo, e para isso não lhe é preciso muito tempo. Se o Espírito evocado não pode se apresentar instantaneamente, o mensageiro (o Mercúrio, se o

quiserem) dá um prazo, algumas vezes de cinco minutos, um quarto de hora ou mesmo vários dias. Quando chega diz: *ele está aqui!* E então podemos dirigir-lhe as perguntas que desejarmos fazer.

Quando aconselhamos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos significar que essa recomendação deve ser tomada a sério e não com leviandade. Os que virem nessa prática apenas uma fórmula inútil e inconseqüente procederão melhor abstando-se dela.

Espíritos que se podem evocar

Podemos evocar todos os Espíritos, seja qual for o grau da escala a que pertençam: tanto os bons como os maus, os que deixaram a vida há pouco tempo como os que viveram nas idades mais remotas, os homens ilustres como os mais obscuros, nossos parentes, nossos amigos, como os que nos são indiferentes; mas não se pode dizer que eles queiram ou possam sempre atender ao nosso apelo; independentemente de sua vontade pessoal ou da permissão que lhes pode ser recusada por um poder superior, eles podem ser impedidos por motivos que nem sempre nos é dado penetrar.

Entre as causas que podem opor-se à manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras lhe são estranhas. É preciso colocar entre as primeiras suas ocupações ou as missões que ele desempenha e das quais não pode afastar-se para ceder aos nossos desejos. Neste caso a visita fica apenas adiada.

Há ainda sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento em certos momentos, sobretudo quando ela se realiza em mundos inferiores e quando o próprio Espírito é pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços do Espírito e da matéria são muito frágeis, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante e, de qualquer forma, mais fácil do que naqueles em que a matéria corporal é mais densa.

As causas estranhas dependem principalmente da natureza do médium, da pessoa que invoca, do meio no qual se faz a invocação e, finalmente, do objetivo que temos em vista. Certos médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados. Outros são aptos a servirem de intermediários a todos os Espíritos. Tudo isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito estranho; pode tomá-lo por intérprete com prazer ou repugnância. Isso depende ainda – abstração feita das qualidades íntimas do médium – do desenvolvimento da faculdade mediúnica. Os Espíritos se aproximam com maior boa vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material. O mesmo ocorre relativamente às condições morais: quanto mais facilidade tem um médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espírita.

É preciso ainda levar em conta a facilidade que o hábito de comunicar com tal ou tal espírito termina por desenvolver. Com o tempo o Espírito estranho se identifica com o médium e também com o que o chama. Pondo de parte a questão da simpatia, estabelecem-se entre eles relações semimateriais que tornam mais rápidas as comunicações; eis por que um primeiro entendimento não é sempre tão satisfatório quanto se poderia desejar, e é por isso também que os próprios Espíritos pedem tantas vezes que os chamem de novo. O Espírito que se apresenta habitualmente está como na própria casa: sente-se familiarizado com seus ouvintes e com seus intérpretes; fala e age mais facilmente.

Em resumo, ressalta do que acabamos de dizer: que a facilidade de evocar qualquer Espírito não implica, para ele, a necessidade de estar às nossas ordens; que ele pode vir em um momento e não em outro, com tal médium ou tal evocador que lhe agrade e não com tal outro; dizer o que quer sem poder ser constrangido a dizer o que não quer; ir-se embora quando lhe convém; enfim, que, por causas dependentes ou não de sua vontade, depois de ter-se mostrado assíduo durante algum tempo, pode de repente cessar de vir.

Da possibilidade de invocar os Espíritos desencarnados resulta a de invocar o Espírito de uma pessoa viva. Ele responde então como Espírito e não como homem, e muitas vezes suas idéias não são as mesmas. Estas espécies de invocações exigem prudência, porque há circunstâncias em que poderiam haver inconvenientes. A emancipação da alma, como se sabe, dá-se quase sempre durante o sono; ora, a invocação a provoca se a pessoa não está dormindo, ou, quando menos, provoca um entorpecimento e uma suspensão momentânea das faculdades sensitivas. Seria, pois, perigoso se nesse momento a pessoa se encontrasse em uma situação na qual tivesse necessidade de todo o seu raciocínio. Seria ainda perigoso se ela estivesse muito doente, pois que a moléstia poderia agravar-se. O perigo, de resto, se atenua pelo fato de o Espírito conhecer as necessidades de seu corpo e a elas se conformar, não se distanciando além do tempo necessário. Assim, por exemplo, quando vê que o corpo vai despertar, ele anuncia que será obrigado a retirar-se. Podendo os Espíritos reencarnarem-se na Terra, acontece muitas vezes que invocamos pessoas vivas sem o sabermos. Isso pode ocorrer em relação a nós mesmos, sem que o suspeitemos. Mas, então, as circunstâncias não são as mesmas e disso nada pode resultar de desagradável.

Podemos nos admirar de ver o Espírito dos homens mais ilustres, daqueles aos quais mal ousaríamos falar durante sua vida, atenderem ao apelo de homens simples. Isso pode surpreender apenas àqueles que não conhecem a natureza do mundo espírita. Quem estudou esse mundo sabe que a posição que ocupamos na Terra não nos dá, ali, nenhuma supremacia, e que lá o poderoso pode estar abaixo daquele que foi seu servidor. Tal é o sentido destas palavras de Jesus: “Os grandes serão humilhados e os pequenos exaltados”, e desta outra: “Todo aquele que se humilha será exaltado, e todo aquele que se exalta será humilhado”. Um Espírito pode, pois, não ocupar entre seus semelhantes a posição que nós lhe supomos; mas, se é verdadeiramente superior, deve ter despido todo o orgulho e toda a vaidade, e então olha o coração e não a aparência.

Linguagem que se deve usar com os Espíritos

O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica, naturalmente, o tom que se deve usar para com eles. É evidente que quanto mais elevados eles são, mais direito têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa submissão. Não devemos, pois, testemunhar-lhes menos deferência do que teríamos feito durante sua vida, mas por outros motivos: na Terra teríamos considerado sua posição e sua classe social; no mundo dos Espíritos nosso respeito não se dirige senão à superioridade moral. Sua própria elevação os coloca acima das puerilidades de nossas formas adadoras. Não é com palavras que se lhes pode captar a benevolência, mas com a sinceridade dos sentimentos. Seria, pois, ridículo dar-lhes os títulos que nossos usos consagram à distinção das classes e que, em vida, poderiam lisonjear-lhes a vaidade. Se, realmente, são superiores, não somente não darão importância a isso, como também se desgostarão. Um bom pensamento lhes é mais agradável do que os epítetos mais lisonjeiros. Se o contrário ocorresse não estariam acima da Humanidade.

O Espírito de um venerável eclesiástico, que foi, na Terra, um príncipe da Igreja, homem de bem, que praticava a lei de Jesus, respondeu um dia a alguém que o invocou dando-lhe o título de Monsenhor:

“Tu deverias dizer, quando menos, ex-Monsenhor, pois que Senhor só o é Deus. Fica sabendo que eu vejo pessoas que na Terra se ajoelhavam a meus pés e diante das quais agora eu me inclino”.

Quanto à questão de saber se se deve ou não tratar por tu os Espíritos, é ela muito pouco importante. O respeito está no pensamento e não nas palavras. Tudo depende da intenção que se tenha. Os usos não são os mesmos em todas as línguas. Pode-se, pois, tratar por tu os Espíritos segundo a sua posição ou o grau de familiaridade que existe entre eles e nós, como faríamos com nossos semelhantes.

Se os Espíritos não se deixam levar por palavras, gostam, em compensação, que se lhes agradeça a condescendência de se apresentarem ou de nos atenderem. Devemos, pois, agradecer-lhes, como devemos agradecer aos que se nos afeiçoem e nos protegem. É este o meio de induzi-los a continuar. Seria um erro grave acreditar que a forma imperativa pode ter sobre eles alguma influência: é, pelo contrário, um meio infalível de afastar os bons Espíritos. Rogamos-lhes, mas não lhes damos ordens, pois que eles não estão às nossas ordens, e tudo o que denuncia orgulho os repele. Os próprios Espíritos familiares abandonam aqueles que os desprezam e se mostram ingratos para com eles.

Por não estarem na primeira classe, os Espíritos por isto não merecem menos nossas atenções, sobretudo se nos revelam uma superioridade relativa. Quanto aos Espíritos inferiores, seu caráter nos indica a linguagem que convém usar com eles. Nesse número há os que, embora inofensivos e mesmo benevolentes, são levianos, ignorantes, estouvados; tratá-los em igualdade com os Espíritos sérios, como fazem certas pessoas, seria o mesmo que ajoelhar-se diante de um menino de escola ou diante de um asno embuçado com um gorro de doutor. O tom de familiaridade não seria impróprio com eles, e eles não se aborrecem com isto; ao contrário, prestam-se a este tratamento de boa mente.

Entre os Espíritos inferiores há Espíritos infelizes. Quaisquer que possam ser as faltas que expiam, seus sofrimentos são títulos maiores à nossa comiseração. Ninguém pode lisonjear-se de escapar a estas palavras do Cristo:

“Aquele que não tiver pecado atire a primeira pedra”.

A benevolência que lhes testemunhamos é um consolo para eles; na falta de simpatia, devem merecer a indulgência que quereríamos que tivessem conosco.

Os Espíritos que revelam sua inferioridade pelo cinismo de sua linguagem, por suas mentiras, pela baixeza de seus sentimentos, pela perfídia de seus conselhos, são, certamente, menos dignos de nosso interesse do que aqueles cujas palavras atestam o arrependimento. Devemos-lhes ao menos a piedade que concedemos aos maiores criminosos, e o meio de reduzi-los ao silên-

cio é nos mostrarmos superiores. Eles não se familiarizam senão com pessoas das quais julgam nada terem a temer. O caso aqui é falar-lhes com autoridade para afastá-los, o que se consegue sempre através de uma vontade firme, intimando-os em nome de Deus e com o auxílio dos bons Espíritos. Eles se inclinam diante da superioridade moral como o culpado diante do juiz.

Em resumo, tão irreverente seria tratar de igual para igual com os Espíritos superiores, quanto ridículo ter uma idêntica deferência para com todos, sem exceção. Tenhamos veneração e respeito para com os que os merecem, reconhecimento para com os que nos protegem e nos assistem, e para com todos, de um modo geral, a benevolência de que teremos, talvez um dia, necessidade, nós mesmos. Penetrando no mundo incorpóreo aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento deve nos guiar em nossas relações com os que o habitam. Os antigos, em sua ignorância, lhes elevaram altares. Para nós eles não passam de criaturas mais ou menos perfeitas e não prestamos culto senão a Deus (v. *Politeísmo* no Vocabulário Espírita).

Das perguntas que se devem dirigir aos Espíritos

Quem estiver bem compenetrado dos princípios que desenvolvemos até agora compreenderá, sem dificuldade, a importância, do ponto de vista prático, do assunto de que vamos tratar; ele é a consequência e a aplicação deles, e poder-se-ia, até certo ponto, prever-lhe a conclusão pelo conhecimento que a escala espírita nos dá do caráter dos Espíritos, segundo a posição que ocupam. Essa escala nos oferece a medida do que podemos pedir-lhes e do que devemos esperar. Um estrangeiro que viesse a nosso país com a crença de que todos os homens aqui são iguais em cultura e em moralidade depararia com muitas anomalias; mas isto ficaria explicado no momento em que compreendesse que cada um fala e escreve segundo suas aptidões; o mesmo se dá no mundo espírita. Desde que vemos os Espíritos tão diferentes uns dos outros, sob todos os pontos de vista,

compreendemos, sem trabalho, que todos não estão aptos para resolver todas as dificuldades e que uma pergunta mal dirigida pode expor a mais de uma decepção.

Estabelecido este princípio, deparar-se-nos-á a questão: convém dirigir perguntas aos Espíritos? Algumas pessoas pensam que devemos nos abster e que é preciso deixar-lhes a iniciativa do que querem dizer. Baseiam-se em que o Espírito, falando espontaneamente, expressa-se mais livremente, não diz senão o que quer, e assim ficamos mais certos de ter a expressão de seu próprio pensamento. Supõem que é até mesmo mais respeitoso deixar-lhe à livre escolha a lição que julgar conveniente ministrar.

A experiência contradiz essa teoria, como tantas outras nascidas quando do início das manifestações. O conhecimento das diferentes categorias de Espíritos estabelece o limite do respeito que lhes é devido e prova que, a não ser que estejamos certos de não tratar senão com seres superiores, seu ensino espontâneo não seria sempre muito edificante. Mas, posta de lado esta consideração e supondo o Espírito bastante evoluído para só oferecer ensinamentos elevados, essas lições seriam, freqüentemente, muito limitadas, se não fossem estimuladas por indagações. Assistimos muitas vezes a sessões destituídas de qualquer interesse, por falta de um assunto determinado. Ora, em definitivo, os Espíritos não respondem senão quando lhes convém; agindo convenientemente, não se faz nenhuma violência ao seu livre arbítrio. Eles mesmos, por vezes, provocam as perguntas, dizendo: “Que queres? Interroga e eu te responderei.” Em outras situações eles próprios nos interrogam, não para se instruírem, mas para nos porem à prova ou nos levarem a expressar mais claramente o nosso pensamento.

Reduzirmo-nos, em sua presença, a um papel puramente passivo seria um excesso de submissão que eles não exigem. O que desejam é atenção e recolhimento. Quando tomam espontaneamente a palavra, sem esperar perguntas, como dissemos linhas acima, tratando das evocações, é caso então de não desviá-los e seguir a linha que eles traçam. Mas como isso nem sempre se dá, é bom termos à nossa disposição um assunto preparado para o

caso de falta de iniciativa dos Espíritos. Regra geral: Quando um Espírito fala, não se deve interrompê-lo; e quando ele manifesta, por um sinal qualquer, a intenção de falar, devemos esperar e não interrompê-lo senão quando estamos certos de que nada mais tem que dizer.

Se, em princípio, as perguntas não desagradam aos Espíritos, há questões que lhes são soberanamente antipáticas e das quais devemos nos abster completamente, sob pena ou de não obtermos resposta ou de as obtermos deficientes. Quando dizemos que certas perguntas são antipáticas, queremos nos referir aos Espíritos elevados; aos espíritos inferiores, não escrupulosos, pode-se perguntar-lhes tudo que se quiser, sem melindrá-los, mesmo as coisas mais extravagantes. Respondem a tudo, mas como eles mesmos dizem: “À pergunta tola, resposta tola”, e louco seria quem os tomasse a sério.

Os Espíritos podem abster-se de responder por vários motivos:

- 1º) a pergunta pode desagradar-lhes;
- 2º) eles nem sempre têm os conhecimentos necessários;
- 3º) há coisas que lhes é proibido revelar.

Se, pois, não satisfazem a uma pergunta é porque não querem, não podem ou não devem. Seja qual for o motivo, é regra invariável que *todas as vezes que um Espírito se recusa categoricamente a responder, nunca se deve insistir*. Agindo de outra forma correremos o risco de obter a resposta por um desses Espíritos levianos, sempre prontos a meter-se em tudo e que pouco se incomodam com a verdade. Se a resposta não é exatamente a que desejamos, podemos solicitar ao Espírito que condescenda com o nosso desejo: ele o faz, algumas vezes, mas não cede nunca a exigências. Esta regra não se aplica às explicações que se podem e se devem mesmo pedir sobre um ponto qualquer quando não for suficientemente explícito. Quando um Espírito quer encerrar uma conversação, ele o indica geralmente por uma frase como: “Adeus, basta por hoje”, “É muito tarde!”, “Até outra vez”, etc. Esse encerramento é quase sempre sem apelação.

A imobilidade do lápis é a prova de que o Espírito partiu e então não se deve insistir.

Dois pontos essenciais devem ser considerados na formulação das perguntas: o fundo e a forma. Quanto à forma, elas devem, embora sem fraseologia ridícula, demonstrar as atenções e a condescendência que se devem ao Espírito que se comunica, se ele é superior, e nossa benevolência, se ele é nosso igual ou inferior a nós. De outro ponto de vista, elas devem ser claras, precisas, sem ambigüidade. É preciso evitar aquelas que comportam um sentido complexo. De preferência é melhor formular duas, se necessário. Quando o assunto requer uma série de perguntas, importa que elas sejam classificadas com ordem, se encadeiem e se sucedam metodicamente. Eis por que é sempre útil prepará-las de antemão, o que, de resto, como dissemos, é uma espécie de invocação antecipada, que prepara os caminhos. Meditando-as com vagar nós as formulamos e as classificamos melhor, e obtemos respostas mais satisfatórias. Isto não impede acrescentar, no curso da conversação, perguntas complementares, nas quais não se tivesse pensado, ou que podem ser sugeridas pelas respostas; mas o quadro está sempre traçado, e isto é o essencial. O que se deve evitar é passar repentinamente de um assunto para outro por perguntas sem seqüência e lançadas sem propósito no meio do assunto principal. Acontece também, muitas vezes, que algumas perguntas preparadas de antemão, na previsão de certas respostas, se tornam inúteis e, neste caso, passa-se adiante. Um fato que se apresenta também muito frequentemente é que a resposta se antecipa à pergunta e que, mal são pronunciadas as principais palavras desta, o Espírito responde sem deixar terminá-la. Algumas vezes mesmo ele responde a um pensamento expresso em voz baixa por alguns dos assistentes, sem que tenha sido feita uma pergunta e sem que o médium o saiba. Se não se tivesse a cada instante a prova manifesta da neutralidade absoluta deste último, fatos deste gênero não poderiam deixar nenhuma dúvida a esse respeito.

No que se refere ao fundo, as perguntas merecem uma atenção particular, segundo seu objeto. As perguntas frívolas, de pura curiosidade e de comprovação, são as que desagradam aos

Espíritos sérios. Eles as afastam ou recusam-se a respondê-las. Os Espíritos levianos, todavia, se divertem com elas.

As perguntas de comprovação são ordinariamente feitas por aqueles que ainda não adquiriram uma convicção e procuram, assim, certificar-se da existência dos Espíritos, de sua perspicácia e de sua identidade. Isto é, sem dúvida, muito natural da parte deles, mas erram completamente o seu alvo. E sua insistência a esse respeito resulta de sua ignorância dos fundamentos em que repousa a ciência espírita, fundamentos esses completamente diversos daqueles em que se firmam as ciências experimentais. Aqueles, pois, que desejam instruir-se na ciência espírita devem resignar-se a seguir um processo completamente diferente e a pôr de lado o procedimento habitual em experimentos. Se julgam não poder fazê-lo senão aplicando seus próprios processos, farão melhor abstendo-se. Que diria o professor a quem um aluno pretendesse impor seu método, que pretendesse prescrever-lhe agir desta ou daquela forma e realizar as experiências a seu jeito? Ainda uma vez a ciência espírita tem seus princípios. Aqueles que almejam conhecê-la devem conformar-se a eles. Em caso contrário não se podem dizer aptos a julgá-la. Esses princípios são os seguintes, no que concerne às perguntas de prova:

- 1º) Os Espíritos não são máquinas que fazemos mover à nossa vontade. São seres inteligentes que não fazem e não dizem senão o que querem e nós não podemos sujeitá-los aos nossos caprichos.
- 2º) As provas que desejamos ter de sua existência, de sua perspicácia e de sua identidade eles mesmos as dão, espontaneamente e de sua própria vontade, em muitas ocasiões; mas as dão quando querem e da maneira que querem; cumpre-nos esperar, ver, observar, e essas provas não nos faltarão: *é preciso pegá-las na passagem*. Se quisermos provocá-las é, então, que elas nos escapam, e nisso os Espíritos nos provam sua independência e seu livre arbítrio.

Este princípio é, de resto, o que rege todas as ciências de observação. Que faz o naturalista que estuda os costumes de um

inseto, por exemplo? Segue-o em todas as manifestações de sua inteligência ou de seu instinto; observa o que se passa, mas espera que os fenômenos se apresentem; não pensa nem em provocá-los nem em desviar-lhes o curso; ele sabe, aliás, que, se o fizesse, não os teria mais em sua simplicidade natural. O mesmo se dá com respeito às observações espíritas.

Segundo o que sabemos agora, compreende-se que não basta que um Espírito seja sério para resolver *ex-professo* toda questão séria; não basta mesmo, como vimos, que ele tenha sido sábio na Terra para resolver uma questão de ciência, visto que pode estar imbuído ainda dos preconceitos terrestres. É preciso que seja, ou suficientemente elevado, ou que seu progresso, como Espírito, se tenha realizado no círculo das idéias que desejamos submeter-lhe, progresso esse eventualmente bastante diverso do que nele pudemos observar durante a vida. Mas acontece também, e muito habitualmente, que outros Espíritos mais elevados vêm em auxílio daquele que interrogamos e lhe suprem a insuficiência; isto acontece principalmente quando a intenção do interrogador é boa, pura e destituída de pensamento preconcebido. Em suma, a primeira coisa a fazer, quando nos dirigimos a um Espírito pela primeira vez, é aprender a conhecê-lo a fim de julgarmos a natureza das perguntas que podemos dirigir-lhe com mais segurança.

Os Espíritos ligam, em geral, pouca importância às questões de interesse puramente material e às que concernem à vida privada de cada pessoa. Enganar-nos-emos, pois, se acreditarmos encontrar neles guias infalíveis que pudéssemos consultar a todo momento sobre a marcha ou o resultado dos nossos negócios. Repetimos ainda: os Espíritos levianos respondem a tudo. Eles pedirão mesmo, se quisermos, a alta ou baixa da bolsa, dirão se o marido que se espera será moreno ou loiro, etc., e tanto melhor se o acaso os faz acertar.

Não colocamos no número das perguntas frívolas todas as que são de caráter pessoal: devemos apreciá-las com bom senso. Mas, os Espíritos que melhor nos podem guiar neste particular são os nossos Espíritos familiares, os que estão encarregados de velar por nós e que, pelo hábito que têm de nos seguir, estão

identificados com as nossas necessidades. Estes, sem contradição, conhecem os nossos problemas melhor do que nós mesmos; é, pois, a eles que devemos nos dirigir para essa espécie de conselhos, e assim mesmo é preciso fazê-lo com calma, por um apelo sério à sua benevolência e não levianamente. Mas, perguntar essas coisas à queima-roupa e ao primeiro Espírito que se apresenta seria o mesmo que nos dirigirmos à primeira pessoa que encontrássemos em nosso caminho.

Nossos Espíritos familiares podem, pois, nos esclarecer e, em muitas circunstâncias, o fazem de modo eficaz; mas sua assistência não é sempre patente e material; é, o mais das vezes, oculta. Auxiliam-nos por uma multidão de advertências indiretas que provocam e que, infelizmente, nem sempre levamos em conta, donde resulta que muitas vezes devemos nos queixar de nós mesmos em nossas atribulações. Quando os interrogamos, eles podem, em certos casos, dar-nos conselhos positivos, mas, em geral, se limitam a mostrar-nos o caminho, recomendando-nos que não nos abalroemos, e têm, para isto, um duplo motivo. Primeiro, as tribulações da vida se não são o resultado de nossos próprios erros, fazem parte das provações que devemos sofrer; eles podem ajudar-nos a suportá-las com coragem e resignação, mas não lhes pertence desviá-las. Em segundo lugar, se eles nos guiam pela mão, para evitar todos os escolhos, que faríamos do nosso livre arbítrio? Seríamos como crianças colocadas em andadores até a idade adulta. Eles nos dizem: “Eis o caminho, segue a boa vereda. Eu inspirarei o que deves fazer de melhor, mas serve-te do teu juízo, como a criança se serve de suas pernas para andar.”

Os Espíritos podem predizer o futuro? Tal é a pergunta que nenhum noviço deixa de formular. Diremos, a este respeito, apenas uma frase: A Providência foi sábia ocultando-nos o futuro. De que tormentos essa ignorância não nos poupa! Sem contar que, se o conhecêssemos, nos abandonaríamos como cegos ao nosso destino, abdicando toda iniciativa. Os próprios Espíritos não o conhecem senão em razão de sua elevação, e eis por que os Espíritos inferiores, em seus sofrimentos, crêem sofrer para sempre. Os que têm conhecimento do porvir não o

revelam. Podem, quando muito, levantar uma ponta do véu que o cobre. Mas, então, fazem-no espontaneamente, porque julgam isso útil, nunca por solicitação nossa. O mesmo se dá relativamente ao nosso passado. Insistir neste ponto, como nos outros, quando recusam responder, é fazer-se joguete de Espíritos mistificadores.

Não poderíamos – sem reproduzir aqui o que encerra *O Livro dos Espíritos* – passar em revista todas as variedades de perguntas que é possível fazer. Enviaremos, pois, a ele o estudioso interessado nas questões que concernem ao futuro, às existências anteriores, às descobertas, aos tesouros ocultos, às ciências, à medicina, etc.

Médiuns pagos

Não conhecemos ainda médiuns escreventes que dêem consultas a tanto por sessão. Todavia eles podem surgir com o tempo e por isso parecem-nos úteis algumas palavras a esse respeito. Diremos, em primeiro lugar, que nada se prestaria mais ao charlatanismo e ao embuste do que semelhante mister. Se se têm visto falsos sonâmbulos, muito mais médiuns falsos se veriam, e só esta razão seria um motivo fundado de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais peremptória que se pode opor aos que não vêm nos fatos espíritas senão uma hábil artimanha. Não há charlatanismo desinteressado! Qual seria, pois, o objetivo das pessoas que usassem de embuste sem proveito? Com maioria de razão quando sua notória honradez as põe acima da suspeita? Se o lucro que um médium retirasse de sua faculdade pode ser um motivo de suspeição, não seria absolutamente uma prova de que essa suspeição seja fundada; ele poderia, pois, ter uma aptidão real e agir de muito boa fé, ao mesmo tempo em que se fazia retribuir. Vejamos se, neste caso, pode-se, razoavelmente, esperar um resultado satisfatório.

Se ficou bem compreendido tudo quanto dissemos acerca das condições necessárias a serem preenchidas por quem quer que deseja servir de intérprete aos bons Espíritos, acerca das circuns-

tâncias independentes da vontade deles, que são, muitas vezes, um obstáculo à sua vinda, das causas numerosas que podem afastá-los, enfim, de todas as condições *morais* que podem exercer influência sobre a natureza das comunicações, como poderíamos supor que um Espírito de alguma elevação pudesse estar, a qualquer hora do dia, às ordens de um negociante de consultas e submetido às suas exigências para satisfazer a curiosidade do primeiro que chegasse?

Conhece-se a aversão dos Espíritos por tudo quanto cheire a cupidez e egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais. E, depois disso, poderíamos admitir que eles ajudassem a comerciar servindo de intermediários? Isso repugna o pensamento e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita para crer que tal pudesse se dar. Todavia, como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e não procuram senão ocasiões para se divertirem à nossa custa, resulta daí que, se não somos mistificados por um falso médium, temos toda a probabilidade de sê-lo por alguns dentre eles. Estas poucas reflexões dão a medida do grau de confiança que se deveria conceder a manifestações desse gênero. De resto, para que serviriam hoje os médiuns pagos, visto que, se nós mesmos não somos dotados de faculdades mediúnicas, podemos encontrá-las em nossa própria família, entre amigos ou conhecidos?

O inconveniente que acabamos de assinalar não é o mesmo quando se trata de manifestações puramente físicas. A natureza dos Espíritos que se prestam a estas circunstâncias basta à nossa apreciação. Todavia, como a faculdade dos médiuns de efeitos físicos não está sempre à sua disposição, muitas vezes pode faltar exatamente quando tiverem horário marcado para satisfazer às exigências de seu público. A faculdade mediúnica, mesmo nesta área, não foi concedida para exposições em palcos, e todo aquele que pretendesse ter Espíritos às suas ordens, fossem ainda os da ordem mais inferior, para pô-los em ação à sua vontade, poderia, com razão, ser suspeitado de charlatanismo e de mistificação mais ou menos hábil.

Fique isto bem entendido todas as vezes que se virem anúncios de pretensas sessões de Espiritismo ou de espiritualismo a um determinado preço por entrada.

IX

Assuntos de estudo

Quando evocamos nossos parentes, nossos amigos e ainda personagens célebres da história, para comparar suas opiniões de além-túmulo com as que tiveram em vida, ficamos, por vezes, embaraçados para alimentar a conversação sem cair em banalidades e lugares comuns. Julgamos, pois, de utilidade sugerir fontes que podem fornecer temas, por assim dizer, ilimitados para essa troca de idéias.

O mundo espírita, como se viu, apresenta tantas variedades, do ponto de vista intelectual e moral, quanto a Humanidade; devemos mesmo dizer muito mais, pois que, qualquer que seja a distância que separa os homens na Terra, desde o primeiro degrau até o último, há Espíritos aquém e além desses limites. Para conhecer um povo é preciso vê-lo da base ao cimo, estudá-lo em todas as fases da vida, sondar-lhe os pensamentos, esquadrihar-lhe os hábitos íntimos, em uma palavra, fazer-lhe, por assim dizer, a dissecação moral. Só multiplicando as observações é que se podem apreender as analogias e as anomalias e assentar um julgamento por comparação. Quem poderia contar os volumes escritos sobre a etnografia, a antropologia e o estudo do coração humano? E, todavia, estamos ainda longe de ter dito tudo. O que se faz para o homem pode-se fazê-lo para os Espíritos, e é o único meio de chegar a conhecer esse mundo que nos interessa, tanto mais quanto a morte, a que todos estamos sujeitos, a ele nos conduz pela força mesma das coisas. Ora, esse mundo se nos revela pelas manifestações inteligentes dos Espíritos. Nós podemos, pois, interrogar-lhe os habitantes de todas as classes, não somente sobre generalidades, mas também sobre particularidades de sua existência de além-túmulo e, por aí, julgar do que nos espera, de acordo com o nosso procedimento aqui na Terra. Até recentemente a sorte que nos era reservada se constituía, para nós, objeto de simples ensino teórico. As manifestações espíritas põem esse destino a descoberto, no-lo fazem tocar com o dedo e com a vista, através de exemplos típicos os

mais empolgantes e cuja realidade não pode ser posta em dúvida por quem quer que lhe enderece um olhar perscrutador. A orientação impressa a estes estudos nos concede meios de constatar essa realidade.

Se a invocação dos Espíritos de homens ilustres e de Entidades superiores é eminentemente útil pelo ensino que nos ministram, a dos Espíritos comuns não o é menos, embora sejam estes incapazes de resolver questões de mais amplo alcance. Entretanto, eles se descrevem a si mesmos em sua inferioridade e quanto menor é a distância que os separa de nós, tanto maiores identificações encontramos com nossa própria situação. É, pois, do mais alto interesse, do ponto de vista psicológico e moral, estudar a posição daqueles que foram nossos contemporâneos, que seguiram os caminhos da vida, lado a lado conosco, cujo caráter, aptidões, vícios e virtudes conhecemos, fossem eles embora homens os mais obscuros. Melhor os compreendermos porque estão ao nosso nível! Eles nos oferecem, freqüentemente, traços característicos do mais alto interesse, e acrescentaremos que é nesse círculo, de certo modo íntimo, que a identidade dos Espíritos se revela de maneira mais incontestável. Esta é, como se vê, uma fonte inesgotável de observações, mesmo que não tomemos em consideração senão homens cuja vida apresenta alguma característica representativa, por exemplo, do ponto de vista do gênero de morte, idade, boas ou más qualidades morais, posição feliz ou infeliz na Terra, hábitos, estado mental, etc.

Relativamente aos Espíritos elevados, o quadro desse estudo se amplia. Além das questões psicológicas naturalmente limitadas, pode-se-lhes propor uma multidão de questões morais, que se estendem ao infinito, abarcando as posições da vida, a melhor conduta a ser seguida em tal ou tal circunstância, nossos deveres recíprocos, etc. O valor da instrução que se recebe sobre um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico depende inteiramente do Espírito que se interroga. A nós compete julgar.

Além das perguntas propriamente ditas, podemos solicitar, da parte dos Espíritos superiores, dissertações sobre assuntos propostos ou escolhidos por eles em uma série que lhes apresenta-

mos. Pode-se assim tomar por tema as qualidades, os vícios, as extravagâncias da sociedade, como a avareza, o orgulho, a preguiça, o ciúme, o ódio, a cólera, a caridade, a modéstia, etc. Espíritos pouco elevados, mas inteligentes, podem tratar de um modo feliz assuntos menos sérios, mas que nem por isso são menos interessantes: outros, enfim, podem, segundo sua aptidão e a facilidade de execução que o médium lhes apresenta, ditar obras de longo fôlego.

A maneira de fazer as perguntas e de coordená-las é, como acabamos de ver, uma questão essencial. Achar-se-ão numerosas ilustrações a esse respeito nos artigos publicados na *Revista Espírita*, sob o título de *Conversações familiares de além-túmulo*. Podem ser tomadas, como tipos de procedimentos a seguir, nas relações que quisermos estabelecer com os Espíritos.

X

Conselhos aos noviços

O conhecimento da ciência espírita se baseia em uma convicção moral e em uma convicção material. A primeira se adquire pelo raciocínio, a segunda pela observação dos fatos. Para o noviço seria lógico ver em primeiro lugar e raciocinar em segundo. Infelizmente nem sempre pode ser assim. Seria impossível fazer-se um curso de Espiritismo como se faz um curso de Química ou Física. Os fenômenos que são da alçada dessas ciências podem ser reproduzidos à vontade, pode-se, pois, fazê-los passar, gradualmente, diante dos olhos do aluno, partindo do mais simples para o mais complexo. O mesmo não se dá com os fenômenos espíritas: não os manejamos como uma máquina elétrica. É preciso tomá-los como se apresentam, pois não depende de nós determinar-lhes uma ordem metódica. Daí resulta que muitas vezes eles são ou ininteligíveis ou pouco concludentes para os principiantes. Podem causar admiração sem convenecer.

Pode-se evitar esse inconveniente seguindo uma marcha contrária, isto é, começando pela teoria, e esse é o processo que aconselhamos a toda pessoa que deseja honestamente se esclarecer. Pelo estudo dos princípios da ciência, princípios perfeitamente compreensíveis mesmo sem a experimentação prática, adquire-se uma convicção moral inicial que não necessita mais do que ser corroborada pelos fatos. Ora, como nesse estudo preliminar todos os fatos foram passados em revista e comentados, resulta disto que quando os vemos os compreendemos, qualquer que seja a ordem na qual as circunstâncias permitem observá-los.

Procuramos reunir nas nossas publicações todos os elementos necessários a esse fim, encarando a ciência sob todas as suas faces e dando, sobre as diversas questões, as explicações que o estado atual dos conhecimentos comporta. Uma leitura atenta de nossas obras será, pois, uma primeira iniciação que permitirá esperar os fatos ou fornecerá os meios de provocá-los com

conhecimento de causa, se nada se opuser, e isso sem nos perdermos nos ensaios que podem resultar infrutuosos por não serem dirigidos nos limites do possível. Nestas *Instruções Práticas* se encontrarão todos os princípios fundamentais necessários aos principiantes. Na *Revista Espírita*, além de explicações extensas, uma variedade considerável de fatos e de observações. Enfim, em *O Livro dos Espíritos* temos o próprio ensino dos Espíritos sobre todas as questões de metafísica e de moral que se relacionam com a doutrina espírita.

XI

Influência do Espiritismo

Os adversários do Espiritismo empregaram contra ele, a princípio, a arma do ridículo e taxaram, sem cerimônia, de loucos todos os seus partidários. Essa arma não apenas se revelou inócua, mas começou a tornar-se ridícula, tanto aumenta o número desses pretensos loucos em todos os países e de tal modo que seria necessário enviar aos hospícios os homens mais eminentes tanto por seu saber quanto por sua posição social.

Mudaram então suas armas e, assumindo um tom mais sério, apiedaram-se pela sorte reservada à Humanidade por essa doutrina, cujos perigos exaltaram, sem cogitar que proclamar o perigo de uma coisa é constatar-lhe a realidade. Se o Espiritismo é uma ilusão, para que tanto trabalho em combatê-lo? É ir contra moinhos de vento. Deixai-o tranqüilo e ele morrerá de morte natural. Mas, eis que, em vez de morrer ele se propaga com incrível rapidez e seus adeptos se multiplicam em todos os pontos do globo, a tal ponto que, se isto continua, haverá, em breve, mais loucos do que pessoas sensatas. Ora, quem contribuiu para esse resultado? Foram os próprios adversários que fizeram propaganda sem o quererem. Suas diatribes produziram o efeito do fruto proibido. Cada indivíduo cogitou de si para si; visto que se encarniçam tanto contra esse monstro, é porque há, então, um monstro. Raciocínio muito lógico! E, excitadas pela curiosidade, quiseram ver, ainda que fosse através dos dedos, tapando os olhos. Foi assim que muitas pessoas foram levadas a se interessar pelo Espiritismo, pessoas essas que, não fosse essa circunstância, não teriam, talvez, ouvido falar em tal coisa ou, quando menos, não se teriam ocupado com ela.

Se o Espiritismo é uma realidade é porque ele está na natureza, porque não é uma teoria, uma opinião, um sistema: ele envolve fatos. Se é perigoso é preciso dar-lhe uma direção. Não se suprime um rio, dirige-se-lhe o curso. Vejamos, pois, em poucas palavras, quais são esses pretensos perigos.

Ele pode, diz-se, produzir uma impressão prejudicial sobre as faculdades mentais.

Nós nos explicamos suficientemente no correr desta obra sobre a verdadeira origem desse perigo que promana, precisamente, dos que supõem combatê-lo inoculando nos cérebros fracos a idéia do diabo ou do demônio. A exaltação doentia pode também, todos sabem, ter origem em um motivo contrário a esse que estivemos a mencionar. Pondo-se de lado qualquer idéia relacionada ao Espiritismo, é comum ver-se cérebros perturbados por interpretações falsas do que se tem por mais sagrado e respeitável. Os jornais relataram, recentemente, o episódio ocorrido com uma moça do campo que, tomando ao pé da letra este texto evangélico: *se tua mão é causa de escândalo, corta-a*, decepou o punho a golpes de machado. Poder-se-á disto concluir que o Evangelho é perigoso? E aquela mãe que matou os filhos para fazê-los entrar mais depressa no paraíso, prova com seu ato que a idéia do paraíso é perigosa?

Em apoio desta acusação contra o Espiritismo citam-se algarismos e diz-se, por exemplo, que nos Estados Unidos, em uma só região, contam-se quatro mil casos de loucura causados por essas idéias. Perguntamos em primeiro lugar aos que adiantam fatos deste gênero, em que fonte os foram buscar, e se a estatística que estabelecem é realmente autêntica. Nós a julgamos tirada de alguns dos jornais do país que, como todos os nossos adversários, crendo ter o monopólio do bom senso, consideram cérebros loucos todos quantos crêem nas manifestações espíritas.

Não admira que, com semelhante critério, se tenham encontrado quatro mil casos. Mas esse algarismo nos parece muito modesto, pois é por centenas de milhares que se contam hoje em dia os espíritas. Edificai, pois, hospícios para toda essa gente! Mas, basta deste assunto, que não merece um exame mais sério. Examinemos uma acusação mais grave!

O Espiritismo, afirmam certas pessoas, arruína a religião. Tem-se muita razão de dizer que não há nada mais perigoso do que um amigo desassizado. Essas pessoas não pensam que, dizendo isto, elas mesmas atacam a religião em sua base fundamental: sua eternidade. Como! Uma religião estabelecida pelo

próprio Deus ficaria comprometida por alguns Espíritos batedores!? Admitis, então, o poder desses Espíritos, que, outras vezes, a vosso ver, não passam de ilusões? Ficai, pois, ao menos de acordo convosco mesmo. Se esses Espíritos são mitos, que tendes a temer? Se eles existem, de duas uma: ou os julgais muito poderosos ou julgais a religião muito fraca. Escolhei! Mas, direis, nós não tememos os Espíritos, não cremos neles, não receamos senão as falsas doutrinas daqueles que as preconizam. Seja! Mas, a vosso ver, os que crêem nos Espíritos são loucos. Então receais que loucos abalem a Igreja? Escolhei ainda. Quanto a nós, diremos que os que empregam essa linguagem não têm fé, pois não é ter fé no poder de Deus crer vulnerável por causas tão frágeis uma religião da qual Jesus teria dito: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

Vejamos, entretanto, em que a Doutrina é contrária aos princípios religiosos. Que ensinam esses Espíritos tão perigosos? Dizem isso:

“Amai a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos. Amai-vos uns aos outros como irmãos. Perdoai aos vossos inimigos; esquecei as injúrias; fazei a outrem o que quereríeis que vos fizessem. Não vos contenteis com o não fazer o mal, fazei o bem; suportai com paciência e resignação os sofrimentos da vida; bani do vosso coração o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ódio, o ciúme.”

Eles dizem ainda:

“Deus vos dá os bens da Terra para fazerdes bom uso deles e não para gozá-los como avarentos; a sensualidade vos rebaixa ao nível do animal.”

Mas Jesus também disse tudo isso; a moral deles é, pois, a do Evangelho. Ensinam o dogma da fatalidade? não! Eles proclamam que o homem é livre em todas as suas ações e responsável por suas obras. Dizem que pouco importa o comportamento aqui na Terra e que o destino é o mesmo depois da morte? De modo algum! Reconhecem as penas e as recompensas futuras; fazem mais, tornam-nas patentes, pois são os próprios seres, felizes ou

desgraçados, que vêm nos pintar seus sofrimentos e suas alegrias. É verdade que eles não as explicam exatamente como se faz entre nós; que não admitem um fogo material para queimar eternamente almas imateriais. Mas não importa se o fundo existe! A não ser que se pretenda que a forma deva sobrelevar ao fundo e o sentido figurado seja superior ao sentido próprio.

As crenças religiosas não se modificaram em muitas passagens das Escrituras, notavelmente nos seis dias da criação, que se sabe muito bem não serem mais seis vezes vinte e quatro horas, mas, talvez, seis vezes cem mil anos? Na antigüidade do globo terrestre, no movimento da Terra em redor do Sol? Tudo isso era, outrora, considerado como uma heresia, digna do fogo terrestre e celeste. E como a modificação da religião não é permitida pela Igreja, que atitude tomar depois que a ciência positiva veio demonstrar, não o erro do texto, mas a falsa interpretação que se lhe havia dado? O mesmo se dá com o inferno, que ela não coloca mais nos lugares subterrâneos da Terra, depois que ali se lançou um olhar investigador. A alta teologia admite, perfeitamente, a existência de um fogo moral. Ela não designa mais um lugar determinado para o purgatório depois que se sondaram as profundezas do espaço e pensa que ele poderia bem estar em toda parte, mesmo ao nosso lado! E a religião não sofreu com isso, pelo contrário, ganhou em não porfiar contra a evidência dos fatos. Não se deve julgá-la pelo que se ensina ainda nas escolas de aldeia, onde doutrinas superiores não seriam compreendidas. O alto clero é mais esclarecido do que o julga geralmente o mundo, e provou, em muitas ocasiões, que sabe, em caso de necessidade, sair dos velhos trilhos da tradição e dos preconceitos. Mas há pessoas que querem ser mais religiosas do que a própria religião e que a rebaixam pela mesquinhez de suas vistas. Para elas as exterioridades são tudo e prevalecem mesmo sobre a moral do Evangelho, que praticam muito pouco: eis aqui os que são mais perniciosos à doutrina cristã. E a doutrina espírita, em que lhe seria perniciosa? Ela explica o que era inexplicável, justifica a possibilidade do que se tinha julgado impossível, prova a utilidade da prece. Diz, entretanto, que a prece do cora-

ção é a única eficaz e que a dos lábios é um vão simulacro. E quem ousaria sustentar o contrário?

A não eternidade das penas! A reencarnação! Eis as pedras de escândalo! Mas se algum dia esses fatos se tornarem tão patentes e tão vulgares como o movimento da Terra em redor do Sol, será, afinal, preciso render-se à evidência como se fez em outras circunstâncias semelhantes. E pesquisando, mesmo agora, talvez seja difícil negar-se essa crença. Não haja pressa, pois, em pronunciar um julgamento que poderia ser demasiado precipitado e aproveitemos as lições da História.

O maior inimigo da religião é o materialismo. E esse não tem mais rude adversário do que a doutrina espírita. O Espiritismo já reconduziu ao Espiritualismo numerosos materialistas que, até então, haviam resistido a todos os argumentos teológicos. É que o Espiritismo faz mais do que argumentar: torna as coisas patentes! É o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas, pois que dá ao homem a convicção de seu destino futuro, e a este título deve ser acolhido como um benefício para a Humanidade.

Ele reanimou em mais de um coração a fé na Providência, fez renascer a esperança no lugar da dúvida. Fez melhor: arrancou mais de uma vítima ao suicídio, restabeleceu a paz e a concórdia nas famílias, acalmou ódios, amorteceu paixões brutas, desarmou a vingança e levou a resignação à alma do sofredor.

É subversivo da ordem social e da ordem pública? Uma doutrina que condena o ódio e o egoísmo, que prega o desinteresse, o amor ao próximo, sem exceção de seitas ou castas, não pode excitar paixões hostis e seria de desejar, para o sossego do mundo e a felicidade do gênero humano, que todos os homens compreendessem e praticassem tais princípios: não teriam nada mais que temer uns dos outros.

Eis para onde conduz a loucura do Espiritismo naqueles que, aprofundando esses mistérios, vêem nas manifestações outra coisa mais do que mesas que giram e demônios que batem.

Índice onomástico

- **André Martin** – filósofo francês nascido em Bressuire, Poitou, em 1621. Desencarnou em Poitiers em 1695. Membro da Congregação do Oratório, ensinou com sucesso a filosofia em Angers, depois em Saumur (1679) e ocasionou inúmeros aborrecimentos por adotar idéias de Descartes. Viu-se suspenso da Ordem sob a acusação de ser partidário do jansenismo. O bispo de Angers e o arcebispo de Paris, depois de terem feito uma investigação, reconheceram sua inocência e propuseram que lhe restituíssem seu posto. Todavia o rei se negou a voltar sobre a ordem que havia dado e Martin se retirou para Poitiers. Deve-se ao sábio oratoriano uma obra intitulada *Philosophia moralis christiana* – Angers, 1653 –, extrato metódico e muito bem feito das obras de Santo Agostinho sobre matérias importantes para o curso de uma filosofia cristã. Esta obra foi posta no Índice. Martin fez algumas modificações e publicou-a, sob o título de *Sanctus Augustinus, de existênciã veritatis Dei*, etc. – Angers 1656, 3 volumes.

- **Aristóteles** – filósofo grego (384-322 a.C.) nascido na Macedônia. Discípulo de Platão durante 20 anos, foi, depois da morte de seu ilustre mestre, encarregado por Felipe da Macedônia da instrução de seu filho Alexandre. Acompanhou seu discípulo à Ásia e veio depois fixar residência em Atenas, onde fundou a escola filosófica chamada “Peripatética”. Aristóteles é o gênio mais vasto da antigüidade: abrangeu todas as ciências do seu tempo e criou muitas que não existiam. Os seus principais tratados são: “Organon”, a “Retórica”, a “Política”, dois tratados de “Moral”, a “Poética”, a “História dos animais”, a “Física”, os “Meteoros”, o “Céu”, a “Metafísica”, etc.. Na Idade Média, Aristóteles era o oráculo dos filósofos e dos teólogos escolásticos. Morreu em Oálcis, na Eubeia, para onde se retirara depois da morte de Alexandre Magno.

- **Faria, José Custódio de**, abade (1756-1819) – conhecido na França sob o nome de “l’abbé Faria”, nascido em Condolim de Bardeu, Índia Portuguesa. Tomou parte ativa na Revolução

Francesca e mais tarde adquiriu a reputação de notável magnetizador. Chateaubriand alude a Faria em suas *Memórias de Além Túmulo* e Alexandre Dumas fez dele um dos principais personagens do célebre romance *O Conde de Monte Cristo*.

- **Fénelon** (Francisco de Salignac de La Mothe, 1651-1715) – ilustre prelado francês, arcebispo de Cambrai. Foi preceptor do duque de Borgonha, neto de Luiz XIV, para quem compôs o seu célebre “Telêmaco”. Escreveu ainda, entre outras obras: o “Tratado da existência e dos atributos de Deus”, “Fábulas”, “Diálogo dos mortos”, etc., obras familiares a Allan Kardec, que admirava e respeitava imensamente o autor. Fénelon viria a desempenhar importante papel entre a plêiade de Espíritos Superiores encarregados de dar corpo doutrinário ao Espiritismo.

- **Mercúrio** – Deus romano dos negócios e dos viajantes, filho de Júpiter, identificado com o Hermes dos gregos. Movimentar-se-ia com grande velocidade e tem asas nos pés.

- **Mesmerismo** – de Mesmer, nome próprio. Doutrina de Mesmer. Tratamento pelo magnetismo. Frederico Antonio Mesmer (1733-1815) foi médico alemão. Kardec estudava-lhe as teorias quando foi despertado pelos fatos espíritas.

- **Paracelso** (Philippus Aureolos Theophrastus Bombastus von Hohenheim, dito) – médico e alquimista suíço-alemão (Einsiedeln, Suíça, c. de 1493 – Salzburgo, Áustria, 1541). O epíteto Paracelso foi provavelmente criado por ele, com a conotação de superioridade a Celso. Estudou na Universidade de Basiléia, interrompendo seu curso para dedicar-se à investigação dos processos de mineração numa mina do Tirol. Observou os minérios e também as moléstias contraídas pelos mineiros, apresentando várias fórmulas para o tratamento. Retornou à Basiléia em 1526, onde lecionou (em alemão, contrariando o costume de dar aulas em latim) na universidade, criticando violentamente as obras de Galeno e Avicena e chegando a queimar solenemente as obras desses autores. Paracelso negava a medicina passada e contemporânea e expunha seus próprios métodos de tratamento das doenças. O sistema foi repudiado por não ser ele formado em medicina. Em 1528, passou a exercer medicina como itinerante,

percorrendo vários pontos da Alemanha e da Suíça. Fixou-se em Salzburgo em 1529, onde permaneceu até a morte. Sua terapêutica baseava-se na filosofia neoplatônica, na qual a vida do homem (microcosmo) está inseparavelmente ligada ao universo (macrocosmo).

Apesar do caráter fictício de suas teorias, Paracelso abriu caminho para a descoberta dos medicamentos específicos e quimioterápicos. Além disso, enfatizou o valor da observação e da experimentação científica dos fenômenos, preocupação que começava a ganhar significado nessa época. Em suas pesquisas de alquimia introduziu o ferro, o chumbo, o enxofre e o arsênico na química farmacêutica. Propugnava pela necessidade de os médicos serem versados também em ciências físicas, alquimia, astronomia e teologia. Segundo seus detratores, morreu em consequência de uma orgia de bebedeira; outros afirmam que foi derrubado numa ribanceira por capangas de médicos e farmacêuticos hostis. Escreveu obras médicas e místicas.

- **Pitágoras** – filósofo e matemático grego do século VI a.C., cuja existência é considerada problemática. Dão-no como nascido em Samos e fundador da seita dos pitagóricos. Partidário da metempsicose, professava moral elevada e obrigava os seus discípulos a viver austeramente. Não se sabe nada das suas descobertas matemáticas, geográficas e astronômicas, contudo atribui-se-lhe a invenção da tábua de multiplicação.

- **Ptolomeu, Cláudio** – Astrônomo grego nascido no Egito (século II de nossa era), autor de uma célebre “composição matemática” e de uma “geografia” que teve autoridade durante a Idade Média. O seu sistema, que fazia da Terra um corpo fixo no centro do Universo, foi arruinado pelo de Copérnico.

- **Swedenborg, Emanuel** – sábio sueco nascido em Estocolmo em 29 de janeiro de 1688. Depois de longa viagem de estudos, percorrendo a Inglaterra, Holanda, França e Alemanha, foi contratado para executar planos de máquinas no Departamento de Minas do seu país. Publicou trabalhos e dissertações sobre matemática, astronomia e geologia. Em 1734 apresentou em seus *Principia rerum naturalium* uma hipótese cosmogônica que

ficou célebre, malgrado certas extravagâncias. Em 1736 sentiu o afloramento de notáveis faculdades mediúnicas que faziam dele um dos mais eminentes precursores do Espiritismo. A seita por ele fundada persiste até os nossos dias. A teoria que concebeu sobre o papel e funcionamento do cérebro, publicada em 1740, contém idéias que detêm a atenção dos fisiologistas por suas singulares idéias. Desencarnou em Londres em 1772.

• **Tycho-Brahe** – Astrônomo dinamarquês (1546-1601), criador de um sistema astronômico diferente dos de Ptolomeu e de Copérnico. Levou, entretanto, muito a sério a astrologia, o que terminou por comprometer seu trabalho. Foi mestre de Kepler.

– 0 –

Notas:

¹ Este livro é, por ordem cronológica, a segunda obra espírita publicada por Allan Kardec. *O Livro dos Espíritos* fora lançado em 1857; *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* e a *Revista Espírita* datam de 1858. (Nota da Editora.)

² Erraticidade em português quer dizer o mesmo que erratibilidade, isto é, caráter do que é errático. Antônimo: sedentário, fixo. Nesse sentido muitas pessoas entenderam que, desencarnados, os espíritos são espécies de nômades, sem residência fixa, vagueando ao acaso. Essa concepção foi responsável pelo retraimento de muitos espíritas à descrição das colônias espirituais tais como “Nosso Lar”, etc., apresentadas nos livros de André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier, que entram em conflito com o sentido primeiro de “erraticidade”. Todavia os próprios dicionários já consignam o conceito espírita: “Erraticidade: estado dos Espíritos entre suas encarnações”. (N.E.)

³ Percebe-se aqui que Allan Kardec reservava acepções diversas para os vocábulos “Espírita” (o que se refere ao Espiritismo) e “Espiritista” (aquele que adota a doutrina espírita). Tendo em vista o fenômeno da evolução da língua, endereçamos uma consulta ao insigne gramático e filosófico Prof. Silveira Bueno, cuja resposta aqui transcrevemos: “As duas denominações são usuais, predominando ultimamente a primeira, sem que a segunda seja errada. Vamos explicar para que tudo fique bem claro: de “Espirit” (o) mais o sufixo nominal “ista”, que pode ser encontrado em biólogo, fogueiro, psicólogo, paulista, altruísta, teremos “espiritista”. Como se vê, é correto e bem feito o termo. Foi a influência da palavra espírito que determinou a existência de “espírita”, com acentuação proparoxítona, pois existe ainda a pronúncia paroxítona, rimando com “fita”. Esta surgiu da combinação de “espiritista” com “espírita”. As três formas, pois, são aceitas: *espírita* (proparoxítona), *espirita* (paroxítona) e *espiritista*”.

Escrevendo em *O Livro dos Médiuns*, três anos depois, isto é, em 1861, Allan Kardec já anota o seguinte: “Espiritista”: Esta palavra foi empregada a princípio para designar os adeptos do Espiritismo. Não foi consagrada pelo uso; prevaleceu o termo “espírita”. (N.E.)

⁴ Esta definição foi feita por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, XXXII. Ele grafa o verbete, tanto no singular quanto no plural, com maiúscula. (N.E.)

⁵ Observe o leitor que Allan Kardec oferece uma acepção própria e diversa do que ensina o Ocultismo, segundo o qual “Elementares” são Espíritos dos quatro elementos da Natureza. (N.E.)

⁶ Os vocábulos *Espiritismo* e *Espírita* (*Spiritism*, *Spiritist*) não são empregados nos países de fala inglesa. Nos fins do século passado foram muito correntes as expressões Novo Espiritualismo e Moderno Espiritualismo (*New Spiritualism*, *Modern Spiritualism*). Hoje, entretanto, empregam-se apenas “*Spiritualism*” e “*Spiritualist*” e isso embora o arrazoado de Kardec seja, relativamente à língua inglesa, tão oportuno, pleno de

bom senso e propriedade, quanto para o francês e o português. (N.E.)

⁷ Kardec escrevia em 1858. Em 1917 acontecia a revolução russa. Se entendermos “doutrina” por “conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político ou filosófico”, poderemos, hoje em dia, admitir o “materialismo” como erigido em doutrina nos países da área soviética. Cumpre lembrar, entretanto, que o “materialismo histórico” é antes uma concepção econômica da história, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. A esse respeito é bom recordar que, mesmo para alguns exegetas do marxismo, o “materialismo” de Marx já é muito discutível. (N.E.)

⁸ A faculdade de desenhar ou pintar, através dos Espíritos, é hoje denominada psicopictografia. (N.E.)

⁹ Por “Pneumatologia” entende-se o tratado dos Espíritos, dos seres intermediários que formam a ligação entre Deus e o homem. (N.E.)

¹⁰ Vide Nota Especial no fim deste capítulo.

¹¹ Ciência infusa: ciência que Adão recebeu de Deus. Diz-se da ciência adquirida sem estudo. (N.E.)

¹² Vide Nota Especial sobre a Escala Espírita, no fim do capítulo anterior: “Quadro sinótico da nomenclatura espírita especial”. (N.E.)

¹³ “Espirit-du-vin”, em francês: álcool. (N.E.)

¹⁴ Vide a palavra *Sonho* no Vocabulário Espírita.

¹⁵ Veja-se na REVISTA ESPÍRITA, meses de março, abril e maio de 1858, a narração e explicação das manifestações desse gênero. (*)

(*) Vejam-se também os trabalhos mais recentes dos escritores espíritas e sua abundante documentação. (Nota do editor francês.)

¹⁶ “Voir le bout de l’oreille” – ver a ponta da orelha, expressão corrente que se originou no fato de se representar os gnomo com orelhas pontiagudas. (N.E.)

¹⁷ Gurupés (Mât de beaupré) – mastro na extremidade da proa de navio. (N.E.)

¹⁸ Kardec refere-se à obra *La réalité des Esprits et le Phénomène merveilleux de leur écriture directe*, publicada pelo Barão L. Guldenstubbé em Paris, no ano de 1857, isto é, no mesmo ano em que foi editado *O Livro dos Espíritos*. (N.E.)

¹⁹ Um dos fatos mais extraordinários dessa natureza, pela variedade e estranheza dos fenômenos, é, sem contradição, o que se deu, em 1852, no Palatinado (Baviera Renana), em Bergzabern, perto de Wissembourg. Ele é tanto mais notável porque reúne pouco mais ou menos, e no mesmo indivíduo, todos os gêneros de manifestações espontâneas: barulho de abalar a casa, derrubamento dos móveis, objetos lançados ao longe por mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes, etc.; e, o que não é de importância medíocre, a verificação desses fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de fé por seu saber e posição social. Foi publicada a narração autêntica naquela época em vários jornais alemães e, notadamente, em uma brochura, hoje esgotada e muito rara. Achar-se-á a tradução completa dessa brochura na *Revista Espírita* de 1858, com os comentários e explicações necessários. Ao que sabemos, foi a única publicação francesa que se fez dela. Além do interesse empolgante que se prende a esses fenômenos, eles são eminentemente instrutivos do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

²⁰ Achar-se-á a explicação teórica deles na *Revista Espírita* número de maio e junho de 1858.

²¹ Teremos prazer em dar, pessoal e desinteressadamente, todas as vezes que isso for possível, conselhos de experiência às pessoas que desejarem se desenvolver como médiuns psicó-

grafos, desde que já tenham adquirido, preliminarmente, o conhecimento teórico da ciência espírita, isso para que não seja preciso partir do aprendizado mais elementar.

²² Esse curioso fenômeno pode ser verificado mesmo na mediunidade altamente desenvolvida de Francisco Cândido Xavier. (N.E.)